

LUIZ GONZAGA PINHEIRO

mesmo autor de:

O perispírito e suas modelações

Obsessão
Sexual

uma porta para a loucura

EDITORA
EME

Conheça a história de Isabelle, jovem reencarnada no Ceará e que, aos vinte anos de idade, já é vítima de severa obsessão sexual.

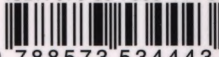
Dona de um bordel na França do século XIX, na figura de madame Rose, escravizava adolescentes e jovens mulheres com o único objetivo de acumular poder e riqueza, obrigando-as ao exercício sexual.

O ódio dos espíritos que não puderam encarnar devido aos abortos, a loucura dos encarnados que ali adquiriram o hábito do sexo descontrolado, o desejo dos vampiros sexuais que viviam ao redor do bordel e a sede de vingança das mulheres que se sentiam prejudicadas a encontraram depois do desencarne e a acompanham até os dias de hoje.

Fatos emocionantes, que começam com Isabelle tentando desesperadamente explicar ao dirigente mediúnico que não está louca, são apresentados neste importante relato de atendimento espiritual.

Obsessão Sexual

ISBN 978-85-7353-444-3



9 788573 534443

Obsessão
Sexual

uma porta para a loucura

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 300 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

Luiz Gonzaga Pinheiro

Obsessão
Sexual

uma porta para a loucura

Capivari-SP

- 2011 -

© 2010 Luiz Gonzaga Pinheiro

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita "Mensagem de Esperança", colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

4ª edição - agosto/2011 - Do 5.001 ao 6.000 exemplares

CAPA | **André Stenico**

DIAGRAMAÇÃO | **Editora EME**

REVISÃO | **Editora EME**

Ficha catalográfica elaborada na editora

Pinheiro, Luiz Gonzaga, 1948-

Obsessão sexual - uma porta para a loucura / Luiz Gonzaga

Pinheiro. - 4ª ed. ago. 2011 - Capivari, SP : Editora EME.

184 p.

1ª edição : ago. 2010

ISBN 978-85-7353-444-3

1. Literatura Espírita. Tratamento espiritual.
2. Um caso de obsessão. Trabalho mediúnico.

CDD 133.9

Dedicatória

Passei grande parte da minha vida ouvindo histórias sobre Chico Xavier. Ele jamais soube da minha existência devido à minha insignificância. Mesmo assim, sempre quis lhe dedicar algo. Este trabalho é para ele. Por isso, cada capítulo está atrelado a uma história que ouvi ou li sobre sua vida. Gostaria que as gerações futuras soubessem que existiu entre os espíritas um homem que foi fiel a todos os ensinamentos do Cristo.

Sumário

Introdução.....	9
A beleza do ato sexual.....	17
O posto de emergência.....	23
A visita de Isabelle.....	31
O aracnídeo gigante.....	39
Receita de equilíbrio	61
O conde Flaubert.....	69
Vampiros sexuais.....	85
O hindu.....	105
O evangelho no lar.....	125
Vínculo quebrado.....	147
Questionamentos finais.....	161
Um novo conceito de sexo.....	175
Conclusão.....	181
Alma estranha ou poema para o Chico.....	183

Introdução

Costuma-se dizer que a linha que separa a lucidez da loucura é muito tênue. Que acossado por sentimentos avassaladores, qualquer um adquire velocidade descomunal e a ultrapassa permanecendo durante alguns minutos sem a posse da razão. Quando volta à normalidade, pode trazer pesada carga de arrependimento e de remorso.

É assim que assassinatos são cometidos, roubos e furtos praticados, que se lança ao monturo a boa reputação, as amizades, as oportunidades, os esforços de uma encarnação inteira.

O desejo sexual, que desgovernado pode levar à loucura, deve ser objeto de demorada análise e de redobrados cuidados na sua utilização. Força a ser domada, quando inculta, pode ser responsável por ferimentos profundos, pois profundas são as feridas na alma.

Atingindo a intimidade do ser não afeito a disciplina, aturde-lhe os sentidos, turva-lhe as emoções, adoce-lhe os sentimentos, formando um quadro patológico gerado pela ausência da afetividade, do compromisso e do respeito pelo outro.

Entre os vampiros que perseguem os encarnados terrenos, muitos são viciados ou enlouquecidos pelo sexo desregrado. Buscam em motéis, onde se hospedam, ou em qualquer lugar onde o sexo é exercido sem as devidas reservas morais de seus praticantes, vítimas para delas extrair energias vitais, compartilhando com elas do ato, e a elas se acoplando, dividindo emoções e energias.

Por trás de uma compulsão sexual há quase sempre um ou mais indutores, que não se satisfazem com uma aventura esporádica. Querem repetência, variedade, degenerescência, dominação, humilhação, permanência no clímax do orgasmo, que acaba por enlouquecê-los.

Como muitos deles são hábeis hipnotizadores, conseguem dominar mentes frágeis com suas induções e fazê-las transgredir as leis naturais que devem orientar o exercício sexual saudável, empurrando-as para os excessos de toda ordem, no que se fragilizam e se tornam escravas de seus desejos.

O ato sexual, sob a gerência do amor, é uma afável troca de energias indutoras de calma e bem-estar. Ao final dele só restará algo de benéfico e de produtivo, sereno e belo, sob esta supervisão. Ao contrário, será apenas um ato mecânico, do qual pouco ficou de concreto para guardar ou recuperar.

Explico melhor através de um exemplo. Certa feita um velho amigo professor ficou desempregado e veio

até a casa do meu vizinho, também professor, pedir ajuda. Meu vizinho o atendeu gentilmente e lhe disse:

– Amigo, tudo quanto tenho é esta quantia. É sua. Se quando estiver bem, quiser devolvê-la a aceitarei. Se não quiser pagar é sua da mesma maneira.

Meu vizinho jamais se arrependeu de tê-lo ajudado e sempre que relembra este fato, revive a mesma alegria, recuperável, daquele momento.

O ato sexual é diferente. Seu *prazer* é irrecuperável diante das recordações. É fugaz, rápido, restando dele, se tiver sido orientado pelo amor, a boa lembrança, não o clímax do orgasmo.

Por isso os vampiros, querendo eternizar esse momento, enlouquecem, pois jamais conseguem. O cérebro é como um instrumento de uma orquestra. Com apenas sete notas musicais pode tocar milhões de melodias, pois foi feito para a diversidade, e quando tentam reduzi-lo à unidade, ou seja, a abrigar uma única ideia, ele adoece.

O atormentado pelo sexo tem sempre uma exagerada exigência de desejos e de fantasias sexuais que o impedem de controlar seus impulsos e sentimentos. Ao tentar assumir, sem sucesso, o controle de sua libido, é tomado por ansiedade ou depressão, fragilizando-se pela impotência em gerir sua vontade.

Ocorre que o Espírito tem caminhos diversos nos quais seus valores são construídos e aferidos, sendo um caso patológico situar-se ou paralisar-se em apenas

uma viela, a desaguar na loucura ou na obsessão.

Quando o relacionamento sexual é embasado apenas no ato mecânico que gera o prazer fugaz, sem envolvimento afetivo e sem respeito ao parceiro, forma um plugue no qual os vampiros facilmente se acoplam. Ligando-se ao chakra coronário, responsável pela vitalidade das células do pensamento, nele penetram através de ligação clandestina, semelhante a que determinados indivíduos fazem para roubar energia da rede elétrica, passando a sentir as mesmas sensações que o parasitado experimenta.

Com a hospedagem do invasor mental sempre haverá dreno de energia a seu favor, pois estará formado um campo ectoplásmico entre ambos no qual a energia se deslocará com grande facilidade, como que sugada pela mente que dirige o processo.

O homem ou mulher com compulsão sexual, sempre que emite seu pensamento carregado de prazeres vulgares lança no ar um chamado para vampiros sexuais. O procedimento é semelhante ao de uma cadela no cio que espalha um cheiro peculiar, cujo aviso pode ser interpretado pelos machos como: sexo à vista! Esse *odor* é detectado a longas distâncias atraindo parceiros que encontram quem o emitiu, de maneira certa.

A única maneira de afastar visitantes inoportunos na vivência sexual é praticá-la sob a orientação do amor. Assim o lar estará protegido pela armadura

fluídica que os sentimentos dos amantes constroem ao externá-los. Que o sexo seja utilizado como porta para reencarnações, troca de energias que acalmam corpos e Espíritos, suporte da afetividade, liga para construção de sonhos familiares, enfim, para unir e fortalecer o casal, mas que seja presidido pelo amor. Fora dele pode até parecer prazeroso, mas acabará enredado no tédio quando não na obsessão.

Este livro traz a história de Isabelle, jovem reencarnada no Ceará, que aos vinte anos de idade já é vítima de severa obsessão sexual. Dona de um bordel na França no século XIX, época em que Kardec lançava a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, fez inúmeros inimigos ao escravizar adolescentes e jovens mulheres obrigando-as ao exercício sexual, com o objetivo de acumular riquezas.

Sem escrúpulos, adotava ou comprava meninas, enganando os pais ao dizer que suas filhas seriam bem tratadas em sua casa; a outras aliciava com promessas de riquezas e a terceiras induzia descrevendo uma vida fácil e cheia de prazeres a serem vividos em sua companhia. Todavia o que as aguardavam era a escravidão sexual, o aborto, a agressão praticada por sádicos e loucos que se satisfaziam com a dor e a humilhação de suas vítimas.

Como tudo era feito para obtenção de posses materiais e de poder, acabou por gerar profunda dor em corações dilacerados, pois os abortos frequentes, as

mortes prematuras por hemorragias e por doenças venéreas, a desonra das famílias que tinham suas filhas prostituídas ainda meninas, levaram luto e revolta a muitos Espíritos.

O desespero que acometia as mulheres abandonadas e sem recursos, logo que adoeciam; o ódio dos Espíritos que não lograram encarnar devido aos abortos; a loucura que se entranhou nos encarnados que ali adquiriram o hábito de praticar o sexo animalesco; a quantidade enorme de vampiros sexuais que aos poucos se avolumou ao redor do bordel nos trinta anos de comércio carnal e a sede de vingança das mulheres que se sentiam prejudicadas, a encontraram depois do desencarne.

Paralelamente, as lágrimas das doentes de sífilis, mulheres honestas que se viram enfermas através dos desvios dos seus maridos, também a atingiram. As crianças sem pais, as enfermas sem assistência médica, a tristeza e a lágrima de quantos tiveram a infelicidade de um encontro com ela marcaram severamente seu rosto com profunda tristeza.

O pai desencarnado de Rose, personagem central desse drama iniciado na França, em sua primeira comunicação mediúnica disse-nos que o atendimento a ser ministrado a ela, tornar-se-ia possível graças à bondade de uma missionária chamada Joanna de Angelis. Que a seu pedido, algumas freiras nos auxiliariam no processo desobsessivo, já iniciado com sua aprovação e participação.

A história começa com Isabelle, antiga Rose, tentando desesperadamente explicar ao dirigente mediúnico que não está louca. O desenrolar do drama se segue nas páginas seguintes.

A beleza do ato sexual

Solicitado a opinar sobre o sexo, Chico, celibatário devido à missão mediúnica que não lhe permitia tempo para uma esposa e filhos, demonstrou o quanto entendia de amor e sexo ao comentar sobre o compromisso amoroso firmado entre duas pessoas.

— "Acredito que o compromisso sexual entre duas pessoas deve ser profundamente respeitado. Uma terceira pessoa em qualquer compromisso sexual é uma dificuldade a superar, porque não podemos esquecer que a lesão sentimental é, talvez, mais traumática do que uma lesão física.

Alguém que prometeu amor a alguém deve se desincumbir deste compromisso com grandeza de pensamento e sem qualquer insegurança. Não compreendo a promiscuidade, mas entendo perfeitamente o relacionamento de alma para alma, com o respeito que nós todos devemos uns aos outros".

Algumas pessoas consideram o exercício sexual um ato impuro; outras uma distração, uma conquista, um vício, uma obrigação. Mas as que são sábias o elevam ao nível de oração, de poema, de pura troca de sentimentos e emoções.

Não se vai ao encontro de quem se ama sem antes convidar a ternura e o respeito, dois companheiros assíduos do ato sexual saudável, ritual onde se unem

corpo e alma para a troca de energias psicofísicas.

Não se inicia o enlevo, obrigatório no ato sexual, sem esta boa lembrança: o sexo fez o lar e criou o belíssimo título de mãe, o mais nobre que uma mulher pode ostentar.

Não se conclui esse ritual delicado sem a certeza do compartilhamento, sem a convicção de acolher com responsabilidade e com afagos, o fruto que dele pode ser gerado.

Por isso pensemos no sexo como o jardineiro pensa em suas roseiras e o pastor em suas ovelhas. Nele o carinho é obrigatório e a vulgaridade deve ser inexistente.

Entendamos que o ato sexual deve ser encarado como um conto de fadas no qual um casal precisa chegar a um castelo onde viverão felizes para sempre. O importante nessa viagem não é apenas a chegada, mas os preparativos, a paisagem, as curvas, os montes, a relva tenra e as fontes que antecedem à chegada. Extasiados com os aromas do caminho, a chegada é o ápice da entrega.

Pode ser pensado também como o trabalho de um confeitiro, que precisando fazer um bolo especial para matar a fome de alguém muito amado, inicie misturando assim os ingredientes: uma pitada de ousadia, outra de criatividade, três quartos de amor, algumas gotas de deslumbramento, fermento para fazer corar, ternura a gosto, e carinho, muito carinho.

Não se convida para o leito do amor nem a pres-

sa nem lembranças amargas. Nele predomina o aqui e o agora, caminho a ser percorrido com passos lentos e suaves. O mundo fica lá fora com suas belezas e agressões. No amor não há eu ou tu, apenas nós, metades que se fundem em um momento mágico.

Ninguém deve se envergonhar por expressar o seu amor no ato sexual. Que se aproveitem os aromas, os toques, os sons, o visual, o calor, o gosto do beijo, os arrepios, os sinos que tocam longe, mas sempre com a devida consideração a si e ao seu parceiro. Às vezes o casal se abraça e fica a sentir o cheiro, a pulsação, a respiração do outro, quietinho, imóvel como se ambos fossem uma só pessoa. Isso é tão gostoso que os enche de felicidade e dá vontade de perpetuar o momento. Para sentir prazer com quem se ama basta às vezes um olhar.

Portanto, não se sinta na obrigação de fazer sexo todos os dias, como se houvesse assinado um contrato, uma obrigação. O amor não escraviza, pelo contrário, liberta. Faça sexo com frequência e amor sempre. Lembre-se de que a função sexual deve ser presidida pelo amor. E o amor é aconchego de almas.

Um toque no rosto, um "eu te amo", um verso aconchegante, uma flor, uma música calmante, um filme romântico, um abraço inesperado são, igualmente, maneiras de demonstrar amor.

Jamais esqueça de que o ato sexual, mesmo admitindo toda intimidade entre os amantes, é momento sagrado. É um presente que Deus nos deu para que pos-

samos expressar nossa intimidade e amor por quem elegemos como parceiro para uma vida inteira.

Considero prudente, tais lembretes antes de adentrar o drama aqui narrado, a fim de que alguma pessoa, inadvertidamente, venha a formar um conceito errôneo sobre o sexo, fonte de prazer e de vida, devido a equivocados que dele abusam. Que Emmanuel, Espírito que tantas lições nos ministrou sobre a responsabilidade frente às leis universais, possa concluir este pequeno texto.

O instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução. Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da natureza. De existência a existência, de lição em lição e de passo em passo, por séculos e séculos, na esfera animal, a individualidade, erguida à razão, surpreende em si mesma todo um mundo de impulsos genésicos por educar e ajustar às leis superiores que governam a vida. A princípio, exposto aos lances adversos das aventuras poligâmicas, o homem avança, de ensinamento a ensinamento, para a sua própria instalação na monogamia, reconhecendo a necessidade de segurança e equilíbrio, em matéria de amor; no entanto, ainda aí, é impelido naturalmente a carregar o fardo dos estímulos sexuais, muita vez destrambelhados, que lhe enxameiam no sentimento, reclamando educação e sublimação. Diante do sexo, não nos achamos, de nenhum modo, à frente de um despenhadeiro para

as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das formas físicas e a usina dos estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas que esposamos, em regime de colaboração mútua, visando ao rendimento do progresso e do aperfeiçoamento entre os homens (*Vida e sexo*).

O posto de emergência

Para melhor suportar suas dores na velhice, o que fazia sem reclamações, Chico gostava de contar a alguns amigos compadecidos de suas limitações frente ao corpo já frágil, a história de santa Teresa de Ávila: Ela abandonou a riqueza, entrou para um convento e saiu pelo interior, a pé, em lombo de mula, pelos pântanos, montanhas e florestas, fundando abrigos para famílias desamparadas. Um dia, ao tentar atravessar um rio, foi surpreendida por um temporal e quase se afogou. Ao escapar por milagre, viu a figura do Salvador, que lhe disse:

— Está vendo, Teresa? É assim que trato meus amigos mais queridos.

Ao que ela respondeu:

— Compreendo, Senhor. É por isso que os tendes tão poucos.

Há cinco anos meus instrutores me advertiram: Já é hora de situar o leitor espírita interessado nas reuniões de desobsessão dentro de uma reunião mediúnica. Traremos até o grupo casos de maior profundidade no campo da obsessão, que deverão ser tratados, sendo todo o processo gravado e grafado em livros. Nestes a atuação de médiuns, doutrinadores e passistas, bem como da equipe espiritual que os orienta será detalhada de tal maneira que o leitor se sinta dentro da própria

reunião. Ele deverá ter a sensação de que faz um estágio na sala mediúnica e de que aprecia a aplicação prática do que antes só conseguia imaginar à distância.

Iniciei esta tentativa com o livro *Desobsessão - A terapia dos imortais*, seguida de *Obsessão - Encontro marcado com a dor*, e de *Caçadores de ilusões*, daí para frente não parei mais, e só o farei quando me derem ordem para mudar de rumo.

Existem casos de obsessão que podemos chamar de severos, ou seja, que duram anos e exigem doutrinações cuidadosas e demoradas. Tais casos não podem ser tratados em reuniões de rotatividade, como as utilizadas normalmente em dias comuns, nas quais os envolvidos *se acertam* com pouca conversa.

Ódio enraizado e combates ferrenhos, que envolvem legiões de perseguidores, necessitam de muito tato e paciência, boa argumentação e persistência, a fim de convencer os litigantes de que nada é mais benéfico e produtivo do que a paz.

Foi com a finalidade de atender a casos dessa natureza que os instrutores do grupo espírita filiado ao Centro Espírita Grão de Mostarda, sediado em Fortaleza, capital do Ceará, solicitaram há alguns anos a ampliação do nosso quadro mediúnico e a criação de reuniões de emergência. Tais reuniões deveriam funcionar como unidades de terapia intensiva onde pudéssemos atender e dar continuidade ao tratamento de *pacientes graves*. Assim foi criado o grupo de desobsessão "Be-

zerra de Menezes" cuja prática ficou conhecida como emergência mediúnica.

Ampliar não é tudo. Foi necessário trabalhar arduamente a disciplina, a persistência, o estudo, fazer entender a todos os componentes do grupo que o lema adotado - compromisso assumido é compromisso cumprido - deve ser seguido sem vacilações.

Desde então, como por encanto, quando um caso é encerrado, outro já se encontra a espera, todos selecionados por eles, os instrutores, que podem avaliar melhor do que nós, a urgência, o merecimento, a gravidade e outras variáveis envolvidas no atendimento.

Se o setor de emergência dos hospitais terrenos multiplica os esforços para atender a dor material, há de se esperar o mesmo procedimento com relação às dores morais, vastas e profundas em um planeta qual a Terra, onde o mal ainda atormenta a maioria dos Espíritos encarnados e desencarnados.

Como a medicina acadêmica ainda sofre do mal da indiferença para com as dores morais, estas se avolumam, desmentindo diagnósticos que atestam saúde aos medicados apenas com drogas e bisturis. As dores da alma são imunes a analgesia ambulatorial. Somente com a transformação moral, a erradicação dos vícios com conseqüente aquisição de virtudes, vai o Espírito adquirindo a saúde necessária para sua maturidade e autonomia.

Este é um tema digno de constar nos compêndios

escolares, em currículos profissionais, em cursos, palestras, simpósios, seminários, ou seja, uma conversa para a vida inteira. Se todos nós temos um corpo e um Espírito e um exerce influência sobre o outro; se um pede satisfação de suas necessidades e o outro, transcendência, há de se planejar a harmonia entre ambos a fim de que o caminhar não apresente a instabilidade dos pernetas.

Quando o homem privilegia somente a face material da sua existência, corre o risco de se tornar vulnerável aos inimigos desencarnados. Estes se deslocam ávidos à procura de companheiros que lhes auxiliem na caça dos prazeres e excessos que já não podem praticar, senão através do auxílio e da parceria de robôs teleguiados.

Tais desocupados do Além buscam nos antros de vícios, aqueles que lhe servirão como meio de obtenção de bebidas, drogas, alimentos, sexo, escravizando-os através de induções habilmente ministradas. Recebendo os convites através dos sutis caminhos da mente, os invigilantes julgam agir por conta própria e inspirados por seus próprios desejos. Seus hipnotizadores os fazem pensar que são livres; repetem incessantemente aos seus ouvidos que a vida é para ser *vivida*; mostram vantagens no perigo e heroísmo no desatino; honradez na desordem e sabedoria na preguiça. Aproveitam-se, enfim, da imaturidade e da leviandade desses caminhanes desatentos para solapar-lhes as forças vitais, deixando-os

exaustos e sem inspiração para as tarefas redentoras.

O posto de emergência criado tornou-se assim o destino de obsessões tenazes, pois é raro que um Centro Espírita se dedique a este tipo de trabalho fecundo e continuado. Talvez a dificuldade na instalação desse procedimento seja a exigência de um grupo treinado, estudioso, afetivamente ligado e moralmente disciplinado.

Todavia, de tal forma sua necessidade é imperiosa, que os casos que ele atende não se limitam ao espaço geográfico da cidade onde se situa. Eles chegam através de cartas, telefonemas e da internet, oriundos de todo o país, e até de fora dele, e são selecionados pelos instrutores desencarnados. Tudo quanto os componentes do grupo fazem é colocar os nomes dos solicitantes em um livro destinado a esta finalidade. Se o caso será ou não atendido, depende da avaliação dos instrutores, que observam a necessidade da intervenção, o merecimento por parte do solicitante, a urgência do atendimento, enfim, se é conveniente que aquele paciente, naquele instante e naquelas condições, livre-se do fardo que carrega.

Contudo, sem qualquer desejo de criticar as pessoas que nos buscam, aconselharia a que procurassem, caso existam, os Centros Espíritas de sua cidade, hoje espalhados em milhares de municípios brasileiros. E já estando filiado a um deles, que confie em sua atuação.

Deus ocupa todos os espaços, ou seja, está em todos os lugares, o que nos dá a certeza de que sempre es-

cuta qualquer prece ou pedido sincero, mesmo estando o que ora, no fundo do poço mais profundo. Importa a maneira de orar, a lucidez do pedido, o merecimento do pedinte. Tenha ele a confiança de que, se seu pedido é justo, será atendido aqui ou alhures. Essa garantia vem de Jesus quando afirmou: a cada um será dado segundo suas obras; buscai e achareis; pedi e dar-se-vos-á.

Alguém poderá dizer mediante tais informações: e os bons Espíritos não estão aí para ajudar as pessoas? É certo que sim, mas mediante critérios. Em muitos casos de obsessão o obsidiado se sente bem com a companhia do obsessor, e mesmo quando os bons Espíritos o retiram, ele o chama de volta através dos seus pensamentos e desejos.

Em outros casos, a retirada do obsessor significaria o desencarne do obsidiado. Em terceiros, o obsessor é um freio à natureza agressiva do obsidiado e mais se complicaria a situação se *livre* ele estivesse. É urgente que este faça o esforço de renovação de hábitos e de atitudes, sem o qual, mesmo com a retirada do incômodo hóspede de sua casa mental, outro aventureiro pode invadi-la em substituição ao que partiu, pois uma porta aberta é um convite a quem passa.

Sem o esforço do paralítico, aquele despendido pelo paraplégico quando solicitou destelhar a casa onde Jesus estava; que a multidão o erguesse, e em seguida o baixasse, para ficar frente a frente com o Mestre e dele solicitar auxílio, não há garantia nenhuma de melhora.

Que o necessitado alimente a fé, sustente a esperança, busque incessantemente a elevação moral para receber a caridade, pois esta necessita de tais implementos.

Como os encarnados que participam do grupo de desobsessão não teriam como fazer tais avaliações, é fácil entender porque elas estão a cargo da equipe desencarnada. Lembramos ainda que as obsessões severas, geralmente, são motivadas por vingança, e neste caso, há muitos sentimentos em jogo, sendo o mais resistente deles, o ódio, que não se esvai com uma simples conversa.

É necessário convencer o Espírito vingativo de que não há vantagem na perseguição; que a lei de Deus deve seguir seu curso, justificando seu ofensor; que um revide mais complicará sua situação, pois adicionará ao seu sofrimento mais um resgate futuro. Com o decorrer das reuniões, quando os instrutores o submetem à regressão de memória, ocasião em que ele fica ciente de que não é uma vítima, ou seja, que fez algo semelhante ou pior a alguém, sua fúria arrefece.

Nesse instante, embora não demonstre de imediato, ele descobre o mecanismo da lei de causa e efeito; um pensamento oriundo dos subterrâneos de sua mente o previne de que ele sofreu por algo que fez a alguém; que se concretizou nele a advertência de Jesus quando afirmou: *quem com o ferro fere com o ferro será ferido*. É então que, mesmo a contragosto, demonstra certa humildade e reconhece sua pequenez diante

da Lei. Sente-se menor, o que equivale a dizer, sente a grandeza de Deus; que o mundo não está à deriva; que todos são observados em sua bondade ou maldade; que se recebeu o quinhão da lei relativo a uma má ação poderá receber outro por uma boa ação. A partir de então a doutrinação fica mais fácil, pois a rebeldia está domada e a fresta para o coração está aberta.

Geralmente, estabelecida a paz, são mais amigos que o grupo adquire. São momentos de emoção, às vezes tão profunda que as lágrimas não encontram barreira, espalhando pérolas sobre a mesa onde as batalhas verbais são travadas. É a alegria sem mácula, a sensação de estar em um mundo onde a bondade é a lei, a leveza de se sentir útil, amado, necessário.

Quem me dera que meus irmãos espíritas tivessem em cada Centro, um grupo de emergências, pois elas se avolumam sem atendimento, quais filas a espera de órgãos doados. Que o amor, esse sentimento ainda incompreensível em seu poder, nos renove a alma e nos conduza aonde o trabalho nos requisite a ação. E que jamais nos acomodemos diante da dor dos necessitados.

A visita de Isabelle

Certa feita, um guru indiano, procedente das montanhas do Himalaia, veio ao Brasil para difundir a meditação transcendental. Os amigos do médium quiseram saber a sua opinião sobre tão importante tema. Foi então que Chico contou a seguinte história:

— Às margens do Ganges vivia um guru que se propunha a meditar e a jejuar até que conseguisse cruzar as águas do rio sagrado, levitando o corpo. Nesse esforço empreendeu dez anos de sua vida, até julgar-se apto a fazer a travessia a seco.

No dia escolhido, certo de que conseguiria voitar sobre a superfície líquida, caminhou resolutamente e, para espanto de muitos, realmente chegou enxuto no outro lado do rio. Ao pisar a outra margem, embora com o coração cheio de júbilo, perguntou ao seu guia por que foram necessários dez anos para flutuar sobre as águas do rio sagrado.

Muito simples, respondeu-lhe o Espírito, "não terias esperado tanto se há dez anos tivesses construído aí uma pinguela para fazer essa travessia..."

Eu havia chegado a minha casa, feliz por ter um mês de férias do trabalho profissional, quando de repente o telefone me traz a voz de velha amiga, solicitando algum tempo para que pudesse escutá-la. Confirmando a disponibilidade, ela passou a contar-me uma fração da história de vida de Isabelle, uma jovem

de apenas vinte anos de idade, que de repente, entrara em crise de identidade, na qual fracassaram todos os tratamentos até então ministrados a ela na tentativa de uma melhora para seu corpo.

– Ocorre - disse-me a amiga - que o problema é na alma, e somente agora sua família rompeu a barreira do medo e resolveu buscar auxílio na Doutrina Espírita. Sente-se porque a história é longa e preciso resumi-la.

"Ela está completamente alienada. Não diz coisa com coisa. O pai, primeiramente, tentou a Igreja a qual frequenta; depois um psicólogo, e diante da piora, quer consultar um Centro Espírita. Como pouco entende acerca do Espiritismo e não sabe o que encontrará dentro da casa espírita, pediu-me ajuda para encaminhá-la.

"Estamos diante de um pai desesperado e de uma filha inquieta; de uma menina que ora fala como um suplicante e ora quer se impor como um arrogante; que afirma ter um Espírito superior dentro dela, mas que suas atitudes demonstram o contrário; temos, neste caso, alguém perdido, que mistura palavras de maneira recorrente e incessante, deixando o ouvinte sem paciência por não obter nada de concreto do que é escutado.

"A impressão que tive é que ela trava uma dura batalha pela lucidez. Nessa luta para não se afogar, ora ela emerge e em rápida respirada fala por si própria. Mas logo seu obsessivo a puxa de volta e a domina. Nesse instante é ele que fala.

"Sua família está em desespero. Seu pai chora, sem saber o que fazer. Penso que veio às nossas mãos um caso intrigante e profundo, desses onde o obsidiado é enredado rapidamente sem chance de defesa; um drama capaz de contaminar com o medo e a incerteza toda família envolvida. Um desses casos que vem para mudar radicalmente os conceitos e as atitudes de um lar.

"Prometi ao pai dela que a levaria logo à noite para o Centro Espírita; gostaria que você a escutasse e, se possível, colocasse seu nome no livro de preces e vibrações."

Concordei de imediato com a velha amiga e compareci mais cedo à reunião a fim de escutar a jovem citada. Todavia, lá estando, fui notificado de que uma jovem se encontrava na calçada, a falar alto e sem nexos, recusando-se a adentrar a abençoada oficina de trabalho.

Ao abordá-la disse-lhe que não seria necessário entrar no Centro, que bastava sentar-se no banco do jardim e conversar um pouco sobre o assunto que ela preferisse, pois não estávamos ali para obrigá-la a fazer coisa alguma, muito menos algo fora do seu interesse.

Ela sentou-se no banco, mas exigiu que todos se afastassem dela. Eu deveria escutá-la sem interferir, no que concordei. Disse-me que precisava de ajuda e que fizera coisas reprováveis. Mostrou-me hematomas, narrando que quiseram tirar o Espírito superior que estava dentro dela. Todavia a recorrência e a redundância eram notáveis.

Gravitava em torno de ideias fixas, dando a entender que algo sério e cristalizado saíra do dique mental e se instalara em seu consciente, perturbando-a. Essa ocorrência é comum quando obsessores fazem aflorar o passado de alguém com sua simples presença ou com atuação hipnótica.

A jovem tinha o olhar triste e tardo dos obsidiados. Parecia lutar desesperadamente contra a subjugação iminente. Quando predominava algum lampejo de lucidez, logo retornava a influência exterior, de alguma ou de várias entidades, sobre ela. O conflito mental estava instalado, e pela maneira como se desenvolvia, sem ajuda espiritual, a derrota logo se definiria para o seu lado.

Prometi ajudá-la no que pudesse e a deixei entregue ao acompanhante que a trouxera. Nada disse sobre o ocorrido quando adentrei a reunião, pois acontecimentos graves podem impressionar pessoas e, no caso de médiuns, confundi-los, fazendo-os relacionar o que ouviram e os impressionaram com alguma comunicação que recebiam.

Naquela noite, toda a reunião estava reservada, como viemos saber através dos instrutores, aos suicidas recolhidos e, posteriormente, destinados a tratamentos especializados. Ouvimos o grito pavoroso e os estertores de uma jovem adolescente que se atirara sob as rodas de um trem; o desespero de alguém que ateou fogo ao próprio corpo; assistimos ao gesto repetido

de um homem que atirara ao ouvido. Ele levava a mão ao ouvido atirava e caía.

Como tais comunicações exigem bastante das energias dos médiuns, logo que um suicida despertava, recebia o choque anímico e escutava algumas palavras de conforto, era *desligado*, seguindo-se ligeiro período de recuperação do médium para o atendimento seguinte.

Qual coração de mãe, que sempre consegue uma maneira de agradar os filhos, Kröller, um dos nossos instrutores desencarnados, separou uma parte do tempo para dedicar à jovem que nos visitara tangida pela dor. Uma das médiuns a visitou a fim de descrever seu clima psíquico e suas companhias espirituais.

— *A jovem encontra-se em uma espécie de ambiência gosmenta e leitosa. Ao seu redor vejo teias muito semelhantes às fabricadas pelas aranhas. Noto que seu perispírito está encharcado e seus centros de força não conseguem distribuir as energias vitais convenientemente. Pela atmosfera repelente que a envolve diria que o estado é grave.*

"Em sua área sexual, e mais concentrada em sua genitália, essa gosma semelhante ao esperma, é abundante. Vejo também, a existência de pequenas larvas, quais se fossem minhocas, que fervilham atraídas por alimentação generosa. E agora, o mais grave: Kröller mostra a presença de Espíritos alucinados, completamente loucos, aferrados à área sexual da jovem.

"Não restam dúvidas de que estamos diante de um drama profundo cuja motivação é o sexo desregrado. Certamen-

te, a julgar pela idade cronológica da jovem, sua gênese é de outras existências, mas os efeitos, sérios e graves, repercutem dolorosamente nesta.

"Tibiriçá afirma que vai comigo capturar um dos infelizes que está acoplado à genitália da garota. Dizendo isso me toma pela mão e sinto-me sufocar numa espécie de piscina gelatinosa de incrível fedor. Que coisa horrível! Estou sufocando! É como se eu atravessasse um rio de um muco pegajoso no qual meus movimentos são lentos. Só consegui com a ajuda dele. O louco vai se aproximar de mim para que você veja o estado de perturbação em que se encontra.

"Kröller diz que ele nada ouvirá do que você falar, pois está focado em sua loucura. Na tentativa de reter o momento do orgasmo, no que repetidamente se empenhava, se exauriu, enlouqueceu, deixando seus nervos em frangalhos. Seu cérebro perispiritual, preparado para a diversidade, a beleza, a instrução e o amor, não resistiu ao império de uma paixão que o consome."

— Se ele não me ouvirá, qual a função da comunicação?

- Observação visual. Você verá através do meu corpo o quanto este infeliz comprometeu-se em seus abusos. A comunicação será breve, pois ele será capaz de subtrair-me energias vitais e utilizá-las para mais fortemente imantar-se a jovem que vampiriza.

O que conseguimos ver através do rosto e do corpo da médium foi intensos tremores, grunhidos, excitação ao extremo, loucura de quem tenta agarrar a

água com as mãos, sem se convencer de que faz algo impossível. O tremor era tanto que a cadeira pesada na qual a médium sentava, balançava, obrigando-nos a segurá-la. Não havia nenhuma dúvida de que ali estava um louco a ser manietado através de uma camisa de força ou sedado ao seu próprio benefício.

Em seguida Tibiriçá trouxe outro perseguidor da jovem, mas lúcido, consciente de sua atuação sexual, do malefício que causava.

— *Por que me tirou de lá? Se não gosta da fruta não impeça que outros a provem.*

— Mais respeito! Isso é uma casa de oração e não o escoadouro de suas sandices. Está aqui para ser interrogado sobre suas atitudes reprováveis e não para exigir direitos que não possui.

— *Quer saber se eu estava com a moça? Estava sim! Bem agarradinho! E de lá não saio nem na peia!*

— Sair, você já saiu. Voltar é que eu duvido. Tenho aqui um remédio preparado pelos meus amigos, que provoca coceira e queimação. Faz também com que qualquer um tome decisões rápidas e acertadas. Estou passando um pouco do preparado em sua pele e daqui a dez segundos me responda se quer voltar para onde estava ou não.

Lançada a indução mental, concentrei a mente nesse objetivo, ao mesmo tempo em que ministrava passes envolvendo todo o corpo da médium. Ela foi começando a se contorcer, acelerando os movimentos,

culminando com o pedido de água, pois tinha a pele açoitada por urticárias. Repeti a pergunta:

– Ainda vai voltar para junto da moça?

Depois de alguns instantes de silêncio ele respondeu:

- *Não!*

Então o entreguei aos cuidados dos guerreiros de Tibiriçá.

Pelo ocorrido estávamos diante de mais um caso doloroso, que exigiria de todos nós, os trabalhadores da desobsessão, uma boa temporada de oração e vigília, mandamentos básicos de quem adentra uma reunião desse estilo. Mas, aos poucos, estávamos nos acostumando com aquela rotina.

O aracnídeo gigante

Em uma noite em que estava exausto, após atender dezenas de sofreadores para ter direito às três horas costumeiras de sono, Chico foi interrompido por um Espírito trevoso que lhe disse:

— Você me chamou?

Quando já ia dizer que não, Emmanuel surge repentinamente e lhe adverte para dizer que sim.

— Chamei, sim senhor.

— E o que você quer?

— É que a vida está tão difícil que eu queria que o senhor me abençoasse em nome de Deus ou em nome das forças nas quais o senhor crê.

O invasor ficou sem saber como reagir e para não perder a viagem resmungou:

— É só a gente aparecer que você cai de joelhos.

E desapareceu como fumaça.

Iniciamos a reunião com o firme propósito de auxiliar uma enferma da alma, uma encarnada que nos fora confiada por Espíritos bondosos, que por sua vez, haviam recorrido a nossos instrutores. Na verdade, mesmo sem pedido algum, agiríamos da mesma forma, pois já entendemos que o trabalho por um mundo melhor é obrigação de todos. Como nossa área de atuação é a mediunidade, nela nos exercitamos.

Feita a prece inicial, uma das médiuns logo deixou que a voz de alguém sofrido, expressasse sua dor.

– *Não! Não deixem que retirem meu filho!*

– Claro que não! Ninguém tocará em você nem em seu filho, pois ambos estão sob nossa proteção. É seu primeiro filho?

– *Sim! Tenho apenas dezesseis anos.*

– Em que cidade você vive?

– *Sou francesa, mas não sei onde estou. A madame quando me trouxe vendou meus olhos para que não voltasse para casa.*

– Ela a trouxe de onde?

– *Da cidade em que eu morava. Ela deu algum dinheiro ao meu pai e prometeu que me trataria bem em sua casa; que nada me faltaria e que, inclusive, conseguiria um bom casamento para mim. Mostrou um futuro promissor que jamais quis me proporcionar e agora quer me arrancar o filho.*

– Então ela comprava moças para explorar sexualmente?

– *Isso mesmo. Visitou-nos em uma carruagem luxuosa, enganando-nos quanto ao meu destino. Meu pai aceitou ceder-me porque julgava que eu trabalharia como governanta em algum castelo ou casa abastada. Não permita que retirem meu filho. Tentei esconder a gravidez, mas ela descobriu e quer me forçar a fazer o aborto.*

– A madame é uma mulher jovem?

– *De meia idade. Deve ter uns quarenta anos. Existem aqui outras mulheres jovens como eu. Compradas, aliciadas, enganadas, atraídas por uma vida fácil que nunca chega. To-*

das são infelizes e convivem com os maus-tratos dos homens, as doenças, a exploração sexual e o aborto. Quem adocece é descartado sem piedade. Vai morrer na sarjeta. Quero viver e criar meu filho.

– Prometo-lhe que tudo faremos para protegê-los.

– *Um índio? Que ele faz aqui?*

– É um amigo chamado Tibiriçá. Ele vai ajudá-la no que for preciso.

– *Está colocando uma luz sobre mim. Ela me acalma; faz-me sentir leve; dá-me um bem-estar que há muito não sentia.*

– Se quiser dormir, esteja à vontade. Está em segurança. Deus velará por nós.

A jovem adormeceu e dirigi-me para outra comunicante, que irritada, recusava-se a abrir uma porta.

– *Não abro a porta! Quero ver se essa louca vai botá-la abaixo. Já disse que estou doente! Não aguento trabalhar hoje.*

– Quem a está obrigando a trabalhar doente?

– *Essa louca que nos escraviza. Ela é dona do bordel, e não do mundo. Hoje não estou para ninguém. Com tantas dores no corpo não sirvo como companhia para alegrar homem nenhum.*

– Que tipo de doença você tem?

– *O cliente que veio a mim ontem não queria sexo, mas despejar sua maldade em alguém. No lugar de usar-me, bateu-me, esmurrou-me, deixou-me cheia de hematomas. Veja como estou toda roxa de pancadas. Essa infame ainda quer que eu trabalhe nessas condições. No dia em que essa peste morrer vai ter bela surpresa no inferno.*

– Poderia me descrever a casa, por favor?

– *É uma casa grande, cheia de quartos, separados por um longo corredor. Cada quarto pode ser ocupado por um casal para fazer sexo. Os mais luxuosos são para clientes especiais. Na frente fica o salão de dança e, mais ao lado, as bebidas. Ela quer que a gente se arrume, faça o cliente beber e gastar o máximo. Não temos porcentagem quanto a isso.*

– A madame vive só ou tem um amante?

– *Teve. Hoje vive só.*

– Pode dizer o nome dela?

– *Rose.*

Submetida à regressão de memória, a mulher foi revelando seu drama.

– Você foi comprada?

– *Não. Cheguei aqui tangida pela necessidade. Ela achou que eu tinha um corpo bonito e que me ajustava a essa profissão. Maldito momento o que aceitei.*

– Conseguiu sair do bordel?

– *Não como eu queria. Peguei uma doença venérea. Meus órgãos genitais adquiriram pústulas e corrimentos. Ninguém me queria mais, com medo de infecções. Fui expulsa do bordel e morri na miséria. A madame só quer mulheres novas e sadias. Só se interessa por lucros.*

– Estamos em um hospital e nossos médicos vão examiná-la. Aqui há medicamentos para qualquer doença, seja ela transmitida através do ato sexual ou não.

– *Estou envergonhada. Não queria que esses homens de branco me examinassem. Posso ser atendida pelas freiras?*

– Claro. Elas são ótimas enfermeiras. Saberão como cuidar de você.

As primeiras comunicações vão formando um painel do drama a ser trabalhado e fornecendo subsídios para que se entenda o contexto e a personalidade dos envolvidos. Como a protagonista era Rose, queria saber o máximo sobre ela, por isso fiz perguntas investigativas em meio a outras nas quais pudesse introduzir consolação e esperança. Em uma reunião de desobsessão que envolve dramas profundos, a despedida de um comunicante significa saudação de outro. Por isso já me dirigia para outra médium enquanto pensava sobre o que indagar.

— *Que atire a primeira pedra quem jamais errou. Para entender este drama e bem administrá-lo, apelo para os ensinamentos de Jesus. Apesar de saber que minha filha é uma grande pecadora, peço que tenham piedade dos seus sofrimentos.*

— A quem se refere quando chama de filha?

— *A madame Rose. Dona do bordel mais famoso de Toulouse. Ela é minha filha e estou aqui, com a permissão dos seus instrutores para ajudá-la no que puder.*

— Poderia nos descrever um pouco da personalidade da sua filha? Não faço este pedido a fim de expô-la, mas para que possa, com maior segurança, adentrar o contexto em que viveu e melhor ajudá-la.

— *Sim. Muito necessito da ajuda de todos para que possa vê-la livre de seus perseguidores. Participávamos de uma família nobre. Tivemos uma única filha, naturalmente, bem criada e até mimada por minha esposa. Por amá-la demais depositamos nela todas as esperanças de alegria e felicidade.*

Mas ela se prostituiu. Por más influências, afinidade com o sexo, por desejo de aventuras e inclinações negativas que seu Espírito ainda não vencera.

"Começou como prostituta e aos poucos construiu seu primeiro bordel, contratando moças e adolescentes para esse tipo de trabalho. Prosperou e foi ampliando a rede de prostituição, ficando famosa como a dama dos prazeres, a mulher que proporcionava mediante pagamento, orgias à classe média e à alta sociedade. Mas a sede de poder e de riqueza a contaminou de tal forma que ela passou a escravizar mulheres roubando-lhes as energias, a saúde, a paz.

"Quando suas espãs davam conta de que havia uma menina, uma jovem, alguém bonita e atraente em algum bairro pobre da capital, ela lá comparecia e sob promessa de bem criar, educar, zelar, a comprava e escravizava. O que mais me fazia sofrer eram as crianças.

"Crianças de doze, treze anos, eram expostas e usadas por homens inescrupulosos. Os abortos e as mortes por hemorragias eram frequentes. Minha esposa, Elisabeth (veio da Inglaterra), faleceu aos quarenta e três anos, de desgosto e vergonha. Toda a nossa família nos deu as costas, nos excluíram do seu convívio por causa dela. Muito aconselhamos, rezamos, imploramos, mas ela jamais nos deu ouvidos.

"Estou nisso até o pescoço, argumentava. É a minha vida, dizia. Já comecei! Não tem saída! Sempre há uma saída, aconselhava. Mas ela jamais encontrou uma para ela. Certamente porque não estava interessada em encontrá-la."

– Quantas mulheres existia nesse bordel?

– A rotatividade era muito grande. As mulheres que iam ficando mais velhas, doentes, grávidas, depressivas, eram descartadas. Suas espiãs tratavam de aliciar outras. Espalhavam nas cabeças das jovens que ali se vivia uma vida feliz, cheia de divertimento, que ao final de algum tempo saíam ricas. Diziam, logicamente para enganar e conquistar mais escravas, que muitas saíam do bordel casadas com nobres que não resistiam aos seus encantos.

"Em média sessenta mulheres se revezam dia e noite capturando incautos para os prazeres fugidios do sexo. Algumas delas, desesperadas, recorriam a mim para que salvassem seus filhos. Ainda criei alguns, como se fossem meus. Rose não gostava que eu fizesse isso, mas minha consciência repugnava o aborto. Trabalhei por ela até o final dos meus dias terrenos. Ainda trabalho pela sua recuperação."

– Em que época o senhor viveu na França?

– Isso aconteceu aproximadamente entre 1830 a 1880. Antes de completar cinquenta anos ela morreu vítima de tuberculose. Foi uma doença tão avassaladora que ela se culpava e condenava, afirmando ser vítima de um castigo de Deus, que a punia pela vida que levava. Faleceu com falta de ar, vitimada por forte crise de hemoptise. Quando morreu, seu império se desfez. Saquearam tudo, se apossaram de tudo. O castelo ruiu como se um terremoto o engolisse. Não interferi. Jamais quis um único níquel daquele dinheiro maldito.

– Sua esposa está ao seu lado?

– Sim. Lutamos juntos pela libertação da nossa filha.

– Então devem ter acompanhado a chegada de

Isabelle aqui no Centro Espírita. Algum Espírito amigo intercedeu por ela?

– *Sim. Diante do nosso sofrimento e de nossas preces, um Espírito muito piedoso nos acolheu e intercedeu por nós junto a seus superiores. É uma freira que muito se preocupa com mulheres sofridas, pecadoras como minha filha. Apresentou-se a nós, luminosa como a Virgem, dizendo chamar-se Joanna de Ângelis. É um Espírito delicado, bondoso, e trouxe consigo algumas freiras que ajudarão no processo de libertação de Rose.*

– Há muitos cobradores junto a ela?

– *Sim. Abortados, atormentados sexuais, vampiros em busca de sexo, mulheres fraudadas em seus sentimentos e em sua dignidade.*

– Os atuais pais de Isabelle são seus conhecidos?

– *Amigos que se compadeceram do nosso sofrimento. Como já frisei nossos familiares nos excluíram do seu convívio.*

– Muito bem, senhor...

– *Louis!*

– Está engajado na luta. Tem minha promessa de que procuraremos fazer o melhor na defesa de sua filha. Já temos o arado nas mãos e iniciamos a lavrar o solo. Com a ajuda de Deus os frutos não tardarão.

– *Agradeço em meu nome e da minha esposa. Somente Deus poderá recompensá-los pela ajuda que nos prestam.*

A visita do pai da jovem foi muito esclarecedora. É bom saber que contamos com auxiliares, familiares e amigos do obsidiado, que podem exercer benéfica in-

fluência chamando-o à razão e apelando para suas emoções e sentimentos. Mas outra médium já me chamava para relatar o que via na casa da jovem perturbada.

- Estou no quarto da jovem Isabelle e o que vejo é preocupante. Seu corpo dorme e seu Espírito está acorrentado de pés e mãos a uma espécie de coluna. Alguns homens e mulheres armados de paus, e mesmo com pés e mãos, a estão agredindo com socos e pontapés. São Espíritos que foram abortados, mulheres escravizadas e abandonadas na doença, os agressores. Mas há também aproveitadores e alguns vampiros em busca de sexo.

"Quando cheguei aqui com Tibiriçá notei a presença de freiras que se mantêm em oração. Algumas fazem a limpeza do local, tentando retirar aquela gosma leitosa de que lhe falei.

"Vejo um Espírito cuja forma perispiritual está bastante alterada, pois muito se assemelha a um carrapato gigante. Possui garras e quando as crava na moça o corpo dela parece sangrar. Tibiriçá diz que ele foi uma das crianças abortadas, retirada pelas próprias mãos de Rose do ventre de uma das mulheres do bordel, pelo método mais cruel, o esquarteramento.

"A jovem Isabelle, ou Rose, está muito desesperada. Seu corpo físico se agita e seu Espírito se esforça para adentrá-lo, mas os algozes a seguram. Acredito que ao acordar, ela terá a sensação de ter vivido um pesadelo. A surra continua, mas Tibiriçá vai retirar alguns agressores. As freiras continuam se esforçando na eliminação da substância leitosa, segundo Tibiriçá, um forte atrativo para os vampiros sexuais.

"Ao aproximar-me mais um pouco da moça sou acome-

tida de forte ânsia de vômito. O odor é tão insuportável que quase fico sem ar. O que se assemelha a um aracnídeo gigante vai se comunicar, pois me aproximei e fui sugada para junto dele."

– Morra sua maldita! Desgraçada imunda! Vai pagar muito caro o que me fez! Vou arrancar cada pedaço seu com minhas garras! Meu exército de aliados vai lhe alucinar! Vou lhe crucificar! Geme, maldita! Geme como eu gemi quando cortado por sua faca! Olha para mim, desgraçada! Sente o pavor! Enlouquece com o medo e o sofrimento com os quais lhe presenteio.

– Chega! É bom acabar com essa agressão porque a justiça tem sua parte de misericórdia.

Os guerreiros de Tibiriçá invadiram o local e quebraram as correntes que prendiam a jovem. Esta mergulhou depressa dentro do corpo. Os vampiros presentes foram aprisionados. As mulheres foram afastadas. Desordeiros de plantão correram a sumir de vista.

– Não vou sair daqui até que a mate. Tirem essas mulheres de branco daqui! Mande-as rezar longe de mim! Que é isso? Por que um índio está colocando essa luz forte sobre mim? Ela está me cegando! Saiam daqui, mulheres! Eu não quero machucar vocês. Vão rezar em outro local.

– Como se transformou nesse pequeno monstro?

– A assassina me transformou. Nada tenho contra essas freiras. Tire-as daqui! Meu ódio me transformou no que sou. Só após saciá-lo voltarei à condição humana, foi isso que me garantiu o homem de capuz preto que me recolheu.

– Precisamos tirá-lo daqui. Sua mãe o aguarda e não é recomendável que se apresente dessa forma. Há uma equipe pronta para modificá-lo antes que ela desconfie do que aconteceu. Vamos! Não temos o direito de manchar a alegria dela. Já sofreu bastante com sua ausência.

– *Mentiroso! Só saio daqui depois de matar essa prostituta vagabunda! Ela tem que morrer. Uma desgraçada dessas não pode ficar impune após cometer tantos crimes.*

– Ela está doente e deverá enfrentar a cobrança da Lei. Não estrague um encontro que exigiu tanto tempo de sua mãe e tanto esforço da parte dos bons Espíritos. A paz está a sua espera. Não a expulse com sua rebeldia, pois quem repele a paz atrai o sofrimento.

– *Já disse que aqui não saio sem matá-la. Faça essas mulheres se calar! Não aguento essa ladainha. Eu não preciso de reza, mas de força para completar minha vingança.*

– Quando a oração incomoda a alguém é porque seu coração está enfermo. Não admira que rejeite ver a mãe, única pessoa que o ama incondicionalmente.

– *Minha mãe está morta! O homem de capuz me afirmou isso. Eu a vi morrer derramando todo o sangue após aquela assassina me retirar do seu útero.*

– Tão morta quanto você que foi esquartejado. Abra sua mente para a verdade. O Espírito é imortal. Nem uma faca nem uma hemorragia são capazes de matá-lo. Você sobreviveu ao esquartejamento e sua mãe saiu ilesa da hemorragia. Aconselho a que se apresse,

pois o trem da liberdade pode partir antes que sua teimosia ponha tudo a perder. Não entendo pessoas que procuram justificar uma agressão devido à perda de um afeto e quando este aparece prefere ignorá-lo.

– *Não tenho mais sentimentos. Não sou de reza! Sou Satanás! Não quero machucar as freiras, mas mande que elas parem de rezar. Mande também que esse índio afrouxe a rede que me prende.*

– Por enquanto, não. Até que se acalme ficará manietado. Sua saída do cenário já foi decretada. Restam-lhe dois caminhos: um encontro com a sua mãe ou a prisão. Em ambos será tratado para que reassuma sua forma humana.

– *Você pensa que é Deus? Eu não vou parar apenas porque você quer. Veja em que me transformei por causa dessa vingança.*

– Lamento que a única forma de ajudá-lo seja esta. Não quer mesmo me dizer como ficou com tal deformação?

– *O homem de capuz disse que foi a assassina que fez um trabalho de bruxaria e me transformou nesse monstro. Ela me deixou em pedaços. Senti os bichos me comerem.*

– O que senti foi apenas a repercussão dos vermes se alimentando dos seus restos mortais. Ficou preso a eles porque morreu saturado de ódio. Seu amigo de capuz se aproveitou disso e modificou seu corpo para utilizá-lo em trabalhos posteriores. Nossos médicos podem fazê-lo voltar ao normal em tempo hábil para o encontro com sua mãe.

— *Por que insiste nesse encontro se ele não pode se realizar? É uma maneira de me atormentar?*

— *Uma maneira de lhe libertar.*

— *Não quero. Prefiro que me deixem acabar com o que iniciei. Os homens de capuz vão acabar com a raça dela. Não haverá freira, índio ou anjo que a salve.*

— *Vê essa tela na sua frente? Vamos tentar mostrar cenas com sua mãe para provar que ela está viva.*

Na tela, chamada pelos Espíritos de condensador ectoplasmático, cenas retiradas da mente do comunicante são lançadas, após selecionadas conforme a utilidade do momento. Lancei a indução na tentativa de retirá-lo da monoideia em que se aprisionava.

— *Vejo sangue. Muito sangue. Um vermelho sem fim. Minha mãe está envolvida em sangue. Agora sumiu. Mas... não pode ser! Como ela pode ser uma freira se era uma prostituta? Vocês estão querendo me confundir. Minha mãe não pode ser esta freira.*

— *Ela está tão bonita quanto antes?*

— *Muito mais. Aquele vestido eu reconheço. Ela gostava dele. Agora está com hábito de freira. Como ocorreu isso se era uma prostituta?*

— *Por que sua mãe escolheu essa "vida"?*

— *Não escolheu. Passava fome e foi obrigada a trocar o corpo por alimento.*

A essa altura o Espírito tocado pela emoção dava sinais de que seu ódio arrefecera. Aproveitei para envolvê-lo ainda mais nos afagos do sentimento materno.

– Julga que prostituta não tem sentimento? Que não se sacrificam pelos filhos? Que não rezam nem pedem a Deus outra maneira de se conduzir? Esse foi o único caminho que mostraram a ela, mesmo assim ela jamais o amaldiçoou, pois foi nele que encontrou você. Quando ela morreu foi recebida pelas freiras que a ajudaram. Seu primeiro pedido foi para que salvassem seu filho. Reconheceu sua mãe entre as freiras?

– *Sim. Ela abriu os braços para mim, mas não posso ir. Não posso!*

– Pode e deve!

– *Tem algo que me puxa! Eles me puxam!*

– Pois vamos quebrar esse vínculo agora mesmo.

– *Mãe! Mãe! Não consigo andar! Só vejo sangue! Tudo voltou a ficar vermelho! Mãe! Não me deixe! O sangue voltou a se apossar de mim. Mãe! Onde está você?*

Com a prece que fizemos o Espírito foi adormecendo devagar, sempre pronunciando a palavra mãe. Certamente seria levado para tratamento, e quando estivesse pronto, teria o tão sonhado encontro com sua mãe. É assim a misericórdia divina. Cheia de cuidados e de carinho para com os sofredores.

Mas o movimento da manhã não me permitia descanso, pois mais uma comunicante reclamava minha presença.

– *Chegue mais para perto. Está vendo este vaso cheio de embriões? Ela tirava as crianças do ventre das mulheres e colocava dentro desse vasilhame. Adicionava uma substância*

para que não apodrecessem. Dizia para as pobres mulheres que haviam perdido os filhos e para outras em tom de advertência: quem for mãe venha ver!

"Mulherzinha desprezível! No começo trabalhei para ela. Eu fazia os abortos. Quando não estava presente, ela mesma os praticava. Eu fazia com pena e ela com repulsa pela vida."

– Praticaram mesmo muitos abortos?

– *O que acha? Era um tempo em que não existiam métodos contraceptivos. As mulheres desconheciam o funcionamento do seu corpo e nada sabiam sobre períodos férteis e inférteis, sobre doenças venéreas ou como se proteger. Eram mulheres saudáveis, cheias de vida. Bastava um mês de relação sexual para engravidar. Daí lhe dizer que em trinta anos o número de abortos é difícil de calcular.*

– Se fazia abortos para ela por que quer se vingar agora?

– *Pela frieza e maldade dela. Ela fiscalizava cada uma. Quando a menstruação faltava, ela logo sabia. Aquilo significava a morte do bebê. Vi muitas mulheres desesperadas implorando para criar os filhos, mas ela era impiedosa. Tinha que tirar. Somente algumas mais bonitas, que proporcionavam lucros abundantes, tinham seus filhos, que eram entregues a quem os quisesse criar. Mas isso era por intervenção do pai dela. Por ela mesma, morria tudo.*

– Muitas mulheres perderam a vida?

– *Também. Não obedecíamos às regras básicas de higiene, pois os abortos eram feitos clandestinamente. Se fos-*

sem feitos por profissionais da medicina, as hemorragias não seriam tão frequentes. Se a mulher não aguentava e morria era enrolada em um pano e levada para uma vala. Eram pobres mulheres que nada podiam contra ela e seus protetores.

– Por que conserva esses embriões no vaso?

– *Para utilizá-los como arma. Eles penetram na vagina dela e ela fica louca. Eles remexem, causam ferimentos, e ela sente vontade de correr desesperada. Eles entram aos montes e causam um desequilíbrio orgânico de vulto. É a minha vingança.*

– Está querendo me dizer que esses fetos agem como se tivessem vontade própria e que penetram dentro da moça desequilibrando seu organismo?

– *É isso. Ela está prestes a enlouquecer. Meus ratinhos vão continuar entrando nela e fazendo o serviço que ela fazia aos outros. Veja como eles se debatem no sangue. Ao meu comando eles pulam e não adianta ela fechar as pernas nem gritar. Eles invadem.*

– O que ela faz nessas horas?

– *Se desespera. Procura um meio de se livrar, mas não consegue. Sente todo o útero revolvido por pancadas e arranhões, mas isso ainda vai durar muito.*

– E o que você faz nessas horas?

– *Mantenho a mente firme no comando. Eles foram mortos e agora é a vez deles. Estou do lado dos mais fracos, porém muito eficientes.*

– Consegue dialogar com eles?

– *Não. Eu os comando pelo pensamento e eles atendem ao que digo. Meu exército de ratinhos vai levá-la à loucura.*

Veja! Eles estão se remexendo no sangue. Não sei o que esse sangue tem que não apodrece. Mas isso é bom.

– Tudo isso é comandado por sua cabeça que está doente. Quando nossos médicos a examinarem, não mais precisará cuidar deles. Vamos retirá-los desse sangue e cuidar para que tenham um berço aquecido e limpo.

– *Não! São meus! Sem mim já teriam morrido. Preciso deles para enlouquecê-la. Não me tire daqui, pois o que faço é justo.*

– Preciso retirá-la desse matadouro criado por sua mente. Está enferma e temos ordens médicas de levá-la imediatamente.

– *Não me amarre. Eu não mereço isso. Já sofri muito. Vi coisas horríveis. Não me ponha para dormir porque meus ratinhos vão morrer. Largue-me, índio desalmado.*

Mas não houve alternativa. A mulher estava louca e com sua loucura estava enfermando Isabelle. Seu aparelho reprodutor deveria ser preservado para receber antigos desafetos, e se Deus permitisse, algum amigo para ajudá-la a carregar a pesada cruz que construíra para si própria.

Como último comunicante, um Espírito enlouquecido pelo desejo sexual se manifestou, dando-nos ciência de que havia outros semelhantes a ele, necessitando de cuidados e de aconchego.

– *Eu quero que ela volte a ser o que era antes. Preciso do lugar que ela dirigia. Aquele bordel deve ser reaberto. Preciso de sexo! Preciso, entende? Eu era um frequentador assíduo. Não vivo sem sexo. Não estou suportando a pressão.*

– Então precisa de um bordel e associou suas necessidades à jovem que não mais o tem?

– *Não sei se ela já não o tem. Quero que o reabra. Preciso daquele lugar para me acalmar. Não estou conseguindo viver sem sexo. Vou conseguir influenciá-la. Eu sinto! Estou perto dela para inspirá-la na reabertura de outro recanto de prazer. Minha inspiração a atinge e sinto que seu desejo volta. Estou com ela e não vou sair, pois perto sinto as sensações de antes. Sei que estou doente, mas quero aquele clima de volta.*

– Sinto que esteja doente, mas por isso mesmo precisa de um tratamento. Isso significa internação, enfermeiros em volta do leito, calmantes e sedativos. É o que lhe aguarda.

– *Não. Você não tem noção do que estou passando. A mente fica em fogo e não se acalma. Sinto muita vontade, muito desejo de fazer sexo. Você é homem e entende isso. Não preciso explicar como me sinto.*

– Precisa, pois sou uma pessoa normal. Dessas que têm a libido sob controle. Já que está com síndrome de abstinência, vou ministrar de imediato um calmante que o fará dormir.

Envolvemos o comunicante em preces e vibrações de calma.

– *Não me aplique isso. Não quero dormir. Quero sexo...*

Mas dormiu. Sem demora outra médium permitia que mais um Espírito se comunicasse.

— *Não falta muito para que ela corra pela rua. Ainda sabe o que faz, mas é por pouco tempo. Vai rasgar a roupa, gritar contra todos, quebrar os móveis. Vamos miserável! Acelera o pensamento. Faz dos pequenos incômodos uma ira descontrolada. Observa somente os defeitos alheios. Apaga as cores da sua vida. Apega-se ao pessimismo e às derrotas. Todos à sua volta são inimigos. Enfrenta-os! Enlouquece!*

Então a comunicante teve um acesso de loucura tão severo que tivemos que segurar a médium para não machucá-la.

— *Estou louca! Estou louca! Vou quebrar tudo! Rasgar a roupa! Preciso enlouquecer aquela maldita! ... Não quero ficar louca. Ela tem que enlouquecer, mas eu não. Preciso me acalmar. Ela tirou o juízo de muita gente, tem que enlouquecer. Eu não posso perder a razão.*

— Que há com você que alterna estados de lucidez e de loucura?

— *Não sei. Fiquei assim quando ela matou meus filhos. Desde então tenho estado com ela tentando enlouquecê-la. O médico que está ao seu lado diz que de tanto eu induzir alguém à loucura estou acreditando que minhas sugestões realmente funcionam. Estou me autossugestionando e, por conseguinte, ficando louca. Se continuar assim ficaremos loucas as duas.*

— Você deve estar se auto-hipnotizando, ou seja, ministrando a lição com tanta realidade que a vivência. Vulgarmente se diz nesses casos que o feitiço vira contra o feiticeiro. Mas acredito que para se convencer de que pode enlouquecer sua vítima, sua consciência,

naturalmente perturbada, precisa de uma prova de eficiência. Então está testando a técnica em si própria.

– *Sei lá o que está dizendo. O que quero é enlouquecê-la. Ela vai...*

– Calma! Não prossiga! Pelo que notei, tudo que desejar para ela ocorre também com você. Foi isso que quis dizer. Quando imagina as maldições, as vivência. Tornou-se um condicionamento. Está imantada à sua vítima e suas induções servem para as duas.

– *Continuo não entendendo nada. Quero meus filhos de volta.*

Então veio a primeira ajuda de Louis, pai de Rose, que permanecia no recinto. Através de outra médium ele disse que criara uma das crianças. A jovem acalmou-se um pouco e continuou.

– *Eu queria pedir desculpas por estar perseguindo a filha dele. Sei que ele é um homem bom. Mas isso não encerra a minha busca.*

– É verdade. Só que agora tem companhia nessa procura. Vamos nos unir a você até encontrá-lo. Para que não tenha crises de perda de memória é preciso que nossos médicos a auxiliem. Por gentileza atenda ao pedido do médico para que, com saúde, mais rapidamente possamos encontrar seu filho.

– *Mas, e ela?*

– Está doente. Também precisa de atendimento. Mas como o caso é muito mais grave que o seu, pois é uma doença na alma, levará tempo para que se recupere. Você pelo menos tem um filho para encontrar.

Ela não tem nada. Só dor e desespero.

A mulher não argumentou mais. Parecia contente com a ideia de encontrar o filho. Para uma mãe esse é um motivo pelo qual vale a pena investir todas as energias. A reunião nos descortinou um panorama grave, mas plenamente apto a reversão, ou seja, com solução satisfatória, segundo o desejo dos bons Espíritos e os esforços dos encarnados envolvidos no processo.

Com a esperança de sempre, nos despedimos, até que o trabalho novamente nos reunisse.

Receita de equilíbrio

Ainda muito jovem Chico foi ao Centro Espírita, em um dia em que estavam presentes, além dele, quatro moças obsidiadas e um rapaz que nada entendia de doutrinação. Após a prece inicial, um Espírito amigo logo se comunicou orientando o jovem como doutrinar o obsessor que viria em seguida.

— Quando o obsessor incorporar aplique o evangelho com veemência.

Foi fechar a boca e o perseguidor tomou conta do corpo do Chico, que parecia descontrolado. Em obediência ao guia que havia se comunicado, o jovem tomou a Bíblia e com ela bateu várias vezes na cabeça do Chico, gritando contra o obsessor.

— Pois tome evangelho! Tome evangelho!

O obsessor, depois daquela surra nunca mais apareceu e o Chico sempre contava essa história sorrindo:

— Acho que sou uma das únicas pessoas no mundo que levou uma surra de Bíblia.

Dizem os mestres espirituais que o Espírito é neutro na sua sexualidade, possuindo, todavia, duas polaridades psíquicas, uma masculina e outra feminina. Falando-se genericamente, pouco importa, ao encarnar, qual delas ele usará, pois a escolha recai sempre sobre

a que representa melhores possibilidades de atuação e de vitória em sua missão terrena. Se naquela encarnação as chances de um bom desempenho aumentam com um traje feminino ele o vestirá. O mesmo vale para o masculino. O que se leva em conta em tal processo é a necessidade evolutiva do Espírito. Portanto, ele ora encarna como homem, ora encarna como mulher, com o intuito de desenvolver os sentimentos inerentes a cada polaridade, bem como para realizar tarefas específicas que, naquele momento seriam facilitadas com tal ou tal corpo.

Transitando por esses dois poios deve o Espírito fazê-lo de maneira equilibrada, evitando repetições causadas por comprometimentos que reclamam reajuste, principalmente com alterações orgânicas ou psíquicas, oriundas da falta de ética e de compromisso para com as leis divinas.

Emmanuel, no livro de sua autoria *Vida e Sexo*, resumiu em poucas normas como deve ser o desempenho sexual do caminhante terreno: não proibição, mas educação; não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo; não indisciplina, mas controle; não impulso livre, mas responsabilidade.

André Luiz, em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, parte II, cap. X esclarece sobre a disciplina afetiva nas sociedades espirituais das esferas superiores:

Enganam-se lamentavelmente quantos possam admitir a incontinência sexual como regra de condu-

ta nos planos superiores da Espiritualidade. Médiuns que tenham observado as regiões de licenciosidade, ou desencarnados que a respeito delas venham a traçar essa ou aquela notícia, reportam-se apenas a lugares naturalmente inferiores, extremamente afins com a poligamia embrutecente, por mais brilhantes se lhe externem as conceituações filosóficas.

Nos planos enobrecidos, realiza-se também o casamento das almas, conjugadas no amor puro, verdadeira união esponsalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza, na edificação coletiva, e quando semelhante enlace deva ser adiado, por circunstâncias inamovíveis, os Espíritos de comportamento superior aceitam, na Terra, a luta pela sublimação das forças genésicas, aplicando-as em trabalho digno, com abstenção do comércio poligâmico, tanto mais intensamente quanto mais ativo se lhes revele o esforço no acrisolamento próprio.

Aliás, cabe considerar que na renúncia construtiva a que se entregam, na expectativa, às vezes longa, do amor que os integrará na complementação desejada, encontram, no serviço aos semelhantes, preciosas oportunidades de burilamento e progresso, acentuando em si mesmos os altos valores da cultura e da emoção, que lhes propiciem gozos íntimos dos mais alevantados e mais puros.

O desejo sexual é, portanto, no atual estágio terreno, motivo de elevação ou de queda. Aos imprudentes pode levar o corpo a exaustão seguida de uma sensação de vazio, quando materializado através do exercício sexual mal dirigido, pois, nessas circunstâncias, invariavel-

mente, resulta em frustração e abatimento. Ao contrário, quando presidido pelo amor, é dínamo a gerar energias de bom ânimo, de otimismo, de equilíbrio e de outras virtudes alimentadoras do contentamento e da autoestima.

Os que fazem do sexo o objetivo maior de suas vidas, colocando-o acima de qualquer objetivo, acabam dominados por obsessores que dependem dos fluidos corrompidos pelas sensações animalizadas que o exercício sexual aviltado proporciona. Esclarece-nos Bezerra de Menezes que, caso essa sexualidade seja envilecida, vulgarizada ou desrespeitada em sua constituição, retorna o Espírito em outra polaridade a qual não corresponde ao corpo físico anterior, de forma a não poder dar curso aos seus desejos insanos.

O deslocamento compulsório para o polo oposto, fruto da atuação desonrosa em um deles é, portanto, uma medida que lhe favorece, pois o impede de continuar em queda livre rumo ao desequilíbrio ou a loucura. Nesse transporte, feito por imposição, ele pode se sentir inadaptado frente ao novo corpo, caracterizando um conflito entre seus desejos e o instrumento de que dispõe para realizá-los. Em palavras simples, diríamos: O Espírito disporá de um traje carnal masculino com desejos femininos ou vice-versa.

Isso não acontecera a Isabelle, pois os guias espirituais que nos dirigem têm liberdade para escolher planos alternativos que melhor se adaptem a cada caso. Na programação reencarnatória da jovem fora incluído o recebimento de antigos desafetos na condição de

filhos. Através da gestação e da maternidade responsável deveria reequilibrar o centro genésico, outrora maculado por forças doentias. Mediante um casamento sacrificial deveria manter-se fiel à missão materna, sacrificando mesmo a própria vida, se necessário fosse, para que sobrevivessem aqueles a quem prejudicara.

Atenta à educação dos Espíritos aos quais fraudara, deveria conduzi-los em oposição à onda negativa imposta por segmentos da mídia que cultuam o corpo físico e os prazeres materiais como meios de alcançar a felicidade. A doutrina de Jesus, bússola obrigatória para evitar naufrágios, lhe descortinaria um mundo novo, onde outras fontes prazerosas amenizariam sua sede de paz. Através do cultivo da simplicidade, teria chance de descobrir o prazer de servir, da amizade sincera, de um encontro com a poesia, da observação da natureza; a esperança, se preservada mesmo entre lágrimas, lhe mostraria outros horizontes, alargados através da prece e da meditação positiva, nos quais os encantos espirituais decorrentes dos mergulhos dentro de si mesma e do contato com a espiritualidade seriam refrigerios para suas chagas morais.

Rose, agora em traje de Isabelle, deveria buscar a felicidade em situações cotidianas, em uma conversa agradável, nas luzes de um bom livro, nas canções que tornam leve o coração. Poderia, com algum esforço, notar que a sensação de paz pode fruir a partir de coisas simples: de um final de tarde ensolarado, das ondas do mar com suas cristas bordadas de branco, do vento so-

prando as folhas, enfim, descobrir com suas próprias experiências, que a felicidade, mesmo não sendo ainda deste mundo, pode favorecer os mortais com pequenas visitas, se convidada.

Como motivação para a vitória teria como prêmio um encontro com o Consolador, e dele obteria, quando mais lúcida, a fórmula de uma vida equilibrada e produtiva: *Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, é a consciência tranquila e a fé no futuro (O Livro dos Espíritos - resposta à questão 922).*

Jesus, o divino e inesquecível amigo, a ensinaria através dos seus conselhos morais, o prazer dos ideais santificados, aos quais deveria se ligar com empenho e dedicação, solidificando uma personalidade pacífica e altruísta. O viver no mundo sem ser do mundo seria um convite sempre lembrado por seus amigos espirituais, que se esforçariam para animá-la nas lutas diárias e na construção da paz interior.

Parte de sua energia sexual deveria ser sublimada, ou seja, canalizada na educação dos filhos, nas lutas domésticas, na afetividade, e até mesmo em auxiliar as dores do mundo. Como elucidada a mentora Joanna de Ângelis, a função sexual, em sua constituição íntima, é criativa das formas físicas, mas participa das expressões da beleza, da cultura e da arte, quando tem sua energia direcionada para estes objetivos.

Eis, portanto, a receita ministrada pelos guias espirituais a Isabelle, Espírito equivocado em sua atuação

em existência anterior no campo sexual, surpreendida no presente por seus inimigos em plena juventude. Por misericórdia divina, seu encontro e de seus perseguidores com o Espiritismo, doutrina de consolação e esperança, já ocorrera.

Que suportasse com elevação e otimismo os golpes que ora recebia, pois só assim se cumpriria, de maneira mais imediata, nela e em seus algozes, a mensagem dulcíssima de Jesus para os aflitos:

O filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido; das ovelhas que o Pai me confiou, nenhuma se perderá; eu sou o Grande Médico das almas e venho trazer-vos o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são meus filhos prediletos. Venho salvá-los! Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e vos achais sobrecarregados e sereis aliviados e consolados; vossas almas não estão esquecidas; eu, o Divino Jardineiro, as cultivo no silêncio dos vossos pensamentos; venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas.

E muito mais Jesus prometeu aos aflitos a fim de sustentar-lhes a fé e a esperança durante as provações. Que Isabelle tivesse, sobretudo, ouvidos para ouvir.

O conde Flaubert

Durante dois dias em que seu olho sangrava, Chico permaneceu em casa em repouso. Ao final do segundo dia Emmanuel lhe aparece e pergunta: Por que está aí parado?

— O senhor não vê que meu olho está doente?

— E o que o outro está fazendo? Ter dois olhos é um luxo.

Chico se levantou e foi aliviar o longo rosário das dores humanas.

A consciência culpada é terreno inculto à espera do adubo do remorso para acolher a semente da reparação. Enquanto ela não floresce, o indivíduo se nega a ser feliz, pois felicidade é fruto que só prospera em campos de paz, saúde e trabalho.

O ser atormentado, ou seja, o portador de uma consciência que cobra, é um acusador de si mesmo; alguém que *gastou* mais do que podia e por isso traz a sensação de que desperdiçou algo que muita falta lhe faz. A ansiedade que o persegue é motivada pelo medo de um ajuste de contas com o destino, esperado por ele, para justificar-se por não ter sido um bom pagador.

Às vezes pensa que se autopunindo quitará sua dívida para com a vida. Assim vai bloqueando os ca-

minhos para a felicidade, já que se considera indigno dela, julgando ser uma afronta a Deus desejá-la ou usufruí-la. Flaubert me pareceu assim.

O amor, sentimento ainda incompreensível para nós, em seu verdadeiro significado, às vezes é confundido com ternura direcionada para alguém, carinho, desejo, sentimento de posse, dentre outros, fazendo com que o intérprete equivocado permaneça ligado ao que lhe fascina, como um inseto ao mel que o embriaga.

O amor dos Espíritos evoluídos é doação disciplinada, desinteressada, sempre visando o bem geral. Nós, que ainda nos arrastamos na periferia desse sentimento puro, mesclamos a pequena parcela que dele conquistamos com outros sentimentos menos felizes.

Observando nosso estágio evolutivo, diríamos que a vivência sexual de expressão saudável e prazerosa, segundo exigências do nosso corpo carnal, assenta-se no contato íntimo, seja este exercido de forma subjetiva, tais como o olhar, o sorriso, a cumplicidade e mais objetivamente, através de carícias, geralmente chamadas de toques. Espiritualmente necessita do suporte da afetividade, do respeito a si próprio e ao parceiro, sob pena de não haver relacionamento amoroso, apenas relacionamento.

Se alguém consegue se expressar sexualmente com sua parceira desta maneira, acredito que venha a ser um bom amante e um fiel companheiro. Todavia isso ainda não significa amor, pois o sentimento está

direcionado e concentrado em um ou alguns seres, ou seja, a família. O amor que Jesus, nosso modelo, sente pela Humanidade, este sim, é o sentimento genuíno, o ápice da escala evolutiva. Todas as gradações abaixo dele são apenas tentativas de imitação; trilhas para o aperfeiçoamento; caminhos para chegar a ele.

Os envolvidos no drama sexual do qual Rose fora a protagonista no passado, não pensavam desta maneira. Para eles, toda riqueza do ato sexual restringia-se apenas no manejo dos órgãos sexuais. Genitalizavam assim um campo que deveria distribuir energias para todo o corpo, reduzindo a uma simples penetração, um ato mágico, uma viagem a desaguar em mil portos seguros, a ser descrita por milhões de poemas e canções.

Mecanizavam um delicado jardim cujas rosas deveriam ser colhidas uma a uma, e não arrancadas com britadeiras ou máquinas de ceifar. Quando um homem arranca com as raízes um vegetal do qual necessita apenas das folhas é um insensato ou um louco. Preferi considerá-los, momentaneamente, loucos. Foi assim que pensei até conhecer Flaubert, um jovem conde que se apaixonou indisciplinadamente por Rose.

Iniciada a reunião ele se dirigiu a mim com olhos lacrimosos.

— *Bom dia, professor. Aqui estou para contar minha história e engajar-me com minha pequena contribuição nessa batalha para salvar alguém que muito amo. Eu era um conde na França, na época em que Rose tinha o seu cabaré.*

Chamo-me Flaubert e era assíduo frequentador do ambiente em que ela reinava.

"Eu a amei desde o instante em que a vi e ainda a amo muito. Quando a conheci passei a fazer amor com ela de uma maneira muito romântica. Foi uma época de felicidade tão intensa para mim, que me vi criança, livre, leve, como se a maldade não existisse em nenhum lugar da Terra.

"Ela me amou eu sei. À sua maneira, com seus defeitos, sua imaturidade, mas amou. Quanto a mim, o amor foi se tornando desesperado. Quando me afastava algumas horas, um ímã parecia puxar-me para junto dela. Era um amor que não se aquietava, mas que me fazia feliz e, porque não dizer, tornava-me uma pessoa melhor.

"Mas eu falhei. Sabia de tudo quanto acontecia no cabaré e a tudo fingi ignorar, cego por este amor. Eu a enchia de joias e presentes. Dava-lhe dinheiro, muito dinheiro. Considero-me cúmplice dela porque me calei diante de tantos erros."

— *Nunca lhe propôs deixar aquela vida e casar com ela.*

— *Muitas vezes. Era o meu sonho. Mas ela nunca aceitou. O cabaré rendia muito dinheiro e a ambição que a subjugava não conhecia limites. Quanto mais dinheiro lhe dava, mais ela pedia; quanto mais presentes eu concedia, mais ela exigia. Nada parecia lhe bastar.*

— *Você a deixou?*

— *Cessamos o relacionamento sexual, mas fiquei com ela, na condição de amigo até o final da sua tragédia, que*

também foi minha. Até que a tuberculose a consumisse e o remorso a enlouquecesse, pois se dizia culpada e castigada por Deus. Sobrevivi a ela. Amparei ainda a seu pai, que sempre fizera tudo para salvá-la. Foram dias de intensa mistura de felicidade e de amargura. Todos os dias eu estava aos seus pés e não tinha coragem de recriminá-la. Baixava a cabeça para todos os seus desmandos. Sabia dos abortos, das doenças, do abandono às companheiras dela, das taras dos infelizes e doentes que se aproveitavam das mortas, das orgias, enfim tinha em mãos uma radiografia da vida dela e do seu cabaré, mas jamais a impedi de fazer qualquer loucura.

– O que quer dizer com doentes que se aproveitavam das mortas?

– *Quando morria uma jovem, geralmente de tuberculose, pois ainda não havia cura para esta doença, a vítima era maquiada, bem vestida, e recebia um líquido para evitar que seu corpo entrasse em decomposição. Ela conhecia as taras de seus clientes e exigia verdadeiras fortunas para que os necrófilos fizessem sexo com a morta.*

"Já pedi muitas vezes perdão a Deus por minha omissão. Hoje estou tentando ser um cooperador junto ao seu pai, mas o sentimento de culpa ainda me paralisa em muitas ações."

– Já reencarnou depois desse episódio?

– *Sim. Pouco tempo após meu desencarne, acossado pela culpa, que causou profundas alterações no meu corpo espiritual, reencarnei na França, vitimado por severa hanseníase. Morri jovem, apodrecido pela doença, com o Espírito inquieto e perturbado por sentimento de autopunição. É muito difícil*

nos perdoar, pois a consciência faz cobranças a todo instante. É mais fácil perdoar a um inimigo que a nós próprios.

"Estou melhorando, pois meu desejo é continuar junto dela na condição de filho. Prometeram-me os Espíritos que me orientam que se ela conseguisse se erguer, eu seria o filho primogênito. Essa esperança me enche de felicidade, pois terei a chance de ser uma espécie de pai em sua velhice, de ampará-la, de estar dia após dia junto do grande amor da minha vida."

– Existe além de vocês citados, mais alguém que a ajuda no soerguimento?

– *Há uma equipe muito bem preparada. Eu apenas observo o trabalho dela; não me julgo digno de abordá-la, pois não tenho a luz que ela tem. Tenho apenas uma vontade muito grande de ajudar a alguém. Para vencer a culpa faço terapia, pois fui ao fundo do poço. O tratamento psicológico consiste na elevação da autoestima e da valorização da vida.*

– Em que ponto considera que falhou no seu amor?

– *Amei indisciplinadamente. Não soube dizer não. Submeti-me aos caprichos dela. Anulei-me pensando que assim a reteria junto a mim e que seria amado por esses gestos. Hoje sei que ela me amou da forma dela. Egoísta, vaidosa, ambiciosa, mas gostou de mim, pois quando nos separamos ela jamais se ligou a outro alguém.*

– Gostaria de nos dizer mais alguma coisa?

– *Não. Apenas agradecer a todos o trabalho meritório e desinteressado feito em favor de Rose, e dizer que serei eternamente devedor de todos.*

Saindo o conde, começou então o resgate de mulheres vitimadas pela tuberculose, que ainda sentiam os mesmos sintomas, mesmo após décadas do acontecido. O resgate de uma delas simboliza o que ocorreu com as demais.

– *Estou muito doente. Veja! Quando a tosse vem, começo a vomitar sangue. Isso parece não ter fim. Se o senhor conhece algum remédio, por Deus, ajude-me.*

– Estamos aqui justamente para isso. Vamos deitá-la na maca. Que mais sente?

– *Muita febre, dor intensa nas costas, tosse, expectoração sanguinolenta. Há dias que não me levanto.*

– Como chegou a este estado?

– *Trabalhando no bordel na condição de prostituta. Outras estão doentes. Quando atingimos este ponto somos enviadas para este subterrâneo. A Igreja não permite que entrem prostitutas em suas terras.*

– Trabalhou muito tempo para madame Rose?

– *Desde menina. Fugi da casa dos meus pais e vim trabalhar aqui na cozinha. Ela disse que eu era bonita, que ia ganhar melhor, que ia ficar em um quarto de cima. Estou muito fraca.*

– Não precisa falar mais. Já identificamos a doença e sabemos que remédio utilizar. Ficará curada em alguns dias. Agora procure dormir. Quando acordar estará melhor e fora daqui.

Seguindo-se a estes atendimentos visitou-nos a governanta da senhora Elisabeth, mãe de Rose, a fim de

dar seu testemunho nos passos iniciais do drama.

– *Eu vi aquela menina nascer.*

– *A quem se refere?*

– *A Rose. Fui governanta na casa dela. Chamo-me Alice e vim da Inglaterra para a França com sua mãe. Sempre fomos muito amigas. Quando ela casou, sendo eu a prima pobre, passei a servir como governanta em sua casa. Vi a pequena Rose nascer e a tomei nos braços muitas vezes. Quando tive minha filha, Natasha, as duas se tornaram grandes amigas quando cresceram. Minha filha era quatro anos mais jovem do que ela. Jamais imaginei que ao crescer essa menina fosse se tornar uma prostituta, e muito menos que arrastasse minha filha para tal caminho.*

– *Como foi a infância de Rose?*

– *Cercada de cuidados e de carinho. Os pais faziam o possível e o impossível para torná-la feliz. Mas desde cedo mostrou afinidade com a área sexual. Aos vinte anos já era uma profissional e havia contaminado com esses pensamentos, minha filha, que contava apenas dezesseis. Como boas amigas de infância, brincavam juntas e almoçavam juntas; na adolescência pecaram juntas.*

"Minha amiga Elisabeth sempre teve muita consideração por mim, mas eu não perdoei sua filha. Pedi muitas vezes para que ela poupasse minha filha, que a deixasse de lado. Mas devido à inexperiência e a amizade que a ligava a ela, minha filha a seguiu nessa loucura."

– *Como foi o desenrolar da vida de sua filha?*

– *A mesma de uma prostituta comum. Doenças, hu-*

milhações, morte prematura. Morreu de doenças venéreas, fétida em uma cama. Não chegou aos trinta anos de idade. Jamais perdoei Rose por causa disso. Mas continuei servindo o casal, pois não tinha para onde ir.

– Dizem que o pai dela é uma pessoa honesta e boa. Que ajudou a muitas que a filha prejudicou.

– *É verdade. Cuidou de minha filha até a morte. Cuidou de mim também. Ele foi o anjo no meio de tanta maldade espalhada pela filha. Quando Natasha adoeceu, a madame, como gostava de ser chamada, a desprezou, não mais queria saber nem de notícias dela.*

– Sabia que os pais de Rose estão aqui tentando livrá-la daqueles que a perseguem?

– *Não. Mas o vi quando adentrei o ambiente. Eu estou, quer dizer, estava, perseguindo a filha dele. Juntei-me a outras mulheres e a perseguia. Mas agora sabendo que defende a filha e vendo-o ali entristecido, recordo-me de todo o bem que espalhou entre nós e não tenho mais motivos nem coragem para vingança.*

– Estava perseguindo Rose e agora está desistindo?

– *Isso mesmo. Respeito demais meus antigos amigos para continuar a perseguição. Dizem que o amor cobre uma multidão de pecados. Não sei se é verdade, mas o amor deles impede que os meus pecados avancem.*

– Existem muitos inimigos perseguindo Rose?

– *Muitos. Enfermos, homens alucinados, vampiros sexuais, cobradores, fraudados...*

– O Bordel dela tinha um nome?

— *Sim. Cabaré de madame Rose. Expunha esse nome com muito orgulho. Era egoísta, vaidosa, bonita, muito bonita. Era amiga de nobres, de generais, gente alta que se beneficiava com as extravagâncias dela. Quando ia visitar minha filha entrava pelos fundos. Via aquela riqueza, aquele luxo, tudo dourado, mas podre por dentro. Aquelas crianças exercendo prematuramente o sexo me deixava depressiva e enojada. Ela gargalhava e dizia: Alice, aquela menina que você criou não existe mais. Eu respondia: Minha filha! Você vai queimar no fogo do inferno. Para o que ela fez acredito que o castigo tenha sido bem leve.*

— Isso cabe a Deus julgar. Quem sabe não esteja se fortalecendo para receber expiações mais duras? Quem garante que não possa pagar com sacrifício, dedicação aos filhos ou a outros necessitados, parte de sua dívida? Deus aceita a moeda do trabalho, da renúncia, do amor, em troca das maldades que praticamos.

— *Quando entrei aqui e vi o trabalho de tantas pessoas que nem a conhecem, mas que se dedicam ao Bem por amor, meu coração se abrandou. Se ela vier a sofrer não será por minhas mãos. Como vocês dizem, deixemos a justiça divina seguir seu curso.*

— Já reencontrou sua filha?

— *Não, mas gostaria muito.*

— Quem sabe nossos instrutores não a encontrem para você? Aguardemos confiantes em Deus, que sempre nos reserva ótimas surpresas.

— *Espero que sim. Agora vou ao encontro de monse-*

nhor Louis explicar-lhe as razões da minha desistência.

Com a despedida de Alice uma das médiuns foi transportada ao antigo local onde se estabelecera o cabaré de madame Rose. A ela foi mostrado o espaço astral que o interpenetrava, ou seja, furnas e cavernas que serviam como abrigo de vampiros e alucinados pelo sexo, atraídos pela prática ali exercida no passado.

- Aqui estou com nossos amigos índios, Kröller e o hindu. Nessas furnas e cavernas há muitos Espíritos transformados em morcegos, aparência que eles gostam de manter para assustar e dominar pessoas impressionáveis. São Espíritos que se permitiram alucinar pelo sexo, degradando sua vestimenta perispíritual e se mantendo embrutecidos, animalizados, fixos nas práticas sexuais aberrantes.

" Vejo cenas grotescas que não me animo a descrevê-las. Esse grupo de vampiros está trabalhando para envolver os componentes do Grão de Mostarda (Centro Espírita em que o doutrinador trabalha), principalmente os da área mediúnica, nessa força que ainda não aprendemos a controlar muito bem. Vejo-os lançar uma espécie de dardo, algo parecido com um bumerangue, sobre nossos trabalhadores. Em alguns, uma espécie de couraça ou escudo, não sei explicar, o repele e fragmenta. Em outros ele penetra e se aloja no perispírito em forma de energias que se agregam e, segundo Kröller, vão aguçar o ciúme, a libido e as fantasias sexuais.

"Não cite nomes, diz nosso instrutor. Diga apenas que naqueles que não praticam a vigilância e oração adequadamente como defesa, existe uma necessidade urgente de recom-

por seus hábitos. Como não podemos estar com eles vinte e quatro horas por dia, mesmo porque o aprendiz precisa exercitar suas tarefas orientadas por suas conquistas, que se recomponham, sob pena de chamar a si companhias indesejáveis."

– Está querendo dizer que alguns de nós nos contaminamos com energias negativas projetadas pelos vampiros?

– *Isso mesmo. Não somos perfeitos, nem estamos vigilantes todas as horas do dia. Em uma guerra quem baixa a guarda pode ser surpreendido. É o que diz o instrutor. Vou me aproximar do vampiro.*

– *Então veio nos visitar! Conheço você, prostituta vagabunda! Veio recordar o passado? Está com saudades de sua atuação?*

– Acho melhor moderar a linguagem. Ela não está aí para ser insultada ou molestada em sua atividade.

Mas o vampiro partiu contra a médium obrigando a que Tibiriçá o segurasse fortemente.

– *Índios malditos! Anjos de araque! São todos tarados disfarçados de santos. Todos vocês têm o passado podre. Vou pegar você que está falando comigo.*

– Não estou aqui para escutar ameaças. Responda ao que for perguntado e, se for o caso, desfaça algum trabalho que fez contra nós. Caso contrário será levado como prisioneiro e sofrerá as consequências dos seus atos.

– *Acha mesmo que tem algum poder sobre mim ? Jamais lhe responderei nada. Não desfarei nada. Aqui em meus domínios mando eu.*

– Muito bem! Primeiramente lhe tiraremos as asas (fiz um gesto nas costas do médium para que ele sentisse o efeito mecânico do arrancar das asas). Não precisará delas para aonde vai. Agora lhe tiraremos as presas, também não mais necessitará delas. E por fim a visão. Melhor entrar na vida sem os olhos do que ter a visão perfeita e esta lhe servir como causa de escândalos.

– *Seu desgraçado! Vou lhe caçar até o fim do mundo. Vocês me deceparam. Vou colocar toda minha equipe no encalço de vocês.*

– Todos terão o que merecem. Agora comece! Desfaça o trabalho ou tiraremos o que ainda resta de você, sua mobilidade.

Minhas induções eram certas. Não por mérito meu, mas porque a equipe desencarnada através de métodos hipnóticos o fazia se sentir cego, surdo, decegado, conforme a ordem lhe invadissem a mente e o obrigasse a sentir-se como a emissão mental determinasse.

– *Estou sem enxergar! Os dardos já penetraram nela.*

– Isso não interessa! Faça o que lhe mandam ou será imobilizado em bloco de gelo. Esses índios não gostam de emitir duas vezes a mesma ordem.

Então o vampiro iniciou uma série de vômitos, de gestos incompreensíveis para mim, mas certamente com significado para os instrutores, que se consideraram satisfeitos ao final da operação.

Mais calma a situação, após o resgate de algumas

mulheres e de enlouquecidos pelo sexo que se encontravam prisioneiros dos vampiros, a médium passou a descrever o ambiente do antigo cabaré.

— *Estas furnas se situam no subsolo do antigo bordel. Estou em uma espécie de andar de baixo, onde o fedor é insuportável. De onde estou, escuto músicas, o rangido da madeira pressionada pelas passadas dos frequentadores, risos, conversas banais.*

"Há um cadáver enrolado por um pano, como se estivesse mumificado. Ele foi ensopado por uma substância esverdeada com a finalidade de aliviar o mau cheiro, sem muito sucesso, pois o fedor é muito forte. Há muitos parasitas querendo se alimentar do cadáver. O casarão é comprido. Percorro toda sua extensão pelo lado de baixo, escutando a movimentação que ocorre acima. A depravação ocorrida neste local não passou despercebida pelos vampiros sexuais, que aqui se estabeleceram e ainda hoje escravizam prostitutas e loucos que caíram em suas malhas.

"O Espírito dessa mulher ainda se encontra preso ao cadáver que vejo enrolado. Certamente este pacote contendo seu corpo é uma criação mental dela, que não entende que já desencarnou e não tem conhecimento nem forças para se desvencilhar do cenário a sua volta."

— *Tire-me daqui! Por favor, tire-me daqui! Estou muito doente! Esses bichos não param de me atormentar.*

— *Estamos aqui para retirá-la e tratá-la convenientemente. Não se debata tanto para que os médicos a examinem.*

– *Estou com muito frio. Deve ser o inverno. Veja quanto sangue expeli. Por que me deixaram aqui esquecida e não mais vieram me resgatar?*

– Só agora os médicos puderam estar presentes. Mas acalme-se, pois tudo já passou. Garanto-lhe que vai recuperar sua saúde muito em breve.

– *Será? Dizem que essa doença não tem cura.*

– A cura já foi encontrada. Procure dormir um pouco enquanto a levamos para um hospital. Deus a encontrou. Não se aflija, pois a saúde a espera em uma boa hospedaria.

– *Será que Deus perdoa prostitutas?*

– Claro. Jesus afirmou ter vindo à Terra para salvar ovelhas perdidas. Os aflitos e os sofredores são seus prediletos. Se prometer dormir um pouco, estou certo de que acordará nos braços da paz.

– *Obrigado. Talvez um dia possa pagar-lhe o bem que me faz.*

– Não precisa. Sua melhora é a nossa recompensa.

Encerramos a reunião. Havia uma nota de piedade no ar por essas pobres mulheres vitimadas pela doença e equivocadas em seus sonhos de felicidade. Mas muitas páginas ainda seriam escritas sobre elas no livro da vida. Tal como em um conto de fadas onde há sofrimento, enfrentamento e superação, mas que ao final salvam-se todos e a felicidade volta a reinar, imaginamos o futuro de Rose. Que ao final ela seja tão feliz quanto possa ser, ao lado do seu conde Flaubert.

Vampiros sexuais

Em 1933 Chico foi surpreendido por duas pessoas que lhe fizeram a seguinte proposta: teria os estudos pagos no melhor colégio da cidade e ainda receberia dinheiro para ajudar a família, conquanto assumisse a autoria do *Parnaso de além-túmulo* e negasse a existência dos Espíritos durante duas palestras, uma no auditório da Escola Normal e outra no Teatro Municipal.

— Não posso mentir para mim mesmo. Ouço a voz de minha mãe, escrevo poemas que não são meus.

— Chico, você conhece um passarinho chamado sofrê?

— Não.

— O sofrê é um pássaro que imita os outros. Você nasceu com a vocação desse passarinho entre os poetas. Não acredite em Espíritos. Esses poemas que você julga psicografar são somente seus.

Nesse momento surgiu Emmanuel para pôr um fim ao diálogo.

— Chico, volte a Pedro Leopoldo e procuremos trabalhar. Você não é um sofrê, mas precisa sofrer muito para aprender.

Os vampiros sexuais são Espíritos que se perderam na estrada do sexo. Saíram da trilha da harmonia e tomaram um atalho para as perversões, terminando distantes da alegria, da plenitude, do contentamento que a prática sexual saudável aconselhada pelas leis

naturais proporciona àqueles que a praticam.

Movidos por falsas necessidades, por desejos de aumentar o nível do prazer, afastaram-se do respeito devido à sua parceria, trocaram os sentimentos pelo impulso animalesco, atraindo para si os desequilíbrios naturais dos equivocados. Todavia o desvio da libido, como qualquer outro vício que leve à vulgaridade, tem sempre um encontro marcado com a disciplina, não raramente, com prévia pousada na demência.

A perversão sexual é fruto da imaturidade do Espírito. De nada adiantaria castrar um compulsivo sexual, pois seus desregramentos não estão em sua genitália, mas em sua mente doentia. Sua cura exige primeiramente educação e reforma moral, seguida de prática saudável ou sublimação das energias sexuais.

Quando o desregrado sexual desencarna leva consigo seus desejos alucinados, pois os hábitos por ele cultivados, e que geravam impressões agradáveis, segundo seu ponto de vista, passam a agir como uma exigência do espírito, que os incorporou.

Essas impressões reclamam repetição a fim de saciar o desejo que continua intacto. Mas agora a maneira mais prática de sentir as mesmas sensações que tanto lhe agradavam é através do contato com um encarnado. Sob este prisma podemos afirmar que o desejo ultrapassa o túmulo, pois a perda do corpo carnal em nada altera o desejo, que é espiritual.

Imantado a um encarnado, o vampiro sexual,

como é chamado, passa a exigir de sua vítima através do pensamento, maior desempenho nessa área. Através de hábeis induções, gerando necessidades fictícias, passa a escravizá-lo levando-o a exaustão. O encarnado transforma-se em um dínamo a gerar energias para que o vampiro as consuma.

Nessa situação, o infeliz hospedeiro será levado ao colapso de suas forças ou à loucura, duas situações sem nenhuma vantagem para ele, nem no momento presente nem adiante, quando terá se tornado *amigo* íntimo do vampiro, que só o libertará com redobrado esforço de renovação de hábitos e de atitudes.

O vampiro, ao induzir seu hospedeiro ao uso indiscriminado do sexo, busca reprisar orgasmos que teve quando encarnado, atendendo a condicionamentos emocionais preservados. Seus desejos exigem sensações que já não pode produzir qual se estivesse de posse de um corpo carnal, necessitando de um plugue que lhe conecte a um encarnado o que lhe fará sentir sensações já vividas, recuperáveis apenas através desse intercâmbio.

Ao imantar-se a qualquer um dos participantes de um ato sexual pela área do cerebelo, recebe a descarga energética que leva a mensagem do orgasmo, que compartilhada, o faz reviver não através do órgão sexual, mas do reconhecimento de suas células cerebrais, as sensações e emoções que lhe marcaram e aprisionaram.

A tentativa de reter esse fugaz momento através

de inúmeras repetições acaba por encarcerá-lo em uma cela criada por ele, a monoideia. O exercício continuado impõe aos nervos o descontrole, a monotonia e o *esvaziamento* das demais funções; o perispírito assume deformações de vulto, e atormentado tomba o Espírito, louco ou escravizado por entidades cruéis que o utilizam para atormentar outras vítimas.

Observados através da vidência mostram-se de maneiras variadas: andrajosos, órgãos sexuais avantajados, mas portadores de anomalias; vitimados por esgares, trejeitos e alucinações; com sintomas típicos das doenças sexualmente transmissíveis, ou seja, sangramentos, pústulas e gosmas à semelhança do esperma; odor insuportável devido à degradação física e mental em que se comprazem.

E há os que mantêm a *lucidez* e adotam uma postura agressiva de dominar e aprisionar vítimas seviciando-as por décadas. Estes modificam o perispírito dotando-o de asas, chifres, genitálias enormes, de maneira a se assemelharem com o demônio mitológico, dominando pelo medo e, pela crueldade, escravizando mentes frágeis que se deixam dominar devido à sensação de culpa que trazem e que caracteriza a maioria dos viciosos.

Estes são os mais perigosos. Nestes a doutrinação precisa ser enérgica, não raramente acompanhada de técnicas hipnóticas que os façam sentir o peso da disciplina dos milicianos; que o mundo não lhes pertence e que há um basta no meio do caminho para todo zom-

bador da Lei. A manhã estava linda. Dedicamos boa parte dela para dialogar com os vampiros capturados por Tibiriçá e seus guerreiros.

– *Tibiriçá está com vampiros já aprisionados. Alguns serão colocados junto a mim por alguns instantes, para que em contato com meu perispírito, possam se beneficiar do choque anímico que deste advirá. Explica-nos Francisco que a comunicação nestas condições não tem como objetivo fornecer espaço ou oportunidade para que o vampiro se justifique, mas auxiliá-lo e torná-lo ciente de que, para ele, é o fim da linha. Com tais agressores, a linguagem enérgica é quase sempre obrigatória, pois quem não se respeita, dificilmente respeita valores de outrem.*

"Estou junto da jovem Isabelle e me impressiono com o número de alucinados sexuais que a acompanha. Alguns se insinuam com suas taras. Outros a agridem com palavrões; terceiros mostram-lhes os órgãos sexuais, fazendo gestos obscenos. Há aqui bastante casos para estudo e muito mais para socorrer. Estou com o hindu, que vai penetrando na mente de alguns, dando ordens para que se afastem e até para que adormeçam. Não sei como ele faz isso, mas é essa a impressão que tenho. Vou aproximar-me de um louco que se agarra a Isabelle."

– *É bom demais! Eu quero! Eu quero mais! Anda, depressa! Eu quero mais!*

– *Afaste-se! Não vê que a proximidade com a jovem o deixa com ânsia de vômito?*

Lancei a indução e em alguns segundo a médium fazia gestos de quem vomitava sem cessar.

- *Eu quero mais! Quero de novo!*
- *Vai vomitar! O estômago está revirado!*
- *Maldição! Agora não! Eu quero sexo! Quero de novo!*
- *Vai vomitar!*

A cada vez que repetia, vai vomitar, a médium entrava em contorções, e se algo tivesse no estômago, creio que teria colocado para fora, tal era a crise de vômito que vitimara o vampiro.

- *Estou exausto! Ai, meu estômago!*
- *Não vai suportar a pressão! Vai desmaiar!*
- *Estou morrendo!*

E foi então que, desfalecido, o vampiro foi retirado pelos lanceiros. Mas outro louco, já estava na mira de outra médium.

– *Não me tire daqui! Eu a quero só para mim! Vamos, mulher! Vai se deitar que eu quero ir para a cama contigo!*

– *Como pode pensar em sexo, se a coceira está fazendo seu corpo ferver? Estou vendo sua pele. Está repleta de urticárias. Deve ser urtiga que passaram em você.*

– *Mas quem fez isso? Está queimando! Qual o desgarrado que passou urtiga em minha pele? Água! Traga água!*

– *O índio está dizendo que a coceira só passa se você se afastar da mulher. É ela que está causando toda essa urticária.*

– *Deixe-me ficar com ela só um pouquinho. Eu preciso! Minha pele está em fogo.*

– *É porque voltou a falar nela. A cada vez que pensar em sexo ou em estar com ela a coceira aumenta.*

Está em sua vontade amenizar a queimação.

– *Estou em carne viva, mas preciso dela. Só mais uma vez. Veja! Minha pele está sangrando.*

– Então saia daí! Vai esperar que o osso fique à mostra? Como poderá se apresentar para outra mulher sem a pele?

– *Vou sair um pouco até encontrar um remédio.*

– Bom mesmo é remédio de índio. Eles conhecem plantas medicinais que curam qualquer doença.

– *Pois bem, índio! Mas traga-me de volta depois.*

Tibiricá deve ter se fingido de mouco para aquele pedido. Pedido de louco não deve ser levado em consideração, responderia ele, caso o alucinado o indagasse posteriormente. Mas as médiuns já estavam de volta ao Centro Espírita, a fim de permitir que outros vampiros se comunicassem.

– *Que jovem linda esta que me atende. Para você, que não me conhece, deixe-me apresentar-me. Eu estou lá, estou aqui, estou onde me chamam. Eu sigo qualquer um que me acene. Eu me insinuo, penetro nas roupas, pego onde quero, me roço, sou homem, mulher, sou sexo.*

"Eu sou o prazer. Sou o hálito do desejo. Quando encontro alguém que me chama, me esfrego nele como um gato plumoso, passo a mão em seu sexo, passo a língua quente sobre a pele e vou percorrendo todo o corpo provocando arrepios."

– Estamos na terra dos espinhos. Em tudo que passar a mão ou a língua irá ferir-se.

– *Já notei que não são acolhedores. Uma criatura terna*

como eu, que tem mãos de veludo, merece melhor recepção.

– Vivia como hóspede do cabaré?

– Não. *Eu sou dono de madame Rose. Ela entregou-se a mim e sob minha inspiração montou a casa dos prazeres levando alegria a muitos.*

– Foi lá que se tomou um vampiro sexual?

– Não. *Já me entregara ao sexo muito antes. Gosto de ser vampiro. É gostoso influir no pensamento secreto das pessoas e fazê-las liberar seus desejos e fantasias. Sinto prazer em fazer com que alguém que se diz forte e não influenciável, ceda às minhas induções caridosas. Meu sucesso é não ser violento. Sou lânguido, amoroso, poderoso.*

– Poderoso acho que não. Deus é que detém o poder do Universo. O homem pode ter alguma força, que se transforma em poder transformador, se bem direcionada. Mas algo pálido frente ao poder absoluto que é Deus.

– *Sou o amor abrasado pelo desejo do sexo. Quando sussurro aos ouvidos das pessoas elas cedem ao meu chamado. Elas me seguem porque sou doce e os gemidos que provooco não são de dor, mas de prazer.*

– Já entendi sua lógica. É a mesma do mendigo que sob andrajos se faz passar por um príncipe. Nossos ouvidos tolerantes já se fartaram de suas sandices. Precisa ser auxiliado para entrar na cela ou prefere fazê-lo de livre e espontânea vontade?

– *Prefiro negociar. Há sempre uma saída para casos dessa natureza.*

– É verdade. Mas só depois de uma entrada e

uma permanência. Prefere que Tibiriçá o auxilie ou entra sozinho?

— *Entro sozinho. Já disse que não sou de violência.*

Após este vampiro, de "bico doce", como se costuma chamar em minha terra os que falam demais e nada dizem, vieram outros de diferentes abordagens.

— *Quem vai resistir ao nosso poder e a nossa força? O sexo manda no mundo desde a sua origem. Vocês não podem nada! São uns beatos fanáticos que desconhecem o poder que temos nas mãos. Madame Rose nos pertence. Existe toda uma estrutura preparada para enlouquecê-la caso recuse aderir ao esquema. Ela vai refazer tudo! É nossa aliada e vocês não vão se meter onde não foram chamados.*

— Era um frequentador do cabaré?

— *Estava desencarnado nessa época. Ela o construiu sob nossa ordem e deverá reconstruí-lo sob nossa gerência. O novo cabaré deverá ser um ponto estratégico, de constante comunicação entre encarnados e desencarnados ávidos de prazeres. Sua doutrina não defende esse intercâmbio? Somos os senhores do prazer! Temos escravos e escravas que nos servem nesses antros. Estamos querendo aumentar nossos contatos. Isso é normal em qualquer negócio.*

— Então tem a fracassada pretensão de induzi-la a inaugurar uma nova casa de prostituição?

— *Casa de prazer. Não distorça as palavras. Quem são vocês para nos impedir de expandir nossos projetos e nossos negócios?*

— Somos aqueles que vão dar um paradeiro nes-

sa falta de compostura. A dinamite está acesa e o alvo marcado. Só há uma saída: a prisão.

– *Pigmeu falastrão! Ninguém jamais ousou nos barrar o curso!*

– Pois chegou o momento do basta! Há um grande paredão a sua frente e uma lança em seu pescoço. Aconselho a não reagir, pois os índios são treinados em artes marciais.

– *Nunca puseram a mão em mim! Tirem as mãos de mim, infames!*

– São as mãos da justiça. Estão tirando o que não soube preservar. Vamos começar pela visão causadora de escândalos; e a fala, vulgarizada e corrompida. Se tentar reagir, a lança pode perfurar seu pescoço.

– *Malditos! Desgraçados! Trabalho com as trevas!*

– Por isso é um fraco. Se trabalhasse para a luz seria invencível. Agora entre na cela. Ela será sua casa por algum tempo.

Abafadas as bravatas do segundo vampiro, um terceiro já nos agredia verbalmente.

– *Covardes! Brutamontes! Homens primitivos das cavernas! Vi o que fizeram com ele. Ele saiu daqui enrolado em arame farpado dos pés à cabeça. Mas isso não me intimida. Se pensa que vou lhe obedecer se engana. Comigo é diferente.*

– Vou fingir que não ouvi o que disse pensando em nos assustar, mostrando uma valentia que não tem. Só utilizamos de energia quando necessária. Quem nos autoriza a usá-la é o comunicante. Por isso lhe pergun-

to antes de iniciar o diálogo. Vai querer bancar o valente, mesmo sabendo que não tem nenhuma chance de vitória?

– *O que quero dizer é que não estou aqui para apanhar de ninguém. Sou assumido. Gosto de sexo e curto a vida. A vida é prazer, traição, cabeça virada, muita zoeira.*

– Também era um cliente do cabaré de madame Rose?

– *Era, sou e serei. Quando se trata de sexo conjugo todas as formas verbais.*

– Então precisamos mudar de verbo para adjetivo. Dureza! É o que vai enfrentar daqui por diante.

– *Mais um palhaço que pensa que pode me prender. Você é de carne e osso e eu sou fumaça escura. Nenhuma grade me detém.*

– Ótimo! Será tratado com exaustores. Esgotou o tempo das representações. Vamos entrar no cenário real da vida.

– *Não! Nessa gaiola não entro!*

– Entra, sim! E tenho certeza de que fará isso calado. A mão que lhe prende o pulso é forte o bastante para fazê-lo desistir de qualquer reação. Aproveite o tempo que passará sozinho para meditar nos caminhos que tem percorrido. Deus aceita filhos ingratos, mas só depois de se limparem das nódoas da ingratidão.

Um a um os vampiros iam se despedindo da liberdade que não souberam honrar.

– *Não vou permitir que ela venha a este canil. Hoje mesmo vou enforcá-la.*

– Planeja fazer com que ela não aceite o convite do pai para vir ao Centro Espírita?

– *É! E você prostituta? Prostituta com prostituta se dão bem (o vampiro falava com a médium).*

– Mais um valentão diante de uma mulher. Não viu que ao lado dela tem um índio?

– *Não tinha notado. Por que ele colocou a lança em meu pescoço?*

– Medida preventiva.

– *Eu vou continuar perto dela! Vou possuí-la! Ela vai sentir todo o meu fogo! Ela é minha.*

– Todos nós somos livres. Costumamos dizer que, se deve haver um dono para tudo, só pode ser Deus, que a tudo criou.

– *Nada no mundo vai me desligar dela.*

– Está cometendo uma tolice. Bancar o valente não é uma boa política quando se está espetado por uma lança. Não quer reconsiderar a atitude e refazer a frase?

– *Não! Não se abre mão daquilo que se tem só porque alguns beatos querem.*

– Insisto uma vez mais. Ainda se reconhece e está lúcido. Já vi vampiros saírem daqui totalmente desmemoriados e sem o órgão sexual. Não somos carrascos, mas ainda não chegamos ao ápice da caridade. Digamos que a disciplina está solicitando à caridade um aparte para interferir. E então? Quer o perfume da caridade ou o chicote da disciplina?

– *Pare com essa cantilena idiota! Já disse que não saio de perto dela.*

– Pois se prepare! A tempestade acaba de chegar!

– *Não acredito! Não acredito que me feriram!*

– Quem você pensa que é para desafiar as leis divinas? Isso é apenas o começo! Se não se entregar imediatamente acabará como um zumbi, vagando como uma folha morta. Se tentar medir forças com os guerreiros não respondo por sua saúde.

– *Mas eu preciso dela! Preciso de mulher!*

– Pois se torne digno de uma. Tire essa jovem da cabeça! Para você ela deixa de existir a partir de hoje. Aproveite a chance que os bons Espíritos lhe darão, para recomeçar a caminhada de maneira honesta. A noite ainda não está totalmente escura para você. Há um raio de luar invadindo sua janela. Ele poderá guiá-lo até Deus. Quanto ao ferimento nossos médicos o sanarão. Jesus tem uma boa frase para essas despedidas: Vai e não peques mais.

Em meio aos vampiros vieram mulheres doentes, cuja fixação em suas mazelas fizeram as médiuns que as atenderam chorar, tocadas pela piedade, esse sentimento suave e acolhedor.

– *Por que querem deter-me? Sou amiga dela e permaneço junto a ela para defendê-la. Vocês estão preocupados à toa. Ela certamente vai seguir o caminho traçado pelo destino. O destino de prostitutas por opção é proporcionar prazer a quem as buscam.*

– Poderia se identificar, por gentileza. Gosto de tratar nossos visitantes pelo nome de batismo.

– *Sou Lucy. Era a melhor amiga dela no cabaré. Desde menina, quando lá cheguei por ela convidada, fazia tudo que ela pedia. Nunca me zanguei. Estava sempre ao seu lado em qualquer situação, pois tinha prazer no tipo de vida que levava. E esse prazer eu devo a ela.*

– *Assistiu-a na doença?*

– *Sim. Eu era a única em quem ela confiava. Hoje estou ao seu lado inspirando-a para que reabra o cabaré. Quero que tudo volte a ser como antes.*

– *Transformou-se em uma viciada em sexo, infeliz, doente, e ainda quer reviver toda a desgraça que se abateu sobre sua vida?*

– *Eu gosto de sexo.*

– *Nunca encontrou quem a amasse de verdade? Nunca alguém lhe deu uma rosa, leu um poema ao seu ouvido ou disse que era bonita como uma nuvem?*

– *Não estava lá para essas coisas. Quero continuar assim. Não me interessa o amor, mas o prazer. Quero estar em braços diferentes a cada dia.*

– *Braços que a usam e depois a expulsam. E as doenças que tem? Como pensa curá-las?*

– *Quem lhe disse que estou doente?*

– *A sua condição psíquica e perispiritual. Seus olhos fundos, seu rosto pálido, suas mãos trêmulas. Há uma tristeza profunda em seu coração. Sua alma grita por socorro e tem sede de colo como nunca vi em ninguém.*

– *O senhor está me deixando envergonhada. Repito que minha aparência está boa.*

– Não é minha intenção. Há quanto tempo não se olha em um espelho?

– *Há muito tempo.*

– Veja sua imagem e a compare com a que tinha antes de entrar no cabaré. Havia em seu rosto esperança, inocência, uma fé ingênua que foi morrendo por falta de exercício.

Diante da dor a elegância é inútil. Quem vem dolorido não se interessa por regras de etiqueta nem por notícias gasosas, tão a gosto dos mexeriqueiros, que amanhã serão fumaça. O estreito campo visual da dor busca apenas o medicamento. Aquela mulher confundira o alvo, e, portanto, errara o foco. Mas diante da dor a paciência é uma obrigação. Por isso alarguei a audição.

– *É porque agora estou mal cuidada. Não existe mais o cabaré. Estou maltratada. Deixei lá minhas roupas, maquiagem, perfumes.*

– E trouxe a anemia, as doenças venéreas, o sangramento dos abortos.

– *Como o senhor sabe disso? Está lendo a minha mente?*

– Não! Não tenho esse dom. Mas todas as suas amigas com as quais conversei eram iguais a você. É uma dedução lógica. Acredita que possa conquistar algum parceiro com uma carga tóxica tão letal?

– *Sei que estou mal. Por isso permaneço na casa dela induzindo-a a recomeçar a vida de antes. Se começarmos, ela cuidará de mim e voltarei a seduzir. O senhor acha que se eu vestir um traje bonito alguém sentirá interesse por mim?*

– Sim. Mas o que acontecerá depois?

– *Entendo. Quando ele retirar meu traje verá que tenho febre, dor no estômago devido aos abortos. Sentir-se-á nauseado devido a essa coisa branca que sai da minha vagina.*

– Qual a causa de sua morte?

– *Sífilis, abortos, tuberculose. Acho que um pouco de cada.*

– E ainda continua com as mesmas doenças. Não será um novo cabaré que a fará retornar à saúde. Por que não fica conosco? Será levada a um hospital e tratada de suas enfermidades. Saudável, trabalhará em outra profissão e encontrará quem a ame de verdade.

– *Mas eu só tenho a ela.*

– Não teve filhos?

– *Tirei todos aconselhados por ela.*

– Nunca quis saber notícias deles?

– *Não. Fiquei envergonhada por impedi-los de viver. Essa é uma grande culpa que carrego.*

– Rose se encontra doente. Nasceu com sérios compromissos a enfrentar. Deverá se fortalecer, estudar, casar, viver com honradez.

– *Por isso a busquei. Se nasceu de novo pode construir um novo cabaré.*

– Não haverá novo cabaré. Deus tem outros planos para ela. Quanto a você poderemos hospedá-la e enviá-la a tratamento médico. Será difícil encontrar um novo amor nesta situação. O amor não pode se expressar através de uma máscara de tristeza ou da maquiagem do desânimo.

– *Ficando, o que acontecerá comigo?*

– Irá recuperar a saúde. Terá chance de encontrar seus filhos e pedir perdão por tê-los abandonado. Terá de volta sua dignidade de mulher e poderá pensar em um amor de verdade, desses que se respeitam e se afaçam sem culpas ou abandonos.

– *O senhor falou com tanta certeza que vou aceitar sua proposta. Indigente como estou não poderei pagar pelo que me fizeram.*

– A moeda de pagamento por aqui é a dedicação e a boa vontade de acertar. Seja bem-vinda! A paz a espera na recepção do hospital.

O tempo avançava célere. Mas ainda havia uma última mulher enferma para socorrer.

– *Veja o que eles fizeram comigo! Mas fique distante minha filha, não quero que se contamine com essas doenças.*

A mulher, durante toda a comunicação confundiu minha voz com a da médium, que se fez de primeira enfermeira para ela.

– O que fizeram a você?

– *Não vê os buracos no meu rosto? Foram eles que os fizeram. Você é tão branquinha. Queria que fosse minha filha. Tinha tanta vontade de ter uma filha. As minhas foram puxadas através de ferros. Que faz aqui nesse lugar apodrecido?*

– Pretendo levá-la comigo. Deus, em sua misericórdia, mandou recolher todos os enfermos deste lugar e curá-los.

– *Não! Eu tenho vergonha dos médicos! Entre as minhas pernas há muitas coisas horríveis.*

- Mas, primeiro, preciso consertar seu rosto.
- *Não! Saia daqui! Você vai se contaminar. Você trouxe esses padres? Diga a eles que saiam. Meu rosto está queimando. O que estão fazendo com ele?*
- Colocando um remédio para que sare rapidamente.
- *Mas minha filha, você vai se infectar. Não deixe que eles toquem nas minhas partes. Está tudo podre! Eu não ando mais. Não sinto mais minhas pernas. Tudo em mim exala podridão. Sai muito sangue purulento.*
- Olhe seu rosto como ficou bonito.
- *Não quero olhar. Tenho medo! Só vejo vampiros ao meu redor. Eles sabem que eu os temo. Não tenho coragem de olhar para o espelho.*
- Está falando dos vampiros que os guardas prenderam? Não há mais nenhum deles aqui. Se o problema é este pode olhar sem medo.
- *Saia ligeiro daqui. Você é tão menina. Eles podem lhe pegar. Como podem ter prendido esses monstros?*
- Nossos guardas prenderam todos.
- *Quero que seja a minha filha. A menina que nunca me deixaram ter. Era o meu sonho cuidar de uma filhinha.*
- Veja no espelho! Realmente você ficou linda.
- *Estamos lindas. Obrigado por ter colocado sua cabeça em meu ombro. Estamos tão próximas. Nossos rostos estão ligados. Você vai ser minha filhinha.*
- Quer dormir um pouco?
- *A mãe dorme no colo da filha. A filha gosta da mãe.*

A mãe agora tem uma filha. Obrigada pelo colo. Finalmente, meu Deus! Um pouco de paz.

Como a mulher estava com a atenção muito centrada na médium, desejando-a como filha, não interferi nessa linha de raciocínio. A médium, neste caso, teve que participar da doutrinação, o que verdadeiramente, deu bons resultados.

Emocionados e abastecidos pela prece final retornamos aos nossos lares.

O hindu

Quando pediram a Chico Xavier para que contasse um fato marcante em sua vida, algo que lhe trouxesse gratas recordações e que mais lhe tocara o coração, ele assim se expressou.

Peço permissão para contar um caso que para mim foi um dos mais expressivos, que mais parece uma história infantil. Eu estava em Uberaba esperando um ônibus para ir ao cartório. Da nossa residência até lá tem uns três quilômetros. Nós, com o horário marcado, não podíamos perder o ônibus. Mas, quando o ônibus estava quase parando, uma criança, de uns cinco anos, apresentando bastante penúria, gritava por mim, de longe. Chamava por Tio Chico, mas com muita ansiedade. O ônibus parou e eu pedi, então, ao motorista: "Pode tocar o ônibus, porque aquela criança vem correndo em minha direção e estou supondo que este menino esteja em grande necessidade de alguma providência". O ônibus seguiu, eu perdi, naturalmente, o horário. A criança chegou ao meu lado, arfando, respirando com muita dificuldade. Eu perguntei: "O que aconteceu, meu filho?" Ele respondeu: "Tio Chico, eu queria pedir ao senhor para me dar um beijo".

Esse eu acho que foi um dos acontecimentos mais importantes da minha vida.

Há muitos anos que ele trabalha conosco. Todavia, nenhum de nós, encarnados, sabe quem ele é. Para nós sempre foi conhecido por hindu, e sempre surge

para solucionar questões relativas à ciência ou casos mais complexos na área da desobsessão. Certa vez tocamos neste assunto, sua identidade, mas ele se recusou a mencionar seu nome verdadeiro.

Neste drama da jovem Isabelle ele foi a figura que mais se apresentou junto aos médiuns. Diferente de Tibiriçá, que é guerreiro, de Francisco, que é terno, de Kröller, que é cientista, ele age mais mentalmente, dominando Espíritos e situações com a força mental disciplinada já conquistada.

Seu aspecto é de alguém calmo, turbante na cabeça, adornado por uma esmeralda. Sua veste é alvinizante e suas palavras poucas, mas bondosas. Se tivesse que perguntar-lhe sobre as forças sexuais, acredito que me diria em algumas palavras o que só conseguiria expressar em um texto. Portanto, baseado no que já escutei de seus ensinamentos, prefiro desenvolver ao meu modo os conceitos que já aprendi dele.

O organismo humano é como um complexo laboratório cujo departamento mais importante, a reger os demais, comandando sua produção e desempenho é a mente. Esta por sua vez é o instrumento de manifestação da vontade do Espírito, seja ele encarnado ou desencarnado. Se o indivíduo está viciado na prática do sexo desregrado, ou seja, é um atormentado espiritual, mostra através de sua mente a necessidade de assistência, sobretudo moral.

Todavia, desvios mentais levam desequilíbrios ao

corpo, o que não dispensa a intervenção da medicina acadêmica, também de inspiração divina. Depois de submetidos ao diálogo na reunião mediúnica, ainda restará ao comunicante portador de anomalias, tratamento condizente com suas necessidades perispirituais e psicológicas.

Devido à interpretação vulgarizada dada ao sexo por setores da mídia descompromissados com a evolução espiritual, muitas pessoas se deixam atormentar por seus conselhos e tendências. O pensamento espírita sobre o sexo, já expresso alhures, aponta para a supervisão do amor, que deve presidir-lhe o desempenho. Podemos resumi-lo da seguinte maneira: A divindade não exige abstinência, mas consciência.

Contudo, como a maioria de nós é composta por pessoas ainda superficiais na vivência do evangelho de Jesus, nos perdemos em conflitos gerados pela imaturidade do senso moral. Custa-nos disciplinar a mente, impor diretrizes aos pensamentos, preencher as horas vazias com a alegria do conhecimento, do serviço assistencial, da arte, o que geraria motivações e condicionamentos que nos trariam um pouco de paz.

As energias sexuais, em excesso ou descontrole, necessitam de direcionamento para outras atividades a fim de se dissiparem através de uso adequado. Se o indivíduo a tem em demasia, empregando-a exclusivamente no exercício sexual, entrará em colapso físico e perturbação mental. Se tentar bloqueá-la, seu acúmulo,

mais cedo ou mais tarde, gerará uma explosão.

Um dos caminhos apontados pelo Espiritismo para a pacificação dessas forças é a sublimação, que consiste no seu emprego ou compartilhamento em tarefas nobres que o dignifiquem como ser humano. A Doutrina mostra caminhos seguros e tarefas exequíveis, plenamente compatíveis com o nível moral-intelectual em que nos situamos.

Longe de encarar o sexo como pecado, mas com a intenção de colocá-lo a serviço da evolução do Espírito, alia seu desempenho à moral cristã, colocando-o sob a inspiração do evangelho de Jesus, preservando-o, assim, da contaminação perversa e pervertida de enfermos que o manipulam de forma equivocada.

Médiuns e doutrinadores não se excluem dessa programação, pois vivem no mundo e sofrem suas influências, adicionadas, às vezes, das perseguições daqueles aos quais tentam auxiliar. Para tais interferências deixou Jesus, eficiente roteiro embasado na vigília e na oração, no trabalho edificante e na prática da caridade.

Iniciamos a reunião discutindo tais aspectos com os médiuns envolvidos na reunião de emergência mediúnica, criada para atender casos complexos de obsessão, qual o da jovem Isabelle, perseguida por atormentados sexuais. Feita a prece inicial, logo uma das médiuns se manifestou.

— *Estou no lar da jovem Isabelle. Observando-a, pois*

esta é a minha função aqui, vejo-a envolvida por sombras que se movimentam ao seu redor. Há uma parte mais escura em sua cabeça, em seus órgãos sexuais e em seus seios. Fazendo uma comparação grosseira, as sombras se assemelham a pequenos morcegos, e formam um envoltório que atinge o corpo carnal e o perispiritual. O hindu diz que essas sombras são os vampiros que a influenciaram no passado e que hoje tentam trazê-la à vida desregrada de outrora.

"Para que ela tenha um pouco de paz e possa reagir mais favoravelmente precisa quebrar o vínculo com o passado. Pelo menos na parte que se refere aos vampiros há uma urgência declarada, o que não impede que, mesmo atendida, sua consciência continue com as habituais cobranças, exigindo intimidade com a ética e a honradez.

"Nosso instrutor esclarece que durante o sono físico estudamos e trabalhamos no sentido de conseguir uma solução rápida e eficiente para este caso. Também afirma que com a ajuda de Espíritos mais treinados do que ele, os vínculos serão quebrados hoje.

"Acompanha-nos nessa missão, Tibiriçá e seus guerreiros, enfermeiros com macas, e técnicos com aparelhagem sofisticada cuja função desconheço. Preparo-me para grandes surpresas, pois quando ele traz os amigos, o inusitado também vem junto.

"Tibiriçá, que parece conhecer o plano, afirma que os vampiros serão dispersos, paralisados e capturados. Começo a sentir um frio intenso. A temperatura está mudando tão drasticamente que vejo a neve cair. O termômetro deve estar

marcando abaixo de zero grau Celsius. A paisagem se transforma rapidamente. Parece que estou em um país congelado. Não sei como ele faz isso, mas onde ele pisa vai surgindo gelo. Certamente não faz isso sozinho. A mente de outros Espíritos e a aparelhagem que vi deve contribuir para a mudança.

"Um vampiro enorme e desconfiado está próximo a mim. Escuto seu pensamento. Acho que posso dizer que entrei na sua faixa psíquica."

– Que frio é esse? Deve ser os malditos anjos que estão fazendo o ambiente mudar. Eles sabem que o frio nos enfraquece; devem estar querendo nos paralisar.

– Agora ele me percebeu e vem em minha direção. Se pudesse brincar nessa hora diria que entrei numa fria.

– Então temos uma intrusa aqui! Se pensa que vai nos deter com esse friozinho medíocre está enganada. Vou fazer sorvete com o seu sangue.

– A neve deve estar tolhendo sua visão. Há um exército em operação na área. A ordem é rendição para todos, sob pena de se transformarem em estátuas.

– Eu tenho um calor enorme dentro de mim. Sou um vulcão ambulante. Você não é páreo para mim seu hindu desgraçado.

– Sei que ele pode se defender muito bem. Mas a ordem para você e seus amigos é a rendição. O que não cair pelo frio será derrubado pelas lanças. Vejo que está congelando. Que seus membros estão petrificando. Suas asas não conseguem se mover nesse ambiente. Você vai congelar! Vai cair duro como uma estátua!

A minha função como doutrinador inclui, quando necessário, lançar induções na mente dos Espíritos rebeldes. Eu as lanço e fico firme com a mente desenhando o que disse. Reforço as induções através de repetições dificultando a que eles organizem o pensamento para articular uma defesa. A minha palavra ou a minha ordem tem a função de importunar, impressionar, fragilizar, materializar através deles próprios, o que digo, quando a aceitam.

– Os movimentos estão ficando lentos! O sangue está congelando nas veias! Vai cair! Procure rápido um local menos duro, porque vai cair!

– *Não acredito que esteja paralisando. Desgraçados!*

– Hoje é o dia do juízo final. Todos que se alimentam de sangue ou que tenham ideia fixa no sexo vão paralisar. Já vejo as asas de alguns despregando. As presas nada podem contra o frio. Todos vão cair!

– *Para de falar desgraçado. Sou treinado para resistir! Não vou lhe dar o prazer de me ver no chão!*

– Está tonto! A voz está trêmula! O sangue está paralisando nas veias! A falta de ar está no limite! Vai cair!

O médium caiu sobre a mesa como que desmaiado. Sem demora outro vampiro já lamentava a situação. O frio os paralisava e agora estavam sendo capturados pelos guerreiros.

– *Quem é esse intruso com uma tapioca na cabeça? Ele amarrou minhas asas para trás. O que ele está fazendo aqui? É o novo dono do pedaço? Vou desamarrar! Se ele pensa que vou*

ficar preso pelas asas como um frango de feira está enganado.

– Você não vai ficar por aqui. Será levado para campos de tratamento onde poderá recuperar sua saúde e dignidade.

– *Preciso de sangue. Estou enfraquecendo. Aquela idiota pensava que eu era um anjo. Um anjo de asas tortas. Disse a ela que era bonzinho. Estava dominando o território, mas chegou esse sujeito de cabeça embrulhada.*

– Então Isabelle o viu e o confundiu com um anjo?

– *Foi. Na condição de anjo ia dar boas ordens a ela, mas esse sujeito chegou para atrapalhar nossa vida. O que ele veio fazer aqui?*

– Dar um basta nessa história que está comprida demais.

– *Mas ele não vai poder conosco. Não vai dar um caldo para nossa fome. Vamos sugar o sangue dele e esvaziá-lo como a uma laranja. Vamos deixá-lo só o bagaço.*

– Coitado! Não viu o que aconteceu? Ele foi derubando seus amigos e os guerreiros ajuntando e amarrando.

– *Por que não negocia comigo? Você me liberta as asas e eu vou para longe; tão longe que jamais ouvirão falar de mim. O intruso não precisa saber que me soltou.*

– Com as asas soltas você voa alto?

– *Sim. Muito alto! Mas desse jeito, nem andar eu posso.*

– Sinto muito! Acabou a temporada de voo. Todos serão levados para tratamento e mais tarde agradecerão a Deus o benefício recebido. Como todos estão

saindo, deve juntar-se aos prisioneiros sob a guarda de Tibiriçá.

Virada esta página, outra médium me solicitava a presença junto a ela.

— *Vieram comigo, na verdade passaram a semana comigo, três vampiros que muito me atormentaram. Dois deles se apresentam como homens e o outro é uma mulher. Eles possuem asas enormes, à semelhança de morcegos, mas distingue-se nitidamente que o corpo é humano. Quando eu me deitava percebia que eles também ocupavam a cama e tentavam penetrar em meu corpo, na tentativa de sugar energias, me enfraquecer ou até apavorar, para que eu desistisse de auxiliar a jovem Isabelle.*

"Com minhas preces eles se afastavam, mas posteriormente, voltavam. Como saía do corpo e os defrontava, corria de volta querendo abrigar-me do perigo, e isso prejudicou meu sono. Um deles conseguiu dar-me uma mordida no pescoço deixando um hematoma que aos poucos se desfez. Ficamos toda a semana nessa queda de braço e agora eles estão comigo."

— Pois isso termina agora. Deixe-os falar! A hora deles chegou.

— *Nós queremos energia, não apenas dela, mas de qualquer doador. O fato de termos sido hóspedes na casa dessa jovem deve-se ao fato de nos importunarem com suas rezas e interferências. Estávamos quietos cuidando da madame. Vocês é que são os invasores. Além do mais, porta aberta é convite a quem passa.*

— Todo vampiro tem em sua vida um dia pelo

avesso no qual quem manda é o caçador. Invadir casa alheia é crime. Usurpar energias é crime. Morder pessoas é crime. Como para crime existe uma penalidade vocês estão diante do cobrador. A promissória foi apresentada. O pagamento é o rigor da Lei.

– *Que vai fazer conosco? Sair do corpo e correr atrás de nós como um cachorro?*

– Não. Tirar suas asas, a visão, as presas e até a pele, se bancarem o engraçadinho.

– *Seu miserável! Vou interferir na sua vida. Vou hospedar-me em sua casa e viver lá para sempre. Primeiro vou pegar sua mulher. Eu gosto de mulher!*

– Se continuar ameaçando tiramos também sua voz. Ainda tem suas mãos! Apresente-as para Tibiriçá a fim de que ele coloque sobre elas um bracelete. Depois o siga mansamente. Não o ameace. O último que fez isso falou fino durante um mês.

Quando o vampiro é muito falastrão e mostra ares superiores com a intenção de nos intimidar, trato logo de cortar sua arrogância com linguagem dura. Infelizmente eles só entendem essa linguagem. A doutrinação do primeiro serviu, igualmente para o segundo, que preferiu entregar-se ao cacique. A mulher tentou comover-me para que a libertássemos.

– *Eu quero ir embora. Estou cansada desta vida.*

– *A que tipo de vida se refere?*

– *Primeiro, prostituta, depois vampiro. Duas desgraças seguidas que muito me distanciaram da felicidade.*

– Qual sua função entre os vampiros?

– *Eles me obrigavam a atormentar as pessoas. Fui colocada na casa da madame para confundi-la e fragilizá-la. Mas estou cansada desta vida. Quero me livrar deles e ir para muito longe viver minha própria vida.*

– Não é o que parece. Disse-nos a médium que agiam em perfeita comunhão e em função do mesmo objetivo. Frequentava o cabaré na França?

– *Não. Sempre pertenci a eles desde que me capturaram. Fazia apenas o que me mandavam. Com o tempo me tornei vampiro e hoje preciso de energias humanas para sobreviver. Felizmente vocês os prenderam e agora posso seguir minha vida sozinha.*

– Não está pensando que vamos libertá-la com o vício que a subjugou. Se está cansada desta vida há de preferir outra que a faça feliz.

– *Se me libertarem vou para longe. Deixo a jovem e nunca mais a importuno.*

– O risco é grande. Poderá ser capturada novamente e se tornar escrava. Insisto em que permaneça aqui e se submeta a tratamento médico especializado.

– *Tenho que seguir minha vida.*

– Qual? A de prostituta ou a de vampiro?

– *Não sou mais prostituta. Quero ser apenas vampiro. Sem eles poderei ser autônoma, tecer meus próprios planos, conquistar quem eu queira e ser livre.*

– Livre é uma palavra que não se aplica ao seu caso. Ninguém é livre fugindo da verdade. Foi Jesus

quem definiu a liberdade: conhecereis a verdade e ela vos libertará. Portanto, já que chegou a uma encruzilhada em sua vida, pense bem antes de qualquer decisão. Ela poderá levar à verdade ou a uma segunda desgraça.

– *Mas eu prometo não fazer mal a mais ninguém daqui.*

– E aos de longe continuará prejudicando?

– *Aqui vocês descobrem as coisas.*

– Ali e acolá também. Quem tem uma doença como a sua é impossível esconder. Nossos índios a levarão até os médicos, que a curarão.

– *Não! Eles, não! Estão me olhando com uma cara muito séria.*

– É a seriedade do trabalho. Estão admirados com a tolice que você disse: não farei mal aqui, mas em outro lugar. Acho que eles jamais ouviram um disparate desse tamanho. O tratamento a espera. Boa sorte.

Atendidos os vampiros, restavam mulheres enfermas que permaneciam fixas às suas ideias.

– *De uns tempos para cá consegui orar e pedir auxílio a Deus. Quando essa pequena luz invadiu o quarto entendi que chegara o dia de minha libertação.*

– Não há uma só prece sincera que fique sem resposta. Pedi e abrir-se-vos-á. Está diante do cumprimento das promessas de Jesus.

– *Até que enfim, meu Deus! Hoje saio dessa podridão que tomou conta do meu corpo.*

– Como chegou a esta condição?

– *Trabalhava no cabaré e fiquei doente. Jogaram-me*

neste quarto, pois doentes não podiam espalhar o mau cheiro entre os clientes. Se a doença era discreta a gente permanecia. Quando se alastrava a ponto de não poder escondê-la, a madame nos jogava nesse quarto para que morrêssemos. Por essa portinha deixavam água e alguma comida. Dei muito lucro para ela. Esse foi o meu pagamento.

– Qual a localização desse quarto com relação ao cabaré?

– *Nos fundos. Afastado para que nossos gemidos não impressionassem os clientes. Isso não era divulgado nem para eles nem para as candidatas a prostitutas. Era mostrado o glamour, as roupas bonitas, os perfumes, que via de regra, não podíamos comprar.*

– Por que permaneceu tanto tempo nessa condição?

– *Pelos meus próprios pecados. Quando estava doente, com dores profundas, o mau cheiro a agredir-me a sensibilidade e as narinas, não suportei a humilhação e pratiquei um ato covarde contra mim mesma. Arrastei-me devagar, peguei o velho lençol impregnado de imundícies que me cobria e o amarrei em um suporte do telhado. Em seguida o preendi ao pescoço e me enforquei. Isso é muito triste. Quando acordei meu corpo já não estava aqui, mas o quarto imundo ainda me abrigava. Juntei às doenças que me atormentavam, esta falta de ar que me sufoca. Cansada de tanto sofrer, de uns tempos para cá passei a lembrar da minha infância, dos meus pais, e acabei fazendo uma prece solicitando a Deus alívio para tantas dores.*

– Seus tormentos acabaram. Deus, em sua bondade enviou seus espíritos para ajudá-la. Suba na maca e

siga com os médicos. O quarto será demolido. Faça o mesmo com suas lembranças passadas.

Um drama como o de Isabelle é como uma árvore cujos ramos e folhas são personagens de maior e menor importância, mas sempre presentes.

– *Eu estou com ela. Sou o pensamento dela. A vida dela.*

– E o que coloca na mente dela?

– *Meus desejos. Quero que ela continue o cabaré de antes. Vivíamos muito bem naquela vida. Tínhamos os homens aos nossos pés. Eu fui muito querida por ela, pois a obedecia em todos os detalhes. Mademoiselle era gentil e sabia como dirigir o negócio. Precisamos tocar a vida em frente.*

– Já se tratou das doenças venéreas que contraiu?

– *Não quero falar sobre isso.*

– Quando alguém dá uma resposta como esta é sinal seguro de que está escondendo algo.

– *Tratar onde? Com quem? A gente tem é que esconder.*

– E o mau cheiro? A dor? O sangramento? Primeiramente é necessário se tratar para então conquistar. Não conheço um homem que aceite dividir o leito com uma mulher carregada de doenças transmitidas pelo sexo.

– *Mas que língua de trapo! Foi falar e eu comecei a sentir os incômodos. Na verdade não consigo esconder essa doença. Ela sempre volta quando relembro a vida que levei.*

– Tem outras doenças além das citadas?

– *Por que só fala em doenças? É um médico?*

– Enfermeiro. Especializado em doenças vené-

reas. Estou autorizado a medicar todos os doentes que trabalharam no cabaré de madame Rose.

– *Sinto fortes palpitações no coração. Mas não posso sair de junto dela. Como vamos reabrir o cabaré se alguém não incentivá-la? Você tem que tirá-lo de lá.*

– Está se referindo a quem?

– *Àquele homem de cabeça amarrada. Ele invadiu a casa e passou a dar ordens. Está retirando doentes, bandoleiros, vampiros, como se fosse o novo dono de tudo.*

– Ele é médico de almas. Por que não se apresenta a ele e pede que a cure?

– *Tenho vergonha. Ele parece ser muito sério. Certamente vai reprovar meu procedimento e me repreender.*

– Como eram tratadas as doenças no cabaré?

– *Quem tinha dinheiro chamava um médico. Quem não tinha conseguia remédio do mato. Exagerei na dose do remédio do mato e morri. Quando isso ocorreu, eu já estava prostrada. Da cintura para baixo tudo estava apodrecendo.*

– Com tantas dores sofridas no passado ainda quer revivê-lo?

– *Sim.*

– Então deve estar doente da cabeça também. Vou fingir que não escutei e chamar um médico de verdade para atendê-la.

– *Mas que não seja aquele sujeito de branco com a cabeça enrolada. Ele fica lá andando, com as mãos para trás, impondo sua vontade e expulsando a gente. Quem é ele?*

– Foi mandado pelos bons Espíritos para acabar

com a farra dos vampiros e acolher os doentes. É graças a ele que você está recebendo a chance de ter um tratamento digno.

– *Ele vai deixar aquela casa limpa, pois o que tem de gente debandando cabe em uma procissão.*

– Quem quiser ajuda a terá. Mas é preciso querer com sinceridade. Ele lê a mente das pessoas e não há como enganá-lo. Antes que viesse para cá mandou um recado para que a acolhêssemos muito bem e a encaminhássemos aos melhores médicos.

– *Se é assim, eu aceito.*

Foi então que passamos para o atendimento de crianças, pois até então desconhecíamos que o cabaré mantinha um alojamento para elas. Esse foi o quadro mais doloroso do dia. A loucura sexual, estampada em forma de pedofilia também estivera presente na vida de Isabelle.

– *Saia de perto de mim! Saia! Não confio em ninguém, saia!*

– Está falando com quem?

– *Com esse homem fantasiado.*

– Não é uma fantasia. É a roupa normal dele. É assim que as pessoas se vestem no país de onde ele veio.

– *Mande que ele saia de perto de mim! Eu não confio! Saia daqui!*

– Ele é médico. Está aqui para ajudar a quem sofre. E você quem é?

– *Maldita! Ela vai pagar por tudo que me fez!*

– Está com muita raiva da madame Rose?

– *Raiva é pouco! Estou com ódio. Um ódio tão grande que me sufoca.*

– O que ela lhe fez para machucá-lo tanto?

– *Não está vendo que sou uma criança? Sou um menino que foi abusado no cabaré. Saia! Diga para que nenhum homem me toque! Tenho medo deles!*

– Ninguém tocará em você! Dou-lhe minha palavra. Esses homens estão aqui para recolher doentes e combater os vampiros. O que lhe fizeram naquele cabaré?

– *Eu só tenho dez anos. A maldita me vestia de menina e aqueles loucos me maltratavam. Eu não quero falar sobre isso.*

– Como quiser. Nosso interesse é ajudá-lo para que esqueça essas lembranças que lhe afligem.

– *Não quero ajuda. Eu vou matá-la! Vou fazer tudo para que pensem que ela é louca! Quando ela sair nas ruas, vão dizer: olha a louca! Olha a doente!*

– Ela enganou seus pais dizendo que lhe daria uma boa educação?

– *Quando ela me comprou eles sabiam o que fariam comigo. Malditos! Quando me vingarei dela vou atrás deles. Ela era muito conhecida. Soltava muito dinheiro na casa das crianças.*

– Havia outras crianças além de você?

– *Sim. Mas ficavam escondidas, pois não podiam aparecer.*

– Como é o seu nome?

– *Não lembro. Não se aproxime! Não se aproxime! Eu não gosto de panos! Saia! Está fantasiado e eu não gosto. A mulher pode ficar! Ele não!*

- Quanto tempo você viveu no cabaré?
- *Pouco tempo, pois morri logo.*
- De quê?
- *Não sei. Perdi muito sangue. Os homens me bateram, me abusaram e me deixaram sangrando. Foi assim que morri.*
- Está doente?
- *Não! Sinto-me forte com o sangue que os vampiros me ensinaram a tomar.*
- Sua aparência é a de menino ou tem traços de vampiros?
- *Já disse que sou menino. Não consegue mesmo me ver ?*
- Não. Pelo que me disse vive com os vampiros.
- *Agora vivo com ela. Dentro dela e fora dela.*
- Como assim?
- *Os vampiros me ensinaram a técnica de reduzir e entrar dentro dela. Provoco sangramentos e coagulações. Ela sangra muito. Naqueles dias eu provoico muitos coágulos. Também interfiro nos outros dias.*
- Que técnica os vampiros lhe ensinaram?
- *Eles me dão sangue, pedem que eu diminua e entre na barriga dela. Lá entrando penso em coagular o sangue e o sangue me obedece. É como fazer queijo, dizem eles.*
- Seu corpo ainda sangra?
- *Muito. Nesse momento estou perdendo sangue por todo o corpo.*
- Quer que os médicos curem você?
- *Não! Saiam de perto! Fica só a mulher! Não quero homens! Eu odeio homens!*

- Esses homens não são maus. Querem apenas ajudá-lo em seu sofrimento.
- *Não! Não chegue perto de mim! Não limpe o meu sangue! Não me toque! Eu quero que esse sangue fique aí.*
- É só uma criança assustada e vamos ajudá-la.
- *Sou um vampiro! Quero ser um vampiro!*
- Mesmo que fosse um vampiro não teríamos medo.
- *Eu não sou um menino. Isso dói! Eles vão me fantasiar de mulher de novo e vão abusar de mim.*
- Já lhe prometi que nenhum mal lhe será feito.
- *Mas eu tenho medo! Isso dói! Eu não quero ser menino!*
- O desorientado que botar a mão em você pensando em lhe fazer mal será imediatamente preso e algemado.
- *Não quero! Não posso! Tire-me daqui! Mulher, tire-me daqui! Fique comigo!*
- Vamos sair!
- *Ela vai cuidar de mim?*
- Claro! Não vai mais haver vampiros, sangue, cabaré nem madames. Apenas crianças brincando e estudando.
- *Eu não sou menino. Não quero ser. Estou com sono... Minha cabeça está rodando...*

E adormeceu. Ainda houve o resgate de outras crianças, mas não é nossa intenção colocar mais tristeza em nossas páginas. O que importa é que elas agora estão seguras, amparadas, crescendo junto a outras cuja preocupação maior é a bola, a corrida, o banho nas cachoeiras, as bonecas e, naturalmente, o estudo.

O evangelho no lar

Caminhando para o trabalho Chico levou um tombo, caiu de costas, e de quebra ainda bateu com a cabeça no chão. Levantou-se pronto para reclamar quando Emmanuel ordenou.

— Agradeça.

— Como?

— Agradeça.

Sem saber qual o motivo, agradeceu prontamente.

— Obrigado, muito obrigado.

Emmanuel explicou: se você se irritasse, emitiria vibrações quase iguais às deles e eles ficariam com mais força.

A grande maioria dos espíritas conhece os benefícios da prática do evangelho no lar. Reconhece nele, além de uma oportunidade de reunir toda a família em torno de um momento de confraternização e de oração, algo raro nos dias atuais, um encontro com os amigos espirituais, com os ensinamentos de Jesus, com as energias revigorantes e as intuições proporcionadas por este momento sublime.

Ao escolher um dia da semana no qual todos possam estar presentes, harmonizar o ambiente com uma música suave, ler uma página de *O Evangelho segundo*

o Espiritismo e comentá-la com o propósito firme de se melhorar interiormente, a família forma em torno de si um escudo protetor que dificulta o assédio de Espíritos agressores.

Esclarece Emmanuel: A criatura fala ao criador através da oração; o criador responde à criatura através da inspiração. É este um dos propósitos do evangelho praticado dentro do lar. Solicitar de Deus as bênçãos para seus habitantes e a proteção contra as tentações mundanas. Outro é buscar a inspiração que facultará uma atuação digna e justa em qualquer empreendimento projetado.

Tudo isso foi dito aos familiares de Isabelle, quando nosso grupo foi visitá-la a pedido do chefe da família, que passara a frequentar o Centro Espírita, sinceramente desejoso de ver a filha curada do assédio que a maltratava.

A garota estava bem melhor, conversando normalmente, embora ainda sofresse interferências de outras mentes, notáveis pelo desvio do curso do pensamento, ocasião em que rebatia com palavras o que afirmara anteriormente, como a querer negar o conceito ou a vontade expressada.

Todos permaneceram em volta da mesa em posição respeitosa e participativa, mas Isabelle preferiu se dirigir ao apartamento vizinho, numa clara demonstração de que tal procedimento não a agradava, decisão tomada com a ajuda de algumas companhias que ainda tinham ascendência sobre ela.

Ao final do evangelho retornou sorridente, sem nenhum sinal de agressividade, despedindo-se de todos com naturalidade e simpatia. A semente ficara plantada naquele solo promissor e, certamente, daria bons frutos, a depender de como a tratassem. Reforcei o aspecto da fidelidade ao compromisso assumido. Sem ela os maiores planos podem resultar em grandiosos fracassos.

A fidelidade é uma virtude típica dos Espíritos fortes. Sem ser fiel, ninguém pode dizer que ama ou respeita. Na fidelidade cada palavra quer dizer o que realmente expressa, pois quem a pronuncia, jamais lhe altera o significado com a intenção de camuflar sentimentos. Um "eu te amo" para quem é fiel quer dizer exatamente "eu te amo".

No domingo, pela manhã, estávamos nós a dar prosseguimento na recuperação e aconselhamento aos inimigos de Isabelle.

— *Vejo que os beatos foram ler seu livrinho na casa da madame. Perderam o tempo, pois ordenamos que ela saísse, no que fomos atendidos de imediato. Pensavam que ia ser fácil? Que bastavam uma oração, um conselho? Não ver o que acontecerá agora. Vamos deixá-la incendiada de desejos.*

— *É mais um frequentador de cabarés desejoso de ativar o antigo hábito?*

— *Um frequentador assíduo e ansioso para reviver aqueles dias venturosos.*

— *Posso enquadrá-lo entre os vampiros sexuais?*

— *Tanto faz que assim me considere. Tenho asas para*

planar e mais certamente investir contra minha presa. Do alto posso avistar quem me satisfaz e pousar como uma águia sobre a lebre.

– Tibiriçá, que é ótimo caçador, se incumbirá de cortar-lhe as asas. Aliás, noto que já as perdeu, pois nada vejo em suas costas a não ser pele molambenta. Era francês?

– *Sim. Era um cidadão rico. Sou casado e tenho filhas. Mas não me considero amarrado à mulher nenhuma.*

– E suas filhas?

– *Sustento a todas.*

– Gosta delas?

– *Claro que gosto. Não sou um pai desprezível como pensa.*

– Não estou pensando nada. Apenas questiono seus métodos. Se ama suas filhas por que as deixa solitárias e vai desperdiçar o tempo em um cabaré?

– *Por que o apelo do sexo é mais forte. Gosto muito da madame e ela me mantém preso como uma mariposa a uma lâmpada.*

– Pelo que sei a lâmpada apagou por falta de combustível. Por que não aproveita o escuro da noite e voa para casa?

– *Pretendo fazê-la brilhar novamente. As noitadas me impressionam e seu fascínio não me permite gostar do amanhecer.*

– Nada do que viveu naquele cabaré lhe trouxe paz ou felicidade. As noitadas lhe esvaziaram e só desgraça trouxe à sua vida. O único amor sincero que poderia ter cultivado foi o da família que abandonou.

– *Não abandonei minha família! Ela está na França.*

– Em que lugar se ninguém a encontra? Se passava o dia no cabaré como pode dar conta de uma família naufragada? Sabe ao menos em que ano estamos?

– *Não.*

– 2008. Toda sua família francesa está morta. Quem sabe não o procura? Mas acredito que não esteja interessado em ser encontrado. Quem troca a companhia das filhas por noitadas, bebidas, sexo sem amor, doenças e outras loucuras, não pode estar interessado no aconchego de um lar.

– *Desgraçado! Um desgraçado é o que sou.*

– Lembra pelo menos do nome das crianças?

– *Thereze, Brigitte e... a mais novinha...*

– Não acredito que esqueceu o nome da própria filha!

– *A mais novinha eu nem cheguei a ver. Eu deixei a casa. Agora me lembro. Deixei a casa antes dela nascer. Isso só vem confirmar que sou um desgraçado.*

– Olhe para a tela! Talvez os bons Espíritos tenham piedade da desventura que se abateu sobre sua vida e mostrem cenas de sua família.

A tela é formada pelos técnicos espirituais, com substâncias manipuladas por eles e o ectoplasma dos encarnados que compõem o grupo mediúnico. Já os ouvi chamarem-na de condensador ectoplásmico. Quando não mais precisam dela deixam que se desfaça naturalmente ou ao comando deles.

— *Farras, farras e mais farras. O dinheiro era da minha mulher. Ela me botou para fora de casa, pois não suportou minhas bebedeiras. Quando a madame me viu em desgraça proibiu-me a entrada no cabaré. Por isso eu a busco com meu ódio. Estava esquecido dessa parte da minha vida. Por que estava perto e não a odiava? Agora me lembro de que ela me tratou como um cão, pois para ela só tinha valor quem tivesse dinheiro. Bela, mas fria e má como uma bruxa.*

— E como morreu?

— *Como um mendigo, pedindo esmola, chutado, fedendo como um vagabundo, fazendo as necessidades na rua. Não voltei mais para casa. Fui um pária! Atiravam pedras em mim. Por favor, pare as imagens. Já basta! Lembro de tudo.*

— Mesmo sabendo a que ponto chegou, ainda quer reviver o passado?

— *Não voltei mais para casa com vergonha da minha esposa. Eu não prestava. Eu mereci ser expulso. Jamais vi minha terceira filha. Nem sequer sei seu nome. Sou um desgraçado!*

— A hora não é de lamentação, mas de elevação. Levante a cabeça e olhe para o Alto. Jesus disse ter vindo ao mundo, por nós, pecadores; que os aflitos e sobrecarregados o buscassem e ele os aliviaria; que os exaltados seriam humilhados e os humilhados exaltados. Entregue-se aos cuidados dos médicos e quando lhe perguntarem sobre seu problema esclareça: foi loucura momentânea, mas já está passando. Enfatize suas necessidades dizendo: Preciso de saúde, paz de consciência e oportunidade de serviço. Esta é a senha

para o recomeço. Quando se julgar merecedor peçá-lhes notícias de suas filhas.

O homem nada mais disse e dirigiu-se para junto dos médicos. Mas já outro me ameaçava com expressões vulgares.

— *Seu capacho de índio! Puxador de saco de frade! Bapulador de médicos! Hoje vou lhe esganar! Não é você o intronmetido que fica atrapalhando nossos planos?*

— Não! Sou apenas um auxiliar sem graduação. Como posso mandar invadir redutos e prender pessoas se sequer os vejo? Não estará o amigo superestimando minhas obrigações?

— *Deixa de lábia beato amarelo. Hoje você me paga! Prepare-se porque vou ser impiedoso.*

— Antes de me esganar poderia se sentar, tomar um pouco de água, conversar sobre a madame. Sei muitas coisas sobre ela.

— *Eu estava lá com ela e você mandou esse índio me prender.*

— Estava lá no dia do evangelho?

— *Maldito dia, aquele. Eu amaldiçoei aquele dia!*

— Mas foi um dia tão belo! As crianças estavam brincando pelo prédio; havia um poema na parede com uma prece de Francisco de Assis; a Ave-Maria emocionou a todos.

— *Não quero saber de poesia. Quero saber é da madame. Não tenho mais família.*

— Não avalia o homem o quanto perde por não

ser companheiro fiel da poesia, por tornar-se íntimo dela, amante, escravo, preso ao seu leito como uma flor à sua haste. Por que quer ficar perto de Isabelle? É apenas uma menina e você um homem maduro e respeitável.

— *Ainda pergunta? Foi o tempo mais feliz da minha vida. O pouco que conseguia gastava lá. Eu era um cidadão comum fingindo-me de nobre, mas todo mundo conhece um Zé-ninguém.*

— Era casado?

— *Era. Minha mulher sabia que eu frequentava o cabaré. Ela sofreu muito. Principalmente porque não conseguiu me dar um filho. Mulher que não faz filho não presta. Era uma mulher cheia de problemas. Mas espere aí! Você está me tirando da rota! Estou aqui para uma prestação de contas e você vai me enrolando com perguntas sobre minha esposa. A questão aqui pode ser resolvida com um duelo e não com palavras melosas.*

— Posso escolher as armas?

— *Vou lhe dar essa chance*

— Escolho a prece. Quem fizer a melhor prece será o vencedor. Então será condenado a ajudar o outro em suas necessidades morais.

— *Mas que sujeito covarde. Duelo é com espada, florete, pistola...*

— Hoje utilizamos palavras, poemas, orações. Os tempos mudaram. O senhor está dois séculos atrasado. Mas não se preocupe. Não vamos lhe repreender por causa disso. O homem considerado valente, segundo

a interpretação evangélica, é aquele que é honesto, que cuida da família, é bom pai, bom cidadão...

– *Isso para você, que é um trouxa.*

– Disseram-me para ajudá-lo na doença venérea que pegou. Ainda questionei com o médico dizendo que você parecia ser um homem saudável, sem doenças desse tipo.

– *Pois errou! Está tudo inchado entre as minhas pernas. Sinto muita dor.*

– Verdade? Dizem que muitas dessas doenças deixam os homens impotentes.

– *Pode ser! Mas esse não é o meu caso.*

– Por certo que não. Mas se fosse você consultaria um médico. E como eles estão por aqui...

– *Nem pensar! Não nasci para que um homem pegue no que existe entre as minhas pernas.*

– Prefere ficar doente e jamais ter um filho? A medicina avançou. É apenas uma medicação aplicada em seu braço.

– *Não! Por causa disso deixei minha mulher. Ela tinha o útero atrofiado. Tive tanta revolta que saí de casa e fui viver no cabaré.*

– Por que não adotou uma criança? Havia tantas abandonadas na França.

– *Eu queria uma feita por mim. Que tivesse sido gerada por nós dois. A frustração de não ser pai me deixou arrasado. Tentei engravidar uma daquelas prostitutas para poder cuidar da criança. Mas quando elas emprenhavam matabam os filhos*

às escondidas. Quantas vezes ouvi dizer: fulana está grávida. Mas ninguém via o fruto da gravidez. Malditas! Mas morreram muitas vítimas de aborto. Aquilo só podia ser castigo.

– Gosto de falar com as pessoas tratando-as pelo nome. Como você se chama?

– *François.*

– Sua mulher o amava de verdade?

– *Nos casamos e logo a princípio fomos felizes. Eu era um engenheiro construtor de estradas. Conheci-a quando fui fazer uma pesquisa. Enamorei-me de seus olhos azuis e logo nos casamos. Mas o tempo foi passando e ela não engravidava. Fiquei decepcionado quando o médico disse que ela era estéril. Acho que aquele foi o dia mais infeliz da minha vida. Ela chorou muito com essa revelação. Então a larguei sem dizer sequer um até logo.*

– Julga que ela seja culpada por não ter lhe dado um filho? Seriam falsas suas lágrimas? O dia mais infeliz da sua vida foi aquele em que colocou o pé no cabaré. Foi dali que surgiu toda a sua desgraça.

– *E aqui também. Aqui minha sede de vingança foi diminuindo. Fico confuso. Tenho ódio e logo depois, saudade, frustração; fico mudando como camaleão.*

– Se tivesse ficado com sua mulher, adotado um filho, teria sido feliz. François, você ainda pode ser pai de muitas crianças. Veja Francisco, o frade que nos observa. Ele não casou e é pai de várias que o amam e que são amadas por ele. Se tivesse adotado ao menos uma, Deus teria abençoado seu gesto e ela teria sido o amparo em sua velhice.

– *Você sabe que existia uma pretinha que vivia mendigando pelas ruas e que me chamava de pai? Eu tinha muita pena dela e sempre dava alguma coisa para que se alimentasse.*

– Se a tivesse amparado ela o teria coberto de carinho. Ah, François! Por que não entendeu o recado de Deus quando Ele quis realizar seu sonho? Por que não abriu os braços, o coração, a mente, a casa, o mundo e disse: filha! Entra!

– *Ela me chamava de pai porque eu dava comida para ela.*

– Era o seu presente. Esteve o tempo todo próximo a você e não o reconheceu. Mas aqui você terá uma segunda chance. Prometo que procuraremos por sua esposa e então poderão adotar quantas crianças desejarem.

– *Acho que ela não quer mais me ver. Fui muito grosseiro. Eu a culpei, a humilhei com minhas insinuações.*

– Talvez ela esteja compadecida da sua dor. Quem sabe não esteja se culpando por não ter lhe dado um filho. Acho que precisam conversar.

– *Ela voltou para a casa dos pais e trancou o casarão. Os morcegos é que tomaram conta da nossa casa. Quando cheguei ao fundo do poço passava em frente a ela e procurava uma brechinha para olhar, para entrar, para recordar momentos felizes. Mas tudo estava em ruínas. Jamais tive notícias dela. Acredito que tenha encontrado outro para me substituir. Deve ter sido assim. Mulher safada! Deve ter me traído! E você aqui defendendo quem não presta.*

– Está fazendo um julgamento precipitado. Não

será esta a versão que seus amigos vampiros querem lhe impor? Não acha que já ofendeu demais sua mulher? Em um coração depressivo não há espaço para o amor. Se ela fugiu cheia de tristeza certamente não se permitiu a alegria de um novo amor. Queira Deus que ela esteja bem, senão seu remorso vai lhe cobrar um alto preço.

— *Não me jogue praga! Quando fugiu de mim na certa outro a esperava.*

— Não foi ela quem fugiu. Foi abandonada. Peça-mos a Jesus para que nos mostre nessa tela onde ela está. Sinceramente, François. Quero lhe ver feliz ao lado dela e de crianças que vocês adotarão.

O homem olhou para a tela enquanto orávamos e passados alguns instantes caiu em copioso pranto.

— *Estou com muita pena dela! Ela está morta! Encontraram-na caída no sofá. Morreu de desgosto. Cortou os pulsos durante a noite. Os braços estão estendidos. Está vendo? Pobre coitada! Que vou fazer meu Deus? Por que foi tudo ao contrário do que eu pensava? Por que minha vida foi tão cruel? Por que tanta desgraça em meu destino?*

— Ela jamais teve outro homem?

— *Não! Foi ficando cada vez mais triste até que se matou. Ela abandonada e eu infeliz. Você está certo. Minha desgraça foi ter colocado o pé naquele cabaré. Estava certo quanto ao não julgueis. Estava certo quanto à negrinha que me chamava de pai. Por que a gente só entende as coisas tão tarde? A negrinha foi para um orfanato, se educou, venceu*

na vida. Eu devia tê-la acolhido. Preconceito maldito!

Nesse instante outra médium se volta para mim e pede licença para falar.

— Papai! Papai! Eu sou a negrinha que você chamava de Pupê. Eu estou aqui para que cuide de mim. Eu já fui sua filha em outras vidas e quero continuar ao seu lado. Não chore paizinho. Esses homens são bons e vão nos ajudar.

- Pupê! É mesmo você, minha filha? Ainda tem os mesmos cabelos enroladinhos. Obrigado, meu Deus! Agora não estou mais sozinha. Obrigado, minha filha! Por ter me encontrado. Prometo que não volto mais para aquele ambiente podre. Desde o dia em que a deixei jamais tive um dia de paz. Quero recomeçar com você, e se Deus me permitir, com minha esposa.

O Espírito da jovem que viera resgatá-lo, e que fora naquela encarnação Pupê, como ele a chamava, modificou seu perispírito, assemelhando-se à negrinha, lançando-se aos braços dele como qualquer criança o faria. François chorava sem parar enquanto Pupê acariciava seu rosto molhado e cansado. A vida lhe dera uma segunda chance.

Enquanto nos recompúnhamos da emoção, outra médium parecia falar sozinha, como se pensasse *alto*, fazendo planos para o futuro. O comunicante demonstrava não se aperceber de que já saíra do apartamento de Isabelle, e que adentrara a sala mediúnica do Grão de Mostarda, levado por Tibiriçá, chefe dos nossos lanceiros.

— *Preciso mudar de estratégia. Depois daquele evangelho o homem mudou. Antes me ouvia e atendia, mas agora parece surdo. Abriu a guarda para eles e...*

— Fortaleceu seu Espírito, seu lar, a vontade de cuidar da filha da qual deve ser guardião.

— *O quê! Quem é você sujeito? Que faz aqui bisbilhotando minha vida? Sei! Estou lhe reconhecendo. É o infeliz que veio rezar aqui e deixou essa cortina isolando a mente dele.*

— Ainda não reparou que está em um templo de oração? Aqui não se tolera falta de respeito nem indisciplina. É melhor se acomodar, pois nossa conversa vai ser dura. Quero lhe dizer que o pai de Isabelle vai continuar frequentando o Centro Espírita e iniciará, por ele mesmo, o evangelho no lar. Qualquer tentativa de impedi-lo será considerada uma declaração de guerra e, neste caso, será caçado pelos guerreiros de Tibiriçá.

— *Sei que sua magia é forte. Agora foi que notei que estou em seu território. Por isso está falando grosso. Esse índio é seu irmão gêmeo? Não larga de você nem para ir caçar.*

— Acaba de chegar de uma caçada na qual você foi a caça. Ele caça homens, e se deseja saber se ele é meu irmão, digo-lhe que há muito tempo. Fomos irmãos de sangue e seremos sempre irmãos pelos laços de amizade e de companheirismo. Mas as perguntas aqui devem versar sobre sua vida. Também visitava o cabaré?

— *Todos nós frequentávamos o cabaré e todos queremos a madame Rose. Uns porque a amam e outros porque a odeiam.*

– E de qual lado você está?

– *Eu a odeio e a sigo para efetuar uma vingança.*

– E por que quer matá-la se foi para o cabaré com seus próprios passos?

– *É verdade. Mas não fui à busca de sexo, pois não sou um devasso. Fui investigar o desaparecimento de minha filha; uma menina angelical de apenas quatorze anos de idade.*

– E a encontrou?

– *Não. Tentei me disfarçar para investigar melhor, mas logo descobriram que era o pai dela. Então tudo esconderam para que a verdade não me fosse revelada. Posteriormente a encontrei morta em um beco. A morte se dera devido a um aborto provocado. Ainda voltei ao cabaré querendo saber se a criança havia sobrevivido, mas nada disseram.*

– Sua filha foi raptada?

– *Sempre tive amor e cuidado com sua educação. Um dia saiu às escondidas e desapareceu.*

– Sabe dizer se ela permaneceu lá por vontade própria?

– *É o que gostaria de saber. Jamais tive contato com ela depois que desapareceu. Mas alguma coisa dentro de mim diz que ela permaneceu lá por opção. Ninguém fica em um lugar como aquele se não quer. Na condição de pai digo para mim mesmo que a obrigaram, afim de vê-la como inocente. É uma defesa, uma justificativa para meu amor ferido. Contudo, um pai sabe quando uma filha mente.*

– Quando desencarnou, não mais a procurou?

– *Não. Centralizei minhas energias na busca à ma-*

dame Rose, responsabilizando-a pela morte da minha menina. Soube de fonte segura que sua morte ocorreu no cabaré. Quando conseguir minha vingança, partirei em busca de minha filha.

– Mas se matar a madame não será livre para encontrar sua filha. Será considerado pela lei um criminoso e, certamente, o prenderão. Poderíamos tentar notícias de sua filha nesta tela.

– *Será isso possível ?*

– Sim. Esses amigos espirituais ao seu lado sabem onde ela está. Se houver notícias recentes nos dirão.

– *Será que há perdão para uma prostituta?*

– Deus é Pai de misericórdia. Nunca ouviu dizer que Jesus veio ao mundo para os pecadores? Não conversava ele com mulheres equivocadas? Em um dos episódios mais belos do evangelho não livrou ele uma adúltera do apedrejamento? A quem se apresentou primeiramente depois de sua morte senão a uma mulher que fora prostituta e que se arrependera? Além do mais, quem não erra neste vasto mundo? Somos todos dignos de piedade, porque somos todos pecadores. Mas por que me fez esta pergunta?

– *Por que a estou vendo muito bela e acompanhada de gente do bem. Ela está tranquila, sorridente, de braços abertos para mim. Isso me comove. Vendo este quadro, só me resta pedir desculpas a todos e esquecer a vingança, agora sem sentido. Desculpe pela ignorância e pela arrogância com as quais lhe tratei. Era tudo dor de pai. Gostaria de agradecer pessoalmente a quem encontrou minha filha.*

– Claro. Estou feliz por tê-lo ajudado. Fique com os benfeitores. Eles o levarão até sua filha. Quanto ao agradecimento vai ter que procurar o doutor Bezerra de Menezes. Estes senhores de branco sabem como encontrá-lo.

Nossos instrutores pareciam ter escolhido para diálogo naquela manhã, pessoas sofridas, sem muita convicção no mal, apenas atormentadas por lembranças amargas e intimamente sequiosas por um momento de paz. Disse nosso instrutor que tais pessoas haviam sido tocadas intimamente pelo evangelho lido no lar de Isabelle, e que mesmo inconscientemente buscaram proximidade conosco, pois se sentiam cansadas da vida que levavam. As tentativas de intimidação representavam no íntimo de cada uma delas, um pedido de socorro, a ser atendido pelo grupo com o carinho de sempre. Foi com este pensamento que me acerquei da médium que parecia insultar-me.

– *Comigo a parada vai ser diferente. Sou jovem, forte, esperto, e não vou desabar em lágrimas como esse velho bronco.*

– A juventude é força, mas a maturidade é experiência. Força por força, qualquer animal a possui. É preciso ter a sabedoria para bem direcioná-la e aplicá-la.

– *Desde que criei essas asas que sonho em pegar madame Rose e voar com ela para bem longe.*

– Como conheceu a madame?

– *Era ainda um menino. Passando por lá entrei e vi o*

luxo espalhado pela sala. Quis viver aquela vida, mas com meus quatorze anos de idade recebi um não da madame. Você é ainda uma criança, disse-me ela. Volte para seus pais, pois devem estar lhe procurando. Com jeito, dizendo-me abandonado, tratando-a como benfeitora, ela acabou por me aceitar no cabaré.

– E então foi servir como objeto de loucura para os pedófilos?

– *Eu era muito bonito. Ainda sou. Tenho os olhos azuis, cabelos louros, corpo de atleta. Ela me chamava de "meu menino". Acredito que tenha despertado o sentimento materno que ela escondia.*

– Foi com essa idade que morreu?

– *Que coisa! Parece um coveiro falando em morte. Com aquela gente ela não vai ficar! A qualquer momento a enlaço e desapareço. Eu a cobrirei com minhas asas e só desceremos em algum recanto mágico de floresta para então vivermos o nosso amor.*

Estava diante de um adolescente cheio de sonhos ingênuos. Qualquer pessoa teria piedade daquele jovem paralisado no tempo, fixo em um amor platônico dedicado a uma mulher mais idosa do que ele. De imediato o considerei meu filho, pois me vi retratado nele. Também tinha sonhos impossíveis quando adolescente.

– Gosta dela verdadeiramente? Era tão menino quando a conheceu. Se ela o amasse não o teria entregado às feras para que o massacrassem.

– *Havia nobres que só gostavam de crianças. Ela avi-*

sava antes: cuidado com o meu menino! Mas eles eram impiedosos. Um deles me cortou a garganta. Veja! Ainda existe uma cicatriz muito profunda.

– Por que está se coçando tanto? (o médium já estava irritando a pele de tanto se coçar).

– *Tenho alergias que não me permitem sossegar. Mas não desvie a conversa. Tenho que ficar fixo em meu objetivo e você vai me embaralhando as ideias. É isso o que fazem com ela. Interferem no seu pensamento e ela vai se esquecendo de mim.*

– Talvez não saiba, mas não poderá resgatá-la agora que está encarnada. O plano de Deus para ela é casamento, filhos, trabalho, renovação.

– *Mas meu plano é capturá-la quando ela sair do corpo. Então voarei para longe. Assim o corpo dela morrerá e ficaremos juntos.*

– Ainda não notou que Tibiriçá despregou suas asas?

– *Índio nojento!*

– Mais respeito com ele! Havia um plano dos vampiros para pegá-lo e antes que o capturassem ele o tirou de lá. Vamos à vida real: quer voar, mas não tem asas; diz que é bonito, mas está cheio de coceiras; se diz atleta, mas tem uma cicatriz enorme que denuncia um passado de desregramento e está sem dinheiro e sem amigos. Não será melhor curar-se primeiro e depois, com a aparência jovem e bela, esperar que nossos amigos promovam um encontro seu com Rose, no qual

você exporá seus planos? Quem sabe não venha a ser um dos filhos dela?

– E *pode*?

– Se seu amor for suficiente e sincero acabará sendo atraído para o convívio dela. Mas para isso terá que trabalhar muito para merecer a oportunidade.

– E *como se fará isso*?

– Terá que conversar com esses médicos, pois tudo depende dos planos de Deus.

– E *como Deus vai se interessar por um pobretão como eu*?

– Para isso vamos ter que olhar nessa tela a fim de detectar alguma imagem do seu futuro.

– *Eles estão repetindo o que você disse. Que tenho que trabalhar muito, mas condições de ser filho dela não existe. Quando muito, poderei ser neto.*

– Mas que ótimo! Neto é melhor do que filho. Neto é filho duas vezes. Tenho três e os adoro como se fossem meus filhos.

– *Sendo assim eu aceito. Vou trabalhar, me esforçar, me arrebrantar, mas quero ser neto dela. Ainda sou novo e posso esperar.*

– Agora demonstrou maturidade!

– *Vou me agarrar a essa oportunidade. Não tentem me enganar! Vou cravar as mãos na terra com essa intenção. Só quero esta chance. Se o que me diz não for verdade virei até você para acertar as contas.*

– Claro que é verdade. A palavra desses homens é lei. Já que vai trabalhar duro, pode até, quando estiver pronto, ajudar Tibiriçá em alguma tarefa.

– *Mas ele arrancou minhas asas.*

– Não precisa mais delas. Estarei sempre por aqui. Se resolver ajudar, dê-me um sinal para que eu me sinta mais tranquilo por ter dois guerreiros bravos e leais ao meu lado, você e Tibiriçá.

– *Se ele me quiser como ajudante já disse que aceito qualquer trabalho, desde que seja neto dela.*

– Deus lhe acompanhe.

– *Amém.*

E terminamos nossa tarefa naquela manhã de tanta esperança para aqueles irmãos sofridos. Deus, Senhor do tempo e dos mundos, não esquece nenhuma de Suas criaturas. Felizes, aguardamos o domingo próximo para novos diálogos.

Vínculo quebrado

Muitas pessoas se aproximavam de Chico Xavier para contar sobre suas reencarnações passadas. Heróis, mártires, personagens históricos desfilavam em meio àquelas revelações fantasiosas. Uma vez uma senhora lhe confessou:

- Fui mártir. Morri devorada por um leão. E você, Chico?
- Ah, eu fui a pulga do leão.

Para fugir daquelas novelas fictícias ele apelava para o humor.

— Eu, aqui, no meio dessas cabeças coroadas, com a minha cabeça decepada.

Um dia, seu vizinho comentou:

- Lá em casa nasceu uma menina e dizem que é uma índia que reencarnou.
- Graças a Deus. Até que enfim nasceu uma índia.

O sexo possibilita a materialização do corpo. Isso vale para a flor, os pássaros, os peixes, os elefantes e para qualquer tipo de ser vivo cuja reprodução seja sexual. Cada indivíduo traz em si a semente da vida. Todos são cocriadores, responsáveis pela manutenção da sua espécie no planeta.

Maravilhosa e cheia de encantos é a teia da vida. Aquele que não a preserva investe contra os planos divinos, criados para perpetuá-la. Quem mata um pás-

saro, mata também muitos outros que viriam através dele, de suas células reprodutoras.

Quem mata um pássaro modifica uma floresta inteira, pois silencia gorjeios, esvazia ninhos, apaga cores, agride a beleza, desfaz milagres. Assim é o homem ou a mulher que vulgariza o sexo, pois maltrata a poesia, rejeita a ternura, sufoca os afagos, abafa os sussurros, agride o encanto, mata a delicadeza.

O sexo é a porta de entrada para a vida, embora muitos façam dele uma condenação para a morte. Por isso os ferimentos nascidos de dramas sexuais são sempre difíceis de cicatrizar, pois atingem a intimidade profunda, que é exposta e tocada. Quando ela é menosprezada por um dos parceiros, causa no outro, sensação de inferioridade, de rejeição e de impotência, que juntas, formam excelente caldo de cultura propício à agressividade.

Deixamos que revirem nossa gaveta, subtraíam nosso dinheiro, levem nossos haveres, mas à nossa intimidade, geralmente, só permitimos acesso a quem confiamos que possa compartilhar sentimentos e sensações.

Sem compartilhamento perde-se a humanização do gesto e ratifica-se a animalização do ato. E para muitas pessoas, somente a animalização não satisfaz. Essas foram reflexões feitas antes da prece inicial que, proferida, enviou-nos ao diálogo com homens e mulheres que haviam maltratado a cortesia. E eles vieram

com sua tristeza fantasiada, ora de arrogância, ora de melancolia.

Entendera Isabelle no mundo espiritual a extensão do seu drama e se arrependera o suficiente para empreender árdua batalha a fim de resgatar sua dignidade de mulher. O momento cruciante da luta estava chegando. Após séculos de submissão a Glauco, seu principal obsessor, com a intercessão de seus guias espirituais, o esperado momento da liberdade estava próximo.

Foi o que o hindu nos relatou ao pedir preparo adequando a tão delicado empreendimento.

— Desde o início da reunião que estou ao lado do hindu. Ele revelou que o líder dos vampiros, o principal obsessor de Isabelle, deverá ser vencido hoje pela equipe que coordena o processo desobsessivo pelo lado invisível. Ele relata que o encontro desse personagem com Isabelle se deu ainda em Roma, após a morte de Jesus, quando Otaviano Augusto era imperador.

"Desde esta época que ele vem fortalecendo os laços de dominação, na maioria das vezes reencarnando ao seu lado, antes se comprometendo diante dos seus fiadores em encaminhá-la e protegê-la. Todavia, sempre a subjuga com suas tendências pervertidas.

"Já foi seu irmão, amante e marido, mas seu fracasso em ampará-la e erguê-la moralmente tem se repetido. Na França, enquanto ela estava encarnada e ele na condição de vampiro desencarnado, pois vem decaindo moralmente nos últimos séculos, conseguiu o auge da dominação, obtendo sucesso no

plano de subjugar mentalmente a companheira.

"Isabelle, na época madame Rose, não está isenta de culpa, pois ofereceu as condições para que a simbiose se estabelecesse a partir de então. O vínculo que os mantém unidos, e que é incômodo para a jovem desejosa de renovação, deverá ser quebrado hoje."

— *Se é uma subjugação mental como será feita esta quebra?*

— O laço que os une é visível e forte. Se pudesse observá-lo agora sairia convicto de que ambos estão ligados pelo mesmo cordão prateado; reforçaria a ideia de que um necessita do outro para viver. Notaria que ambos respiram o mesmo clima psíquico, sendo impossível para ela, até este momento, desdobrar-se sem a companhia a que está atrelada. A palavra correta para este tipo de relação é subjugação.

"Mas a jovem, no intervalo entre uma encarnação e outra pediu ardorosamente aos seus guias para que quebrassem o vínculo que a aprisiona ao seu comparsa. Ela tem créditos, e por menores que eles sejam, sua vontade de superar as deficiências morais é moeda creditada como merecida ajuda."

— *O que acontecerá com os outros sob o comando dele?*

— Houve uma invasão ao apartamento provocando uma dispersão dos oportunistas e aprisionamento dos viciados e dos vingadores. Todos serão ajudados. Os homens resgatados se encontram com o pensamento preso ao passado. Para eles a mulher é um objeto a ser usado e descartado. Estão cegos pelo orgulho e pela vaidade. O desejo de posse, o machismo

e outras questões da época, os impedem de ver o progresso já realizado na relação entre homem e mulher.

"Quanto às mulheres devemos levar em conta as questões sociais. Elas tinham que sobreviver e eram excluídas do mercado de trabalho. A única forma de angariar recursos era vender o corpo. A grande maioria delas tem atenuantes de vulto.

"Os vampiros exigem maiores cuidados, pois além dessas questões ainda se viciaram no sangue. Todos eles veem Isabelle como a antiga Rose. Na realidade é a mesma personagem, pois o Espírito é o mesmo, mas evoluiu um pouco; tentou se erguer e mudou de atitude, e para seus fiadores, isso é um mérito. Esse detalhe não é percebido por seus perseguidores.

"É chegado o momento da quebra do liame que os une. A jovem Isabelle assim o quer. O sofrimento gerado por essa quebra não deve ser interpretado como uma vingança ou um revide, pois Deus não é perverso nem vingativo. Cada um deve arcar com os prejuízos decorrentes de sua rebeldia, ou seja, neste caso, sofrer o quanto ofendeu a Lei.

"Embora nos últimos meses Isabelle esteja confusa, permanece convicta de que é necessário se livrar do seu ex-amigo. O que nos preocupa é a sua resposta física após a quebra do cordão tão duradouro. Esperamos que corresponda da melhor maneira, mesmo porque para isso foi preparada durante o sono físico."

— Seu corpo físico poderá adoecer por conta da separação?

— *Sim. A sua condição será semelhante à de uma dependente de droga que se vê tolhida do uso e permanece com síndrome de abstinência. Inicialmente se sentirá ansiosa, mas com a desintoxicação, seu corpo e sua mente funcionarão bem melhor do que antes. É preciso que ela e seus familiares entendam o seu estado e aguardem a resposta orgânica que inevitavelmente virá.*

"Em seu íntimo ela sabe do problema que enfrenta, embora não queira admitir a realidade que vive, preferindo camuflar a verdade. Todos nós temos mecanismos de defesa que procuram atenuar as faltas cometidas, mas seu organismo jovem e sua mente revigorada e livre de interferências promoverão a reação necessária para o restabelecimento da saúde."

— *O que acontecerá a ele?*

— *Aplicaremos técnicas já conhecidas para casos assim. Faremos uma varredura em sua mente, esvaziando-a. Isso será o começo de uma nova oportunidade concedida em nome da caridade divina. Quando estiver preparado reencarnará com sérias deficiências mentais, pois comprometeu órgãos relativos a esta função.*

— *Mas reencarnará junto a ela?*

— *Não. Um reencontro com ela só em futuro muito distante. Os bons Espíritos o ajudarão a recomeçar a aprendizagem. Terá que caminhar com os próprios pés, embora sob o amparo de orientadores. Estes apagarão de sua mente viciada, o sexo, o sangue, as orgias e, principalmente as crianças. Com o reinício da aprendizagem deverá redirecionar pensa-*

mentos e atitudes segundo o referencial apontado pela Lei. É chegado o momento da separação entre ambos e tudo faremos para que seja breve. A médium vai chegar bem próximo dele.

"Todos estejam confiantes, pois ela se encontra equipada e sob nossa vigilância. Falando grosseiramente ela está com um escudo, uma roupa apropriada para amenizar os malefícios que ele pode causar."

– Ele está prisioneiro?

– Não. Está no ambiente familiar de Isabelle. Ela vai precisar de muito amparo, pois como afirmei, também irá sofrer com a separação. Esse é o motivo pelo qual não quebramos o vínculo nós mesmos, aqui no plano espiritual.

– Pode aprofundar este detalhe?

– A jovem é merecedora de um auxílio mais ostensivo devido ao esforço que faz para renovar-se. Você sabe que em um processo de desobsessão as coisas não ocorrem de maneira abrupta. Quando invadimos um antro ou um lar, como ocorreu com o apartamento de Isabelle, é porque temos a permissão dos nossos superiores.

"No tratamento da desobsessão agimos como o jardineiro diante de um terreno inculto. Primeiro arrancamos as ervas daninhas; depois adubamos o terreno para, finalmente, transportarmos as mudas uma a uma, com todo o cuidado. As ervas daninhas são os invasores que nada têm a ver com o drama; a adubação é a conversa, os conselhos, os convites, o carinho paternal quando aceito; as mudas transplantadas representam os diferentes rumos que damos a cada um dos envolvidos para que recomecem suas vidas. A partir da nossa

intervenção os objetivos dos envolvidos podem ser modificados, florescendo como roseiras perfumadas. Deus é senhor de vida e de misericórdia e quem quer trabalho em sua seara deve saber que a caridade é a senha para adentrá-la.

"A título de ilustração, para que possa ser avaliado o grau de influência que Glauco exerce sobre ela, afirmamos que além do cordão prateado que une seu corpo ao seu perispírito, existe outro que liga seu perispírito ao dele. Daí a dificuldade que sente para fugir do domínio que lhe é imposto, pois está subjugada.

"A condição assemelha-se a de um animal na coleira, guiado pela vontade do seu dono. Mesmo em desdobramento, enquanto conversávamos com Isabelle, o cordão era notado, como se fosse parte de seu corpo. Não poderíamos quebrá-lo sem esse preparo, para não prejudicar a ambos. Todavia, através de técnicas que utilizamos conseguimos "arranhar", fragilizar um pouco a ligação. Por isso hoje ele está tão perturbado, pois sente dificuldade para comandá-la. Não digo que não consiga, mas terá que redobrar esforços para se fazer obedecer. Daí a desconfiança de que algo o espreita."

– Poderia descrever Glauco para que os leitores tenham uma ideia de quanto alguém pode descer nos desfiladeiros do vício?

– *Ele não aparenta ter nada de humano, a não ser a inteligência e a habilidade de dominar incautos. Sua forma é grotesca. Possui grandes asas, garras pontiagudas, presas enormes, órgãos sexuais disformes. É repelente e asqueroso devido ao odor desagradável que dele exala. Como todo vi-*

ciado, apresenta espasmos quando distante da droga que o escraviza. Agora a médium vai aproximar-se. Ela já foi advertida de que terá que fazer o esforço máximo para não entrar na sintonia dele, pois certamente ele tentará dominá-la. Aí está bom! Não se aproxime mais!

– Eu o vejo dentro de uma enorme bolha fluídica. Ela emite tons azulados e amarelados. Ele se esforça para sair cravando as garras na bolha, mas sua superfície é firme e resiste à agressão. Na minha mente surge agora uma escuridão total...

– Sangue! Dê-me mais sangue! Quero mais sangue!

– Não terá mais nada! Seus dias de loucura chegaram ao fim! Se ainda lhe resta alguma lucidez peça a Deus que o livre desse vício.

– Não! Não me separe dela!

Foi um grito tão pavoroso que os médiuns de vibração, que tentavam sustentar com preces e bons pensamentos a harmonia da reunião se assustaram. Imediatamente o hindu solicitou que todos nós entrássemos em prece em amparo à Isabelle.

Perguntado à médium como ela viu e sentiu a quebra do cordão que unia o vampiro a Isabelle assim se expressou:

– Senti terrível desespero quando pressenti que o liame ia ser quebrado. Em seguida vi que ele se fragmentou em centenas de pedaços, como se uma força desconhecida o reduzisse a pó. Acredito que a mente do hindu ou de outro Espírito superior a ele tenha efetuado a operação, pois não percebi

nenhum raio ou qualquer artefato material na operação.

"Apartado de Isabelle o vampiro caiu desfalecido o mesmo ocorrendo comigo. Antes senti enorme sensação de tristeza acompanhada por um vácuo em minha mente enquanto uma pressão interna me asfixiava. Não me lembro de mais nada."

Passados alguns instantes para que nos recuperássemos, nossos instrutores permitiram que outros comunicantes se expressassem.

— *Mal saímos de uma captura e já caímos em outra. O que querem de nós desta vez?*

— *Ouvir a história de vida de todas para, então, averiguarmos a melhor maneira de ajudá-las.*

— *Fomos capturadas pelos vampiros e colocadas na casa da jovem para deixá-la com o pensamento fixo na reabertura de um cabaré. Fui uma trabalhadora na área sexual, mas já estava me livrando das lembranças e dos traumas lá vividos. Aprisionada e junto à jovem, minhas lembranças foram avivadas e meu sofrimento retornou. Pelo que entendi, nós a alimentávamos e ela a nós, com aquelas lembranças tristes.*

— *Receberam instruções para agir assim?*

— *Eles sabiam o que existia em nossas mentes e as manipularam para que pensássemos apenas o que eles queriam. Tínhamos que forçar a madame a reiniciar o trabalho. Felizmente os índios invadiram a casa e os que não tinham pernas para fugir caíram nas redes.*

— *O que sentiu ao reviver um tempo em que foi infeliz?*

– *Minúsculos segundos de prazer e eternidades de dores. Morri ao praticar um aborto e as dores que me levaram à morte retornaram com todo o seu ímpeto. Como disse que nos ajudaria pode iniciar por fazê-la parar.*

– Os médicos a ajudarão. Queira, por gentileza, encaminhar-se até eles, pois aqui estão com esse objetivo.

As histórias dessas mulheres eram semelhantes, a grande maioria em busca de algum dinheiro para auxiliar a família ou a si própria.

– *Bom dia, senhor. Também fui uma trabalhadora no cabaré. Não fazia dele a minha residência fixa. Quando a necessidade apertava, eu lá comparecia para ganhar algum dinheiro. Ao chegar, os clientes já estavam a minha espera. Para minha desgraça, fui me acostumando. Um dia soube que estava grávida. Se ficasse no cabaré seria morte certa para meu filho. Então resolvi fugir.*

"Esperei na casa dos meus pais que a criança nascesse. Para minha surpresa eram gêmeos. Após o parto, iniciei um sangramento de alguns dias, falecendo sem amparo médico. Cheguei ao mundo espiritual confusa, passando algum tempo sem saber onde estava. Fui recolhida por pessoas caridosas que me ensinaram o bom caminho.

"Um dia perguntei pelos meus filhos e eles disseram que ainda não era tempo para um encontro. No lugar de ficar com essas pessoas e seguir a orientação que me apontavam, saí pelo mundo à procura de madame Rose e fui capturada pelos vampiros."

— Por que queria encontrar Rose?

— *Se Madame ajudasse as grávidas a conservar seus filhos eles teriam escapado e eu também. Mas como ela mandava que todas as grávidas retirassem seus filhos, considere que ela tem parte da culpa na minha morte e separação dos meus filhos. Confesso que alimentava vingança.*

— Entendo. Acredito que ainda queira saber notícias dos seus filhos.

— *Jamais soube uma única palavra sobre eles. Desde o dia em que os deixei entregues aos meus pais que a sorte deles para mim é uma incógnita.*

— Peçamos, então, a esses médicos que nos auxiliam que nos mostrem na tela, alguma notícia sobre eles.

— *Vejo-os já meninos quando meus pais morreram. Eles ficaram sem ninguém e caíram no mundo. Não se separaram, mas sofreram muito. Ficaram revoltados e praticaram coisas erradas. A vida de meus filhos foi uma tragédia. Sem família, sem lar, sem ajuda, sem ninguém que gritasse: Pare! O cabaré foi um passo em falso na minha vida.*

— Mas há tempo para recomeçar. Fique com os médicos. Eles são técnicos em consertar o traçado da vida.

— *Será que um dia poderei ver meus filhos?*

— Certamente. Inspiremo-nos em Deus. Ele ama a cada filho e se um deles se perde vai ao seu encontro para aconchegá-lo. Se assim age deve esperar o mesmo de nós.

E com essa comunicação, representando as demais, onde mulheres sofridas expressaram seus desejos de renovação e de esperança, demos por encerrada a tarefa do domingo.

Questionamentos finais

Quando completou oitenta e cinco anos de idade, Chico foi proibido pelo médico de continuar trabalhando no Centro Espírita, permanecendo em isolamento forçado em casa. A fila começou a se expandir na frente do seu portão até que ele, compadecido da dor do povo, saiu e começou a apertar e a beijar a mão de cada um. Depois de algum tempo, um seu amigo reparou que ele tinha os lábios sangrando pelo atrito provocado pelos beijos. E então perguntou:

- Chico, por que você beija as mãos deles?
- Por que não posso me curvar para beijar-lhes os pés.

O clima ameno da reunião prenunciava os arpejos finais do caso Isabelle. Após a prece inicial o último dos vampiros sexuais engajado na perseguição à jovem apresentou-se cambaleante.

— Eu sou o único que permanece ao lado dela. É verdade que estou exaurido em minhas forças, mas ainda me resta a vontade, alavanca poderosa em qualquer realização. E a minha vontade é permanecer ao lado dela até que aceite o convite de uma volta ao passado.

— Permaneceu ao lado dela, mesmo impossibilitado de sugar-lhe energias, porque tínhamos outras urgências, mas agora estamos aqui para recolhê-lo de-

finitivamente e enviá-lo às estações de tratamento para que possa curar-se desse vício que o infelicita.

– *Infelicita? Os únicos momentos de felicidade dos quais me lembro vivi naquele cabaré. Não se perguntou por que quero tanto uma volta ao passado? Rose foi a melhor amiga que já tive, e sua criação, o cabaré, o melhor lugar onde passei meus dias. Aquela vida de sexo, de orgias, de luxúria, é a lembrança mais grata que eu tenho e guardo.*

– Pobre vida esta, cujas melhores lembranças se restringem a vícios e desregramentos. Já foi capaz de avaliar aonde esses bons momentos lhe levaram?

– *É verdade que hoje ando me arrastando, desvitalizado, um fantasma entre os homens. Mas me arrastarei aonde ela for para lembrar o quanto fomos felizes. Quero dizer-lhe ainda uma última vez que só o sexo torna feliz um homem ou uma mulher.*

– Foi um amigo íntimo de Rose?

– *Sim. Amante das meninas que trabalhavam para ela e um amigo fiel dela. Quando desencarnei fiquei no mesmo local, acompanhando o movimento, fazendo companhia aos casais, participando das orgias sem ser visto. Oh, madame! Como lhe quero bem! Não escute essa escória que quer nos separar!*

– Ela já não o escuta.

– *Mas ouvirá! Quero dizer-lhe: Morra comigo madame! A vida por este lado é mais divertida! Venha comigo minha doce amiga, espalhem o encanto do sexo entre os caminhos que percorrermos.*

– Bem patética a sua súplica, mas ouvida apenas

pelo vento. Quero informá-lo de que está entregue aos lanceiros da casa. Será ouvido apenas por eles e, posteriormente, pelos médicos que o tratarão. É portador de alguma doença sexualmente transmitida?

– Não! Morri jovem, assassinado em pleno cabaré.

– Por algum rival insatisfeito com suas conquistas?

– Não. Hoje você não está acertando nada. Minha mulher, enciumada e vingativa, mandou que me assassinassem. Despeitada! Talvez porque eu não dava assistência a ela. Por este lado ela tinha suas razões.

– E por que a desposou se não a amava?

– Esse negócio de amor não existe. Sou ligado em sexo. Minha mulher não permitia que eu fizesse as coisas que eu gostava na cama. Era muito puritana. Aliás, esse é o papel da mulher esposa.

– O senhor agora está sob a responsabilidade dos guerreiros. Deus o acompanhe nessa nova etapa da vida.

– Não estou satisfeito, mas entendi o recado. Quando tiver oportunidade volto para a vida que gosto. Por enquanto sigo na maca que me oferecem. Adeus.

Levado desfalecido, outro Espírito ocupou a voz do médium para expor suas queixas.

– Estou muito preocupado com a minha sobrevivência e a da minha família. Era do cabaré que eu tirava o meu alimento. Como farei agora para sobreviver?

– Pode expor seu problema com mais detalhes para que possamos avaliá-lo e tentarmos soluções?

– Eu sou um deficiente físico que trabalhava no caba-

ré. Como não tinha pernas, corria pelas ruas sobre uma tábua atrelada a rodas, que me dava certa velocidade na execução dos mandados da madame. Levava bilhetes e recados aos clientes confirmando ou desmarcando suas visitas. Ganhava algum dinheiro com isso, mas agora os senhores acabaram com tudo.

— Podemos recompensá-lo com pernas novas e trabalho digno. Para as mãos dignas, ensinam nossos instrutores, jamais faltará trabalho digno. Os médicos ao seu lado estão dispostos a curar seu corpo, desde que esteja interessado em salvar sua alma.

— *Sou um homem simples. Veja minhas mãos! São cheias de calos de tanto fazer força nas calçadas dando propulsão ao carrinho improvisado em que corria. Com os restos de comida do cabaré alimentava a mim, minha mulher e dois filhos. Sempre levei uma vida tranquila sem jamais ofender a ninguém. Mesmo aos nobres sabidamente despidos e infiéis tratava com respeito, sem pronunciar uma única palavra ofensiva. Pelo contrário, baixava a cabeça quando me davam gorjetas para que ficassem tranquilos quanto ao sigilo que deveria manter, pois muitos iam ali sem o conhecimento da esposa. Em meio de tanta traição não fiz nenhum inimigo.*

— Por isso mesmo está tendo hoje a oportunidade de ter o seu corpo restaurado. Dentro em breve caminhará tão bem como os nobres aos quais servia.

— *Mas como pode um aleijado andar de novo? Descerá Jesus do céu para realizar esse milagre?*

— Jesus está entre nós, representado pelos bons Espíritos que o servem. Tudo que pedirdes orando,

disse-nos ele, crede que receberás e assim será feito. Ouça a música, pense em Jesus e deixe que os médicos façam seu trabalho.

Começamos a orar solicitando do mestre a modelação das pernas daquele homem simples, no que ele foi se admirando pelo que acontecia em seu perispírito. Ao final da prece disse:

– Mexa a perna direita! (o médium elevou a perna e fez discreto movimento). Agora mexa a outra perna e diga o que está sentindo.

– *Estou pasmo! Sinto um aquecimento e um formigamento nas pernas antes inexistentes. Estou movendo e sinto o contato com o chão. Ouça o barulho que elas fazem ao tocarem o chão.*

– Continue exercitando! Estique ambas e as movimente para a direita e para a esquerda.

– *Como você fez isso? Meu Deus! As lágrimas que deram são sagradas. São lágrimas de felicidade por não mais me arrastar pela terra como um verme. Deus seja louvado!*

– Ainda fará alguns exercícios, mas como disse, muito em breve estará tão ágil na corrida como os índios que o trouxeram.

Com a alegria de mais um acolhimento partimos para outro atendimento.

– *Estou vendo uma cena muito bonita, provavelmente uma criação mental dos nossos instrutores para que possamos entender o final deste caso. Vejo uma espécie de grande fazenda, futuro local que abrigará os companheiros envolvi-*

dos nesse drama, com exceção dos vampiros, que irão para unidades de tratamento. Há flores, pássaros, fruteiras, tudo muito verde e, fato pitoresco, não há portão.

"Acamparão aqui homens e mulheres sem grande comprometimento, ex-frequentadores do cabaré, pessoas sofridas que se equivocaram com o sexo e que terão agora a chance de uma nova vida. A jovem Isabelle, em Espírito, está em um balanço cujas cordas parecem cipós ornamentados por flores. Ela sorri e se embala mostrando uma aparência muito feliz. Há caramanchões pelas janelas e o perfume natural das roseiras e romãs invade o ambiente com seu frescor.

"O hindu nos mostra em uma espécie de quadro o que está planejado para o futuro de Isabelle. Ela deverá cuidar de crianças desnutridas através de alguma entidade qual a Pastoral da Criança. Eu a vejo pesando e medindo crianças em uma espécie de cesta. Muito amável, ela oferece alimento para outras. Seu comprometimento com esses pequeninos exige amor e perseverança em cuidá-los. O Pai deixa sempre uma porta aberta para que o amor, através dela, venha corrigir os erros perpetrados, continua o hindu. A religião em sua vida será um grande apoio, um sustentáculo em seus momentos difíceis, devendo ela buscar amparo em Jesus, médico divino cujo bálsamo cura todas as feridas da alma. Eu a vejo muito confiante. Sorriso leve, olhar esperançoso e confiança em alta, são marcantes em sua fisionomia. Agora o hindu quer se dirigir ao grupo."

– Gostaria de agradecer aos amigos, a inestimável cooperação neste caso, acolhendo com espontaneidade e eficiên-

cia, a oportunidade de serviço oferecida por Jesus. Apesar de ainda sermos pequeninos e frágeis, através da vigilância e da oração, antídoto contra a obsessão, nos tornamos fortes e maleáveis à vontade dos instrutores que nos orientam de mais Alto. Todos nós somos capazes de promover o bem, pois todos fomos agraciados com algum tipo de talento, cujo exercício, fatalmente, produz a concórdia e contribui com o progresso material e espiritual de alguém e de nós próprios.

"Ninguém é deserdado por Deus nem abandonado pelos bons Espíritos. Somos lâmpadas prontas a irradiar, desde que acordemos as energias adormecidas em nossos corações. Em todos Deus colocou possibilidades. A todos Deus doou faculdades. Não nos acomodemos diante da dor alheia. Que qualquer dor nos incomode a ponto de trocarmos o descanso pelo unguento que a acalmará. Lembremos do nosso amigo e protetor, Bezerra, quando disse: "Um profissional da área de saúde não tem o direito de terminar uma refeição, nem de escolher hora, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito qualquer bate à porta. Apenas lhe cabe aliviar a dor com o máximo de presteza possível". Somos os enfermeiros de Jesus.

"A oportunidade de servi-lo é uma honra e o maior bem que o homem pode levar desta Terra. Sejam os felizardos sem nos julgarmos os escolhidos. Tenhamos a sabedoria de ouvir e praticar o seu lúcido conselho frente ao trabalho: colocar a mão no arado e não olhar mais para trás. Que a paz fique com todos!"

Mas ainda havia tempo para algumas pergun-

tas. Sabedor de que os leitores têm dúvidas sobre determinados temas e eventos transcorridos durante a reunião, coloquei-me na pele de um deles, de um bem curioso, no bom sentido, e pedi permissão ao hindu para interrogá-lo acerca de alguns pontos de interesse geral. Naturalmente, com as reservas que sempre faz, concedeu-me este pedido.

— O método utilizado pelos técnicos, que consiste em "limpar a mente" de um obsessor, deixando-a esvaziada, necessitando ele de reaprender as lições nas quais faliu, poderia ser empregada em criminosos contumazes encarnados?

— *Acredito que está técnica será utilizada em futuro próximo, pois o hipnotismo, sobre a qual se fundamenta, já é empregado com sucesso em diversas áreas do conhecimento científico. Essas técnicas são conhecidas milenarmente. Cabe ao homem encarnado, aperfeiçoá-las e, sobretudo, utilizá-las para o bem de seus semelhantes. Que se fortaleça moralmente e se eduque através da instrução, e a inspiração não lhe faltará.*

— Como os técnicos procederam para que Glauco, o vampiro que tinha seu perispírito muito modificado, voltasse à normalidade de um ser humano?

— *Nós o fizemos olhar para dentro de si mesmo. Diante de sua radiografia moral, como vocês chamam, "o fundo do poço", ele caiu em si, pois viu que não lhe restava outra saída que não fosse o difícil caminho do retorno. Apesar de podermos penetrar na mente e ordenar, como fazem alguns*

obsessores que conhecem esta técnica, preferimos que o próprio enfermo execute seu diagnóstico e prescreva, com nossa ajuda, os elementos da cura. Mesmo em se tratando de um obsessor, um agressor, em última instância é um enfermo, por isso tudo é tentado para não violentar sua intimidade. Atualmente ele se encontra na condição de um deficiente mental com aleijões de vulto em seu perispírito. Tal condição a ele foi imposta por si próprio, que diante dos crimes cometidos, perdeu o comando das funções mentais, caindo no redemoinho da loucura a que se condenou. Casos desta natureza levam tempo para solucionar. Talvez o autismo, o severo retardo mental, a loucura, seja seu destino na futura encarnação. Mas isso será determinado por seus instrutores e guias em consonância com o amor e a misericórdia divina.

— Poderia nos falar um pouco sobre os ambientes formados pelos Espíritos inferiores, nos quais os médiuns descrevem uma natureza agressiva, insetos gigantes, morcegos e outros detalhes que lhes causam pavor?

— O ponto de partida desse estudo é o pensamento. A mente é poderosa e dotada de poder criador capaz de organizar à sua volta o ambiente que julga necessário às suas necessidades. Esse ambiente será belo ou inculto a depender das aspirações cultivadas pelo pensamento dos seus habitantes.

"Assim formam-se os guetos imundos e as cidades esplêndidas que têm nos engenheiros siderais os seus criadores. O Espírito é dotado de todas as ferramentas para ser autônomo e colaborador da obra divina. Todavia, alguns se dedicam

a manchar a beleza, tornar agressivo o que é acolhedor, investir contra a harmonia, com seus pensamentos destrutivos.

"O pensamento divino cria incessantemente espalhando no universo o bem e a beleza. O pensamento humano, quando disciplinado a ele se assemelhará. Os vampiros que são capturados nos ambientes em que vivem, materializam ao seu redor o que cultivam em seus pensamentos. Daí o sangue ser abundante, a presença de insetos rastejantes, furnas e cavernas, pois na maioria das vezes, não têm senso estético, noção de justiça, nem se importam com a simetria ou a harmonia das formas.

"O que eles criam é real e necessitamos de muito trabalho para higienizar a área quando os afastamos."

– *O que ocorre com as criações mentais que eles deixam quando são afastados do local?*

– *Qualquer motor sem o combustível que o impulsiona tende a parar. Assim são as criações mentais. Quando não mais alimentadas pela energia do pensamento tendem a desaparecer. Mas de uma maneira mais rápida, podemos eliminar tais resíduos tóxicos, desagregando esses aglomerados fluídicos e, atuando em sentido contrário, transformar o ambiente em abrigo sadio e acolhedor.*

– *Como podem os obsessores mudar a polaridade sexual de alguém, fazendo-o sentir desejos por um parceiro do mesmo sexo?*

– *Não são desconhecidas por vocês as tendências que trazemos de vidas passadas. Essas tendências geram afinidades das quais se aproveitam os obsessores para invadir a mente de suas vítimas ordenando-lhes fictícias necessidades e*

desejos insanos. Somos dominados quando entregamos nossa resistência a outro; quando abdicamos do nosso senso crítico e vigilância; quando priorizamos alvos secundários esquecidos de que é no trabalho digno e na oração sincera que nos aquartelamos contra os inimigos da nossa paz.

"Apesar de não poder revelar como a mudança de polaridade é feita posso afirmar que ainda aqui, a base é o hipnotismo. Cito o mais importante: como se precaver contra ela. Quanto mais nos aproximamos do amor-doação, das oportunidades de serviço, do gesto fraterno representado pela caridade pura, mais protegidos estaremos contra qualquer inspição do mal. Disciplinar o pensamento através da meditação sadia, do desejo de avançar para Deus é fórmula invencível contra qualquer agressão.

"Reafirmo que todo poder que um obsessor tem contra sua vítima é concedido por ela. O distanciamento da reforma moral é procuração que passamos em nome de qualquer obsessor, que dilapidará nossos bens e arruinará nossa saúde.

"Somente com Deus o homem poderá dizer-se em boa companhia. Fiquemos com Ele, meus irmãos, e através de Sua inspiração caminhemos, pois um bom guia é meia vitória em qualquer jornada."

Terminada a reunião, estávamos tão emocionados que alguém, espontaneamente, puxou do bolso pequeno pedaço de papel um pouco desgastado pelo uso e pediu permissão para ler o que nele estava escrito. É a prece do servidor, psicografada por Chico Xavier e de autoria do nosso amigo Bezerra de Menezes, disse-nos. Com a permissão concedida ele assim se expressou:

— Senhor! Ensina-nos a trilhar a luminosa estrada do auxílio; dá-nos força para destruir a pesada fortaleza de nossos próprios erros; coragem para abrir o caminho da libertação de nós mesmos e recurso para desobstruir o coração em favor dos nossos semelhantes, entregando-lhes, enfim, o tesouro do amor que nos confiaste.

"Que por onde passemos, a dor se faça menos angustiosa, a ignorância menos agressiva, o ódio menos cruel, a treva menos densa, o desânimo menos sombrio e a incompreensão menos destruidora. Se não possuímos ainda bens positivos com que possamos enriquecer a jornada terrestre, ajuda-nos a diminuir os males que nos rodeiam. Que em Seu nome distribuamos fraternidade e renovação, usando com alegria os dons sublimes e invencíveis do silêncio, da compreensão e da renúncia.

"Senhor! Que nos ensinaste sem palavras as supremas lições da fraternidade na manjedoura e do sacrifício na cruz, indicando-nos assim o roteiro da construção espiritual e da ressurreição divina, orienta-nos o passo incerto e ampara-nos os propósitos santificantes, para que Sua vontade misericordiosa e justa se faça em nós, por nós e para nós, hoje e sempre, onde estivermos."

E assim, terminamos o caso Isabelle. Ela, por sua vez, melhorava a cada dia. Com seus conhecimentos de Psicologia engajou-se em um trabalho voluntário de ajuda a crianças carentes, compartilhando com os pais a alegria que a nova experiência lhe causava.

Como era de se esperar, continuou fiel à religião na qual foi educada, o catolicismo, e com a qual suas

afinidades foram estabelecidas. As religiões são sustentáculos no fortalecimento da moral, do vigor espiritual e da nobreza no relacionamento entre irmãos. Durante o Evangelho em seu lar eu havia dito que todas as religiões são referenciais seguros e necessários para a evolução espiritual. Que Deus não se importa com rótulos doutrinários, mas com o amor que cada um possa oferecer. Afinal, argumentei, Jesus resumiu toda lei e os profetas no amor a Deus e ao próximo como a si mesmo.

A família, agora mais unida, conserva *O Evangelho segundo o Espiritismo* que o dono da casa adquiriu, e mantém o máximo respeito pelo Espiritismo, embora continue católica. Para nós, do grupo de emergência mediúmica Bezerra de Menezes, ligado ao Centro Espírita Grão de Mostarda, o que interessa é fazer o melhor trabalho com a máxima fidelidade a nossos instrutores.

E isso nos alegra. Procuramos agir, guardando as proporções nas quais nossa pequenez nos limita, de acordo com o pensamento de Jesus, guia e modelo da Humanidade, a fim de cada vez mais aperfeiçoar nosso trabalho. Jesus é um exemplo clássico de respeito pelas diferenças, pela liberdade de pensamento e pela lucidez na busca da essência, e não do apego à letra morta. Diante do centurião romano louvou sua fé; defendeu a mulher adúltera contra seus agressores, sem pactuar com o erro cometido por ela; almoçava com cobradores de impostos, conversava com prostitutas, homens

equivocados, e para eles tinha sempre uma palavra de conforto; tomou como referencial da caridade e do amor fraterno, um samaritano considerado herege, escandalizando seus próprios companheiros; mesmo diante de Judas, que viera para entregá-lo aos algozes trata como amigo.

Não perguntava a quem o abordava, sua origem, condições morais, sociais, religiosas ou fazia qualquer exigência. Apenas doava de seu imenso amor, curando, confortando, salvando.

Acredito que esta seja a condição ideal do cristão se conduzir no mundo.

Um novo conceito de sexo

Certa noite, após atender dezenas de pessoas no Centro Espírita, um dos seus olhos começou a sangrar. Isolou-se um pouco, quando lhe apareceu um dos assistentes espirituais do Dr. Bezerra de Menezes, no que o médium implorou.

— Irmão Flores, peça um remédio para meus olhos, pois estou sofrendo muito.

Passados alguns minutos o médico dos pobres entra na sala e diz.

— Por que você não me disse que estava passando mal da vista? Eu o teria medicado!

— Dr. Bezerra, eu não lhe peço como gente, mas como uma besta que precisa curar-se para continuar sua missão espiritual e terrena. Alivie, pois, por caridade, os meus olhos doentes.

— Chico, se você é uma besta, eu quem sou?

— O senhor Dr. Bezerra, é o veterinário de Deus.

O drama de Isabelle nos obrigou a demorados estudos sobre o sexo, relacionados com sua importância na vida das pessoas, sua real função e seu uso como fonte de prazer sadio. Das pesquisas que fizemos, representando seu resumo, selecionamos o texto abaixo, a fim de apresentarmos nossos leitores com um conceito avançado e lúcido que possa servir-lhes de refe-

rencial seguro nesta prática. É um diálogo de André Luiz com Alexandre, seu instrutor, que bem esclarece o pensamento das esferas mais evoluídas sobre esta força criadora.

– É necessário deslocar a concepção do sexo, abstendo-nos de situá-la tão somente em determinados órgãos do corpo transitório das criaturas. Vejamos o sexo como qualidade positiva ou passiva, emissora ou receptora da alma. Chegados a esse entendimento, verificamos que toda manifestação sexual evolui com o ser.

"Enquanto mergulhamos no charco das vibrações pesadas e venenosas, experimentamos, nesse domínio, simplesmente sensações. À medida que nos dirigimos a caminho do equilíbrio, colhemos material de experiências proveitosas, oportunidades de retificação, força, conhecimento, alegria e poder.

"Em nos harmonizando com as leis supremas, encontramos a iluminação e a revelação, enquanto os Espíritos Superiores colhem os valores da Divindade. Substituamos as palavras "união sexual" por "união de qualidades" e observaremos que toda a vida universal se baseia nesse divino fenômeno, cuja causa reside no próprio Deus, Pai Criador de todas as coisas e de todos os seres.

"Essa união de qualidades, entre os astros, chama-se magnetismo planetário da atração, entre as almas denomina-se amor, entre os elementos químicos é conhecida por afinidade.

"Não seria possível, portanto, reduzir semelhante fundamento da vida universal, circunscrevendo-o a meras atividades de certos órgãos do aparelho físico.

A paternidade ou a maternidade são tarefas subli-

mes; não representam, porém, os únicos serviços divinos, no setor da criação infinita.

"O apóstolo que produz no domínio da Virtude, da Ciência ou da Arte, vale-se dos mesmos princípios de troca, apenas com a diferença de planos, porque, para ele, a permuta de qualidades se verifica em esferas superiores. Há fecundações físicas e fecundações psíquicas. As primeiras exigem as disposições da forma, a fim de atenderem a exigências da vida, em caráter provisório, no campo das experiências necessárias.

"As segundas, porém, prescindem do cárcere de limitações e efetuam-se nos resplandecentes domínios da alma, em processo maravilhoso de eternidade. Quando nos referimos ao amor do Onipotente, quando sentimos sede da Divindade, nossos Espíritos não procuram outra coisa senão a troca de qualidades com as esferas sublimes do Universo, sequiosos do Eterno princípio fecundante."

— É lamentável - continuou o orientador gravemente - que a maioria dos nossos irmãos encarnados na Crosta tenha menosprezado as faculdades criativas do sexo, desviando-as para o vórtice de prazeres inferiores.

"Todos pagarão, porém, ceitel por ceitel, o que devem ao altar santificado, através de cuja porta receberam a graça de trabalhar e aprender na superfície da Terra. Todo ato criador está cheio de sagradas comoções da Divindade e são essas comoções sublimes da participação da alma, nos poderes criadores da Natureza, que os homens conduzem, imprevidentemente, para a zona do abuso e da viciação.

Tentam arrastar a luz para as trevas e convertem os atos sexuais, profundamente veneráveis em todas as suas características, numa paixão viciosa tão

deplorável como a embriaguez ou a mania do ópio.

"Entretanto, André, sem que os olhos mortais lhes observem as angústias retificadoras, todos os infelizes, em semelhantes despenhadeiros, são punidos severamente pela Natureza divina."

– Mas não é o uso do sexo uma lei natural na esfera da crosta?

Alexandre sorriu com benevolência e respondeu:

– Ninguém contesta esse caráter das manifestações sexuais nos círculos da carne, mas todas as leis naturais na experiência humana devem ser exercidas, como em toda parte, sobre as bases da lei universal do bem e da ordem. Quem foge ao bem, é defrontado pelo crime; quem foge à ordem, cai no desequilíbrio. As uniões sexuais, portanto, que se efetuem a distância desses sublimes imperativos, se transformam em causas geradoras de sofrimento e perturbação. Ao demais, não devemos esquecer que o sexo, na existência humana, pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo.

"Por isso mesmo, os homens e as mulheres, cuja alma se vai libertando dos cativéis da forma física, escapam, gradativamente, do império absoluto das sensações carnis. Para eles, a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição porque aprendem a trocar os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente, através de permutas magnéticas, não menos valiosas para os setores da Criação Infinita, gerando realizações espirituais para a eternidade gloriosa, sem qualquer exigência dos atritos celulares.

"Para esse gênero de criaturas, a união confortadora e sublime não se acha circunscrita à emotividade de alguns minutos, mas constitui a integração

de alma com alma, através da vida inteira, no campo da espiritualidade superior.

"Diante dos fenômenos da presença física, basta-lhes, na maioria das vezes, o olhar, a palavra, o simples gesto de carinho e compreensão, para que recebam o magnetismo criador do coração amado, impregnando-se de força e estímulo para as mais difíceis edificações."

Imprimiu Alexandre pequeno intervalo à palestra e, em seguida, abanando a cabeça, significativamente, observou:

— Não há criação sem fecundação. As formas físicas descendem das uniões físicas. As construções espirituais procedem das uniões espirituais. A obra do Universo é filha de Deus. O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até que venhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade. (André Luiz - *Missionários da Luz*; cap. XIII)

Conclusão

É sempre um momento de rara felicidade quando terminamos um trabalho que nos foi oferecido como oportunidade de serviço, junto aos amigos espirituais que nos orientam.

Dele resulta a libertação de dezenas de envolvidos, que recomeçam seus destinos, recebendo dos auxiliares de Jesus a bênção do auxílio fraterno, partindo em busca da saúde espiritual e dos amores deixados no passado.

Nesse período em que atuamos como auxiliares encarnados, laços sufocantes são desatados, inimizades desfeitas, doentes acolhidos, obsessões barradas, enfim, cada coração que renuncia ao ódio, abre possibilidades para abrigar a paz que um dia se estenderá por todo o planeta.

Por minha vez, na condição de maestro encarnado da orquestra mediúnica, aprendo com as lições de superação, de renúncia, de abnegação, de fracasso, de loucura, mas, sobretudo, de humildade, que surgem das pelejas entre obsessores e obsidiados, benfeitores e beneficiados.

Ninguém segue sozinho no mundo. Deus vela por todos os Seus filhos. Não há problema sem solução nem dor que nunca termine. O bem que fazemos hoje é nosso advogado a qualquer tempo e onde duas ou mais pessoas estiverem reunidas em nome de Jesus, ele ali estará presente, são verdades confirmadas em uma reunião de desobsessão.

Em cada caso que tentamos resolver sempre encontramos a figura venerável de um pai, mãe, um amigo disposto aos maiores sacrifícios para auxiliar o ser amado que momentaneamente se perdeu. São almas delicadas, generosas, que enchem de emoção até mesmo os corações endurecidos.

A única arma poderosa no combate ao ódio e à vingança é o amor. Esta é a conclusão, o resumo, a definição correta para quem quer se adentrar na desobsessão. Não saberia dizer em palavras soltas o quanto sou agradecido pelo trabalho que meus instrutores espirituais me colocaram em mãos. Para essas almas heróicas, viris, caridosas, que se exercitam em tão importante missão, amar até mesmo a quem lhes magoa, e que por falta de adjetivos às vezes chamamos de estranhas, dedico-lhes este pequeno poema.

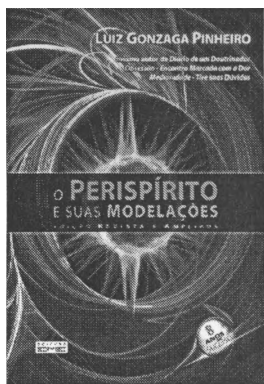
Alma estranha ou poema para o Chico

Mas que alma mais estranha
Essa que cultiva a prece
Mesmo face à dor tamanha
A pleno verão floresce
E se ferida na entranha
Do ofensor logo se esquece.

E a você, amigo leitor: prazer na leitura e persistência na prática.

Luiz Gonzaga Pinheiro

Conheça também



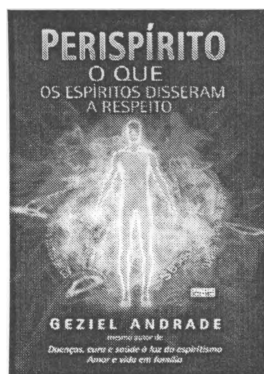
O Perispírito e suas modelações **Luiz Gonzaga Pinheiro • 16x23 • 352p.**

Com este trabalho o autor vai mergulhar mais fundo no fascinante oceano espiritual. Obra imperdível para conhecer sobre o perispírito, suas modelações e os reflexos das atitudes no corpo espiritual. "Uma notável contribuição para o espiritismo brasileiro", no dizer do escritor Ariovaldo Cavarzan

Perispírito - O que os Espíritos disseram a respeito

Geziel Andrade • 16x23 • 216p.

Por meio de uma linguagem fácil, Geziel consolidou neste livro, tudo o que os espíritos disseram a respeito do perispírito. Além de utilizar-se das informações contidas nas Obras Básicas e na Revista Espírita, Geziel visita também a vasta bibliografia de Léon Denis, Delanne, Emmanuel/Chico Xavier, Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco. Não se esquecendo do consagrado repórter do Além, mergulhou fundo também na extensa obra de André Luiz, dedicando-lhe uma das quatro partes deste trabalho.



Não encontrando os livros da EME na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você através do

Fone/Fax: (19) 3491-7000/3491-5449.

E-mail: vendas@editoraeme.com.br - Site:www.editoraeme.com.br